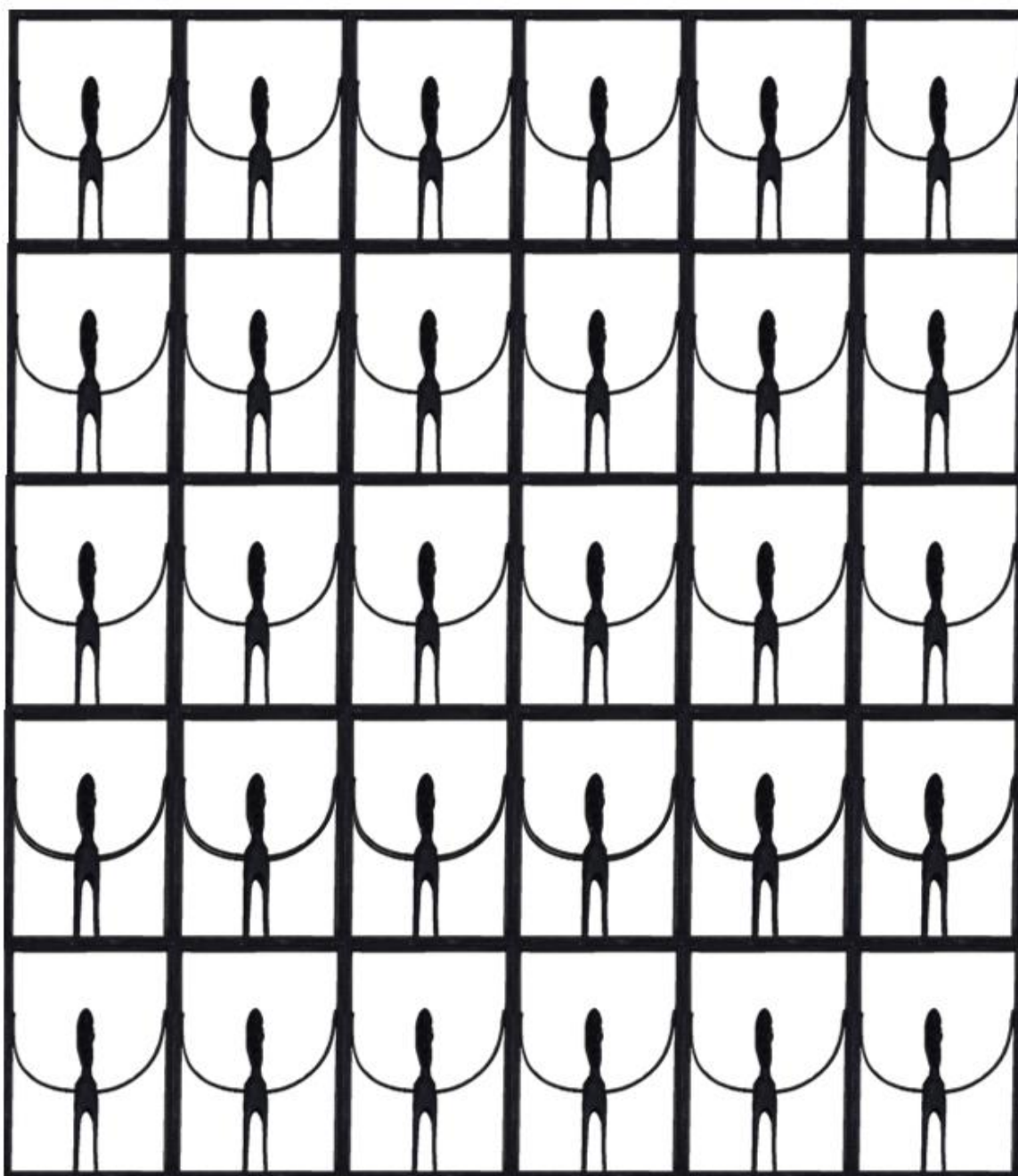


A contribuição dos arquitetos brasileiros
Jorge Hue e Janete Costa
para a ambientação de interiores residenciais



CIP - Catalogação na Publicação

Petersen, Flávia Kummer Leite

A contribuição dos arquitetos brasileiros Jorge Hue e Janete Costa para a ambientação de interiores residenciais / Flávia Kummer Leite Petersen. -- 2020. 111 f.

Orientadora: Marta Silveira Peixoto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Arquitetura Moderna. 2. Arquitetura Moderna Brasileira. 3. Arquitetura de interiores. 4. Ambientação . I. Peixoto, Marta Silveira, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura | FAUFRGS
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura | PROPARG

Flávia Kummer Leite Petersen

Orientador: Prof. Arq. Dra. Marta Silveira Peixoto

Dissertação apresentada para
banca como requisito parcial
para obtenção do título de
Mestre pelo Programa de
Pesquisa e Pós-Graduação em
Arquitetura | PROPARG

PORTO ALEGRE | NOVEMBRO 2020

Aos meus pais e à minha tia-avó Cecília Rodrigues do Amaral (*in memoriam*). Dedico este trabalho a vocês com amor.

Foto da capa: Peça “Racho”, de José Alves, discípulo de Nhô Caboclo, representante da arte popular brasileira. Com forte influência africana, a cor preta predomina nas peças. A repetição das mesmas foi uma intervenção de Janete Costa, com o intuito de utilizá-la como biombo em um de seus projetos de ambientação de interiores. Em um dos apartamentos de Jorge Hue, essa mesma peça, agora somente uma, cumpre a função de um quadro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Marta Peixoto, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa, ao meu marido André Barros Bolzani Petersen, por segurar todas as pontas, e à Rosa Salomé Borgheti pela força.

Aos arquitetos, Juliana Faccioni Heuser, Ana Eliza Pereira Fernandes, Cláudia Piantá Costa Cabral, Isadora Finoketti Mallicheski, Luísa Dresch Prediger, Éllen Cristina da Costa, Natália Oliveira Teixeira, Maicon Augusto Soares, Andréa Soler Machado, Adriana Coradini, Angelina Blömker, Andressa Klein Ferreira, Gabriel Pozzobom Silveira, Evelise Both e Luisa Sopas Rocha Brandão.

A Jorge de Souza Hue, por me receber com tanto carinho em sua casa no Rio de Janeiro e a seus filhos Francisco e José Hue pela troca de mensagens. Agradeço à Roberta Borsoi, filha de Janete Costa, pela atenção quando estive em Olinda e à Marco Antônio Borsoi, filho de Acácio Gil Borsoi.

Aos arquitetos responsáveis pelo inventário de Janete Costa, Fernando Diniz Moreira e Andrea Gáti. Ao também arquiteto, Leandro Ferreira da Silva, por abrir as portas do inventário de Janete, em Recife, e ser muito solícito. À Aruza Holanda, coordenadora da biblioteca do Instituto Ricardo Brennand, e à jornalista e escritora Adélia Borges pela troca de e-mails.

À Capes, pelo suporte financeiro que permitiu que esta pesquisa se tornasse possível, e à Rosita Borges e à Caroline pela força e paciência.

RESUMO

Este estudo analisa em conjunto, pela primeira vez, os interiores modernos brasileiros projetados por dois arquitetos: Jorge Hue (1923-) e Janete Costa (1932-2008), na tentativa de dar maior importância para a questão dos interiores, tema pouco explorado em trabalhos acadêmicos. Foram escolhidos oito projetos, quatro de cada arquiteto, executados entre 1970 e 2005 — principal período de atuação dos mesmos — em Olinda e Recife, no Pernambuco; Fortaleza, no Ceará; e na capital do Rio de Janeiro. Em seus projetos de ambientação, Jorge Hue e Janete Costa revelam a mesma compreensão ao incorporar objetos das mais variadas procedências em seus trabalhos. Percebemos em suas estratégias metodológicas o uso adequado dos espaços, ambos avessos a modismos e enfeites. Por fim, Janete Costa e Jorge Hue podem ser considerados como influenciados de forma basilar por arquitetos modernos, como Lucio Costa (1902-1998), arquiteto de grande influência nos projetos de Hue, assim como Lina Bo Bardi (1914-1992), nos projetos de Janete. Hue e Janete demonstram uma capacidade de entender as necessidades contemporâneas de seus clientes ao proporcioná-los viver em um ambiente moderno.

Palavras-chaves: Arquitetura moderna. Ambientação. Jorge Hue. Janete Costa.

ABSTRACT

This study jointly analyzes, for the first time, the modern Brazilian interiors designed by two architects: Jorge Hue (1923-) and Janete Costa (1932-2008), in an attempt to give importance to the interiors, which are not normally treated in the academic field. Eight projects were chosen, four of each architect, executed between 1970 and 2005 - their main period of activity - executed in Olinda and Recife, in Pernambuco, Fortaleza in Ceará and in the capital of Rio de Janeiro.

In his ambience projects, Jorge Hue and Janete Costa, reveal the same understanding when incorporating objects from the most varied origins. We perceive in their methodological strategies the appropriate use of spaces, both averse to fads and ornaments. Finally, Jorge Hue and Janete Costa can be considered influenced in a fundamental way by modern architects, such as Lucio Costa (1902-1998), present in Hue's projects, and Lina Bo Bardi (1914-1992), present in Janete's projects. Hue and Janete demonstrate an ability to understand their client's contemporary needs by enabling them to live in a modern environment.

Keywords: Modern architecture. Ambience projects. Jorge Hue. Janete Costa.

Sumário

SUMÁRIO	8
PARTE 1.....	9
APRESENTAÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	9
Objetivo geral.....	9
Objetivos específicos.....	9
PROBLEMA DE PESQUISA	9
METODOLOGIA.....	11
REFERÊNCIAL TEÓRICO	12
PARTE 2.....	19
INTRODUÇÃO	19
BREVE HISTÓRICO DOS ARQUITETOS.....	20
Jorge Hue (1923-).....	21
Janete Costa (1932-2008).....	26
LINHA DO TEMPO	38
PARTE 3.....	42
ANÁLISE DAS OBRAS.....	42
1. Ambientação na Rua do Amparo, 60, Olinda, PE – Arquiteta: Janete Costa em 1970.....	44
2. Ambientação na Rua Joaquim Campos Pôrto, 663/591, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1971.....	52
3. Ambientação na Rua N/l, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1985	56
4. Ambientação na Av. Niemeyer, 550, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteta: Janete Costa em 1988.....	59
5. Ambientação na Rua Gago Coutinho, 66, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1998.....	69
6. Ambientação na Av. Beira Mar, 3956, Fortaleza, CE – Arquiteta: Janete Costa em 1998.....	75
7. Ambientação na Av. Atlântica, 210, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 2005	79
8. Ambientação na Av. Boa Viagem, 1642, Recife, PE – Arquiteta: Janete Costa em 2005	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
LISTA DE FIGURAS	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE — ENTREVISTA FEITA POR FLÁVIA PETERSEN COM JORGE HUE	100

Parte 1

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação trata da obra de dois arquitetos modernos brasileiros de grande respaldo no campo de Arquitetura de Interiores, cujas carreiras tiveram destaque entre os anos de 1970 e 2005. Jorge Hue (1923-) e Janete Costa (1932-2008) foram escolhidos para essa pesquisa devido à relevância de suas obras e, também, pela carência de trabalhos acadêmicos disponíveis sobre os mesmos.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Contribuir para os conhecimentos da Arquitetura.

Objetivos específicos

Contribuir para o conhecimento da Arquitetura moderna brasileira por intermédio de uma variável não habitual: a variável dos interiores. Divulgar as obras de Jorge Hue e Janete Costa para torná-las conhecidas, principalmente no meio acadêmico.

PROBLEMA DE PESQUISA

A escolha pelos arquitetos Jorge Hue e Janete Costa se deu pela relevância de seus trabalhos dentro do campo de ambientação de interiores. Suas obras estão, em grande parte, sediadas no Rio de Janeiro e em Pernambuco e foram influenciados por importantes arquitetos do movimento moderno, como: Lucio Costa (1902-1998), no Rio de Janeiro, a partir da construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde, projetado em 1936 por ele e sua equipe; e Acácio Gil Borsoi (1924-2009), que em Recife, na década de 1950, chegou a ser considerado o embaixador de ideias da Arquitetura moderna, de matriz carioca, no Nordeste, juntamente com Delfim Amorim (BRUAND, 2014).

Jorge trabalhou com seu amigo de infância Sérgio Rodrigues no estudo de alguns ambientes do Palácio dos Arcos em Brasília/DF em 1940. Também interessava-se pelo

mobiliário colonial, a partir da influência de Henrique Liberal que o arquiteto começa a se interessar pelo mobiliário colonial brasileiro. Ele também participou do **I e II Salão de Decoradores**, ocorrido em 1956 e 1957, no Copacabana Palace no Rio de Janeiro/RJ. Em 1966, inicia-se o projeto mais importante de sua carreira. Jorge foi aprovado em um concurso, o que lhe possibilitou trabalhar com Lucio Costa na ambientação do Jockey Club Brasileiro no Rio de Janeiro — o projeto mais importante da sua carreira.

Paralelamente, Jorge atuou como o diretor da empresa familiar Companhia União entre 1948 e 1969, por isso, sua atuação profissional como arquiteto ficou, muitas vezes, em segundo plano. Apesar da importância de suas ambientações direcionadas para a elite carioca, não há grandes publicações a respeito dele, e o próprio arquiteto afirma não ter conseguido registrar bem seus projetos, mesmo que para si mesmo. Assim sendo, os projetos aqui apresentados foram coletados de um único livro, publicado em 2010 pela editora Artepádua com patrocínio do Ministério da Cultura e outros. De *Vetores de uma vocação*, foram coletadas quatro obras no intervalo de 1970 a 2005 — principal período de atuação do arquiteto.

Janete tem uma carreira de grande importância dentro da Arquitetura de Interiores, uma de suas maiores influências foi o trabalho desenvolvido por Lina Bo Bardi (1914-1992). Outra influência foi Borsoi, em uma parceria que começa na Faculdade de Arquitetura de Recife/PE entre 1952 e 1955, quando Janete foi aluna de Borsoi e se estende para a carreira profissional, quando ela começa a desenvolver alguns trabalhos a convite dele. E, ainda, na relação afetiva dos mesmos, pois Janete foi casada com Borsoi. A partir 1968, Janete começa a trabalhar no escritório do arquiteto em Recife/PE. No começo dos anos 1960, ela abriu uma loja chamada Escala que comercializava móveis e objetos de decoração mesmo antes de se tornar arquiteta. A visibilidade que essa loja propiciou abriu muitas portas para Janete.

Janete se dedicou exclusivamente à carreira de arquiteta de interiores. Suas obras podem ser encontradas em revistas, em sua maioria sobre decoração de interiores. Por ser a ferramenta que melhor divulgou o trabalho da arquiteta em caráter nacional esse trabalho usa como referência algumas dessas, tais como: **Arquitetura e Urbanismo (aU)**, **Casa & Jardim**, **Casa Vogue** e **Casa Claudia**.

Portanto, a partir das referências citadas, foram selecionadas oito obras, quatro de cada arquiteto. O Quadro 1 foi elaborado com imagens de ambientações de interiores residenciais das áreas de convívio social: salas de estar, de jantar e varandas. Os projetos analisados estão localizados nas seguintes cidades: Olinda e Recife, em Pernambuco; Fortaleza no Ceará; e Rio de Janeiro/RJ.

METODOLOGIA

O trabalho se baseou na pesquisa secundária de procurar informações sobre a vida dos arquitetos em livros e publicações disponíveis. De forma primária, foi realizada uma entrevista com o arquiteto Jorge Hue, que recebeu a autora em seu atual apartamento no Rio de Janeiro/RJ. Após, foi realizada uma visita ao Museu Janete Costa de Arte Popular, localizado em Niterói/RJ. Em outro momento, a pesquisadora realizou uma viagem para o Recife/PE e conheceu a cidade em que Janete passou seus últimos anos de vida além de, principalmente, conseguir acesso a projetos, imagens e documentos da arquiteta arquivados em seu inventário. Nessa mesma viagem, foi possível conversar com membros da equipe e familiares da arquiteta, a fim de confrontar e complementar os levantamentos e as informações obtidas.

A segunda etapa teve como tarefa principal um levantamento das obras realizadas pelos dois arquitetos para a seleção e futuro estudo mais aprofundado. Um dos critérios de seleção foi a quantidade mínima de imagens internas, já que não foi possível encontrar as plantas baixa das ambientações. No caso de Jorge Hue, por terem sido descartadas pelos arquitetos após o fechamento do seu escritório; já as de Janete, mesmo tendo sido encontradas em seu inventário, não estavam de acordo com as imagens adquiridas.

Dessa forma, foi possível elaborar uma lista das obras que continham fotos, desenhos e croquis para a escolha dos projetos que seriam analisados. Esse processo limitou a seleção dos projetos, uma vez que as fotos seriam necessárias para identificar como os elementos artísticos se combinaram na composição dos ambientes, haja vista que a planta baixa, necessária para entender a disposição do mobiliário e como ele se relaciona com o espaço interno, não estava disponível. Esse fato resultou, em todos os casos, na elaboração de um croqui de autoria da pesquisadora.

É importante ressaltar que todas as imagens dos projetos de Jorge Hue apresentadas neste trabalho foram fotografadas alguns anos depois da sua entrega, provavelmente entre 2008 e 2010, isso porque, segundo Hue (2018), as fotos de seu acervo pessoal não estavam de acordo com a qualidade exigida para a publicação no livro. Por conta disso, as obras precisaram ser fotografadas novamente, o que revelou um caráter mais expositivo para as obras, sem uma intenção de documentação. Isto diminuiu a quantidade de projetos registrados, pois muitos clientes já haviam se mudado

ou alterado o espaço interno. Um exemplo é o principal projeto do arquiteto, o Jockey Club¹ do Rio de Janeiro, que não aparece no livro.

Com essas informações e a partir dessa metodologia tornou-se possível avaliar a importância dos projetos elaborados por Jorge e Janete, bem como estabelecer uma relação entre os dois arquitetos, seus influenciadores e as conclusões decorrentes da análise.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

O marco de referência do início da arquitetura moderna no Brasil foi em 1936, com a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. O principal mentor intelectual para a construção desse edifício foi o arquiteto Lucio Costa (1902-1998), no auge de seus 34 anos, com uma equipe tão jovem quanto. Essa equipe era formada por: Oscar Niemeyer (1907-2012), Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Jorge Moreira (1904-1992), Carlos Leão (1906-1983) e Ernani Vasconcellos (1912-1989) e contou também com a participação de Le Corbusier (1887-1965). Esse último esteve no Brasil a convite de Costa e propôs o projeto em outro terreno. A troca de terreno era inviável, por isso, Lucio Costa e sua equipe elaboram o projeto a partir do croqui proposto por Le Corbusier. Uma solução definitiva foi encontrada em 1937 e a obra foi inaugurada em 1945 por Getúlio Vargas (COMAS, 1987).

O edifício do Ministério se tornou um exemplo de solução de grande porte, a partir dos elementos de Arquitetura e esquemas compositivos corbusianos. São eles: pilotis, terraço-jardim, pano de vidro, brise-soleil, planta e fachada livre, além de priorizar as condições ambientais dominantes no país (COMAS, 1987).

Como todo o projeto que busca uma nova técnica de construção, muitos obstáculos surgiram, resultando, assim, em um extenso período para a conclusão da obra. Em outubro de 1939, a equipe de arquitetos listada acima enviou ao Ministro Capanema uma carta com algumas considerações, demonstrando domínio sobre a representatividade que o edifício assumiria mundialmente (COSTA, 2018, p. 133):

A estrutura, as esquadrias, os revestimentos, a proteção contra o sol, etc... tudo obedece a processos ainda não admitidos como de uso corrente, o que certamente também concorreu para elevar o preço global de construção. Sob esse aspecto, convem acentuar ser esta a primeira vez que se empregam em obra de

¹ A autora desta Dissertação buscou fotografar os interiores do Jockey Club, porém, no período em que estava no Rio de Janeiro, o edifício encontrava-se em reforma.

tal importância e de forma assim tão clara e precisa, os princípios da nova técnica de construir, há tantos preconizado pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Há também uma convergência entre elementos de arquitetura legitimados por uma construção moderna e elementos de arquitetura das cidades mineiras do século XVIII (COMAS, 1987, p. 109), o que prova que a equipe de Lucio Costa estava atenta ao movimento moderno e a produção nacional até o momento:

Os pilotis se aproximam das palafitas em encosta, a estrutura independente de concreto armado se aproxima da estrutura de madeira vedada por taipa de sebe ou por grandes caixilharias contínuas ora envidraçadas, ora treliçadas, assimiláveis sem dificuldades ao pano de vidro e ao brise-soleil.

Lucio Costa, em *Registro de uma vivência* (COSTA, 2018), ressalta em 1987 a sensibilidade de Le Corbusier ao descrevê-lo como um regionalista e cosmopolita ao mesmo tempo. A riqueza da abordagem defendida por ele fez Costa se atentar para o uso de azulejos em algumas paredes do Ministério por sugestão de Le Corbusier (COSTA, 2018), que além de abundante e de fácil manutenção, representou uma atualização da construção colonial e imperial no país, lembrando os painéis de azulejos em velhos claustros brasileiros aplicados em edifícios modernos (COMAS, 1987).

Segundo Comas (2001), as ideias de Lucio Costa prepararam o caminho para uma *arquitetura moderna brasileira*, em vez de uma *arquitetura moderna no Brasil*, muito bem explorada pelos arquitetos cariocas a partir da Escola Carioca. Segundo ZEIN (1998), a escola carioca teve seu apogeu nas décadas de 1940 e 1950, com influências externas acrescidas de características estritamente nacionais.

Lucio Costa nasceu na França e se formou pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1922. Foi nessa mesma escola que, durante sua atuação como diretor, ele promoveu uma profunda reforma no ensino da Arquitetura. Os estudos dessa época culminaram na realização do Salão de 31, que, segundo ele, é o marco da sua primeira fase como arquiteto. Sua segunda fase consiste em uma série de projetos residenciais avulsos para lotes urbanos, intitulada *Casas sem dono*, no Rio de Janeiro. Já na terceira fase, realizou-se o projeto do Ministério (1936), já citado anteriormente, e o Pavilhão do Brasil em Nova York (1939) com participação de Oscar Niemeyer. Inclui-se, ainda nessa fase, o Parque Guinle (1940) e o Parque Hotel São Clemente em Nova Friburgo (1944). Na quarta fase, tem-se o antigo Banco Aliança (1940) e a obra do Jockey

Club (1956-72), na qual Lucio Costa cita o arquiteto Jorge Hue em *Registro de uma Vivência* como o principal responsável pela sua conclusão (COSTA, 2018 p. 18):

(...)na arrastada obra, onde interferiram vários arquitetos, da Sede do Jockey Club, (...). Esse difícil parto só chegou a um bom termo graças à feliz intervenção "cesariana" de Jorge Hue.

Na quinta fase, há a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no qual, segundo Hue (2010), novas fontes de literatura puderam ser disponibilizadas, já que os documentos até então disponíveis eram muito precários. Lucio Costa liderou esse processo desde a sua fundação, propondo que os arquitetos modernos aprendessem com a casa colonial e considerassem os 300 anos de história que essa arquitetura teve no Brasil. Na sexta fase, tem-se o Plano Piloto de Brasília e, por último, a ocupação na orla do Rio de Janeiro (1969) a partir de casas e prédios (COSTA, 2018, p. 16-19).

Para Janete, Lucio Costa deixou o seguinte depoimento em 1991 (CALC, 1993, p.16):

A Janete é um caso raro de talento e ação. Ela é uma profissional que está completando seus 30 anos de atividade, e sempre produzindo coisas e resolvendo problemas, ambientando de uma forma harmoniosa e inteligente programas dos mais complexos. É um prazer agradecer a ela a contribuição que nos tem dado à nossa profissão.

Bruand (2014) afirma que a renovação da arquitetura em Recife se deve ao estabelecimento, na capital pernambucana, de dois jovens arquitetos, um vindo do Rio de Janeiro e outro de Portugal: Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim. A filosofia semelhante desses profissionais fez surgir uma casa pernambucana com sotaque internacional que combinava o espírito ensolarado das construções pernambucanas com o ato de romper com a tradição de ornamentos suntuosos, recorrente no período eclético e neoclássico vigente (RODRIGUES, 2004).

Acácio Gil Borsoi era filho caçula do também arquiteto Antônio Borsoi (1880-1953), que foi responsável pelo interior da Confeitaria Colombo inaugurada em 1894, no Rio de Janeiro (CZAJKOWSKI, 2000), e aberta até hoje. Antes mesmo de se formar na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil em 1949, Borsoi já mantinha escritório com alguns de seus colegas, chegando a trabalhar com Afonso Reidy (1909-1964) no Rio de Janeiro, de quem teve maior influência.

O arquiteto e *designer* carioca Sérgio Rodrigues (1927-2014), que deu ao móvel moderno brasileiro grande destaque internacional com a poltrona Mole, premiada na Bienal Concorso Internazionale del Mobile, em 1961 (SANTOS, 1995), declara que Hue contribuiu como expoente na arte da ambientação, da cenografia e da decoração (HUE, 2010, p. 5):

Jorge, simplesmente com os conhecimentos adquiridos no convívio familiar além daqueles resultantes de estudos, pesquisas e análises, por iniciativa própria, elevou a tal ponto o valor dessa arte tão desvalorizada pela incompetência dos ditos decoradores e pelos inescrupulosos comerciantes de equipamentos de interior e complementos, que sua obra merece não só um estudo profundo, mas um reconhecimento por parte de professores e catedráticos, constando principalmente de currículos de universidades que tratam da matéria específica. Bastaria uma pequena leitura sobre os tópicos de seus trabalhos para alterar sobremaneira o nível profissional das pessoas dedicadas à difícil tarefa de tornar realidade o sonho de seus clientes.

No início da década de 1940, Sérgio Rodrigues foi chamado por Wladimir Murinho e Olavo Redig de Campos, ambos do Itamarati, para estudar alguns ambientes do Palácio dos Arcos em Brasília. Jorge Hue também fez parte dessa empreitada. Foi esse trabalho que os aproximou e fez com que se tornassem grandes amigos (HUE, 2010).

Em Santos (1995, p. 59), Oscar Niemeyer descreveu a importância de profissionais especializados em ambientes internos:

O problema que eu encontrei nos equipamentos dos edifícios, é que, muitas vezes o mobiliário, o arranjo interno, prejudica completamente a arquitetura. A arquitetura prevê os espaços que devem ficar livres entre grupos de móveis, e às vezes, os móveis são colocados de uma maneira imprópria, os espaços se perdem e a arquitetura fica prejudicada. [...] É claro que existem bons decoradores no Brasil, mas, quando a gente não tem sorte de encontrar um desses decoradores, o nosso projeto se prejudica.

Jorge Hue esteve entre os *bons decoradores* a que Niemeyer se referiu na citação acima, pois, durante a construção de Brasília, em 1960, o arquiteto foi convidado por Niemeyer, além de vários outros, para resolver o mobiliário e os arranjos internos dos palácios do Arcos da Alvorada e do Planalto (SANTOS, 2017).

Segundo Comas (2006), apesar da Arquitetura ser concebida como arte, no interior de um espaço há sempre o predomínio da arte do habitar, o que ele descreve como ecletismo de gosto, que é fruto da acumulação de objetos de distintas épocas,

autores e valores e Peixoto (2006), que define como "sensibilidade eclética". Como exemplo disso, Comas cita os interiores da Casa de Vidro projetada pela arquiteta italiana Lina Bo Bardi (1914-1992) em São Paulo/SP em 1951 (ORTEGA, 2008).

Lina iniciou sua carreira profissional no *Studio della Via Gesù 12*, um escritório de Arquitetura e *Design* que montou com o arquiteto Carlo Pagani meses após sua formatura, em 1940, em Milão na Itália. Com o início da Segunda Guerra, Lina se propôs a trabalhar com Gio Ponti (1891-1979). Foi a partir dessa experiência que a arquiteta passou a valorizar o artesanato italiano e a unir o moderno com o tradicional. Eis que Ponti foi considerado o arquiteto que mais contribuiu para a união da tradição, do artesanato e dos novos materiais na Itália (ORTEGA, 2008).

Foi nessa linha que Lina Bo Bardi contribuiu para a mudança dos interiores brasileiros. Formada pela Faculdade de Arquitetura de Roma em 1939, ela atuou no desenho industrial, preenchendo uma lacuna do mercado de interiores no Brasil ao afirmar, segundo Ortega (2008), que "na arquitetura moderna brasileira havia um cuidado pelas questões climáticas dos edifícios modernos, mas não do mobiliário", criando, portanto, em 1948, a Exposição Cadeira, no MASP do centro de São Paulo/SP e a Fábrica de Móveis Pau Brasil Ltda (BARDI, 1971).

Em 1950, Lina dirigiu a Revista Habitat, na qual escreveu textos que direcionavam o moderno e o vernacular para a arquitetura e o *design* brasileiro (Habitat (3):3, 1951 *apud* Ortega, 2008, p. 43):

A arquitetura [moderna] brasileira nasceu como uma bela criança, que não sabemos porque nasceu bonita, mas que devemos em seguida educá-la, curá-la, encaminhá-la, seguir sua evolução...

Em 1951, Lina criou o Instituto de Arte Contemporânea no MASP (antiga sede) do Centro de São Paulo/SP, visando preparar o público para a apreciação da arte contemporânea a partir de um curso que existiu até 1953, o qual formava *designers* com base nas premissas da Bauhaus (ORTEGA, 2008).

Além da capital paulista, Lina passou cinco anos na cidade de Salvador, período essencial para que ela aplicasse seus conhecimentos sobre o móvel colonial brasileiro no projeto da nova sede do MASP. O Museu, projetado em 1957, tornou-se um importante exemplar da Arquitetura brutalista brasileira e um marco na maneira de expor obras de arte (ORTEGA, 2008). Mesmo que a atuação profissional de Lina tenha se dado nas capitais de São Paulo e da Bahia, e Janete na capital do Rio de Janeiro e Pernambuco, sua atuação gerou forte influência na carreira de Janete. Principalmente a partir de um

exemplar de móveis e ambientações internas desenvolvidos no período entre 1947 e 1968. Segundo Grilli (2015), Janete tinha como premissa “abandonar as cópias estrangeiras e redescobrir a pátria, criando, para isso, uma identidade que pudesse ser copiada pelos outros países”.

Guimaraens (2010) salienta que não se pode falar de Arquitetura de Interiores sem citar Lina Bo Bardi, Gisella Magalhães e Janete Costa, visto que essas profissionais teriam eliminado o estilo ultrapassado de ambientação ao imporem uma moderna Arquitetura de Interiores que usufruía de novas linhas e formas. Ademais, elas ainda teriam se utilizado de novos materiais lançados no mercado para diversos propósitos além de proporcioná-los a preços acessíveis.

Em maio de 1992, Roberto Burle Marx descreveu a atuação de Janete na Arquitetura de Interiores. Segundo ele, Janete soube (NITEROI, s/d, n.p):

[...] utilizar a cor em função de outra cor, escolher os volumes dos objetos em suas analogias de forma, ordenando e agrupando-os ritmicamente, sem medo de utilizar objetos do passado. Esta constante busca de uma expressão que corresponda aos seus anseios, descobrir o segredo das coisas harmoniosas da nossa época, a coragem de utilizar a arte popular, essa arte que nasce do povo, de um povo pobre e sofrido, porém com essa força interior que qualquer artista tem que ter, Janete utiliza todos esses elementos, movido pela curiosidade que ela tem em torno da vida. [...] Aquele que conhece a casa de Janete vai descobrindo um mundo de formas e coisas de diversas épocas e procedências. É uma constante enamorada das coisas que nos dão razão de viver. As esculturas de santos são esteticamente bem escolhidas, os vidros nos levam ao mundo das transparências e reflexos.

Considerado pelo Instituto dos Arquitetos dos Estados Unidos como o criador do jardim moderno, Burle Marx morou em Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, onde foi vizinho de Lucio Costa. No final dos anos 1920, teve um problema de visão que o obrigou a iniciar um tratamento na Europa. Foi em uma grande estufa com plantas brasileiras, no Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, que sua formação como paisagista se iniciou, além de se tornar pintor e ceramista. Ao retornar ao Brasil, Lucio Costa indicou Burle Marx para o projeto paisagístico da casa de Alfredo Schwartz, em 1932 — casa que Lucio Costa já havia projetado. Isto o colocou em contato íntimo com Gregori Warchavchik (1896-1976), sócio de Lucio Costa na ocasião. Marx também conheceu Oscar Niemeyer ao iniciar os estudos na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro (GUERRA, 2002).

Jorge de Souza Hue se formou em Arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1947. Foi nesse cenário que Hue atuou como

arquiteto até a década de 1960, quando as raízes brasileiras ganharam forças orientadas por um *estilo nacional*. Nesse mesmo período, surgiu a visão ideológica de Vilanova Artigas (1915-1985), na fase chamada *brutalista*, a qual resultou na preocupação da profissão de arquiteto como função social e como forma de resolver o problema da habitação popular (MONTANER, 2013). Um ano depois, em 1961, Janete Ferreira da Costa (1932-2008) se formou arquiteta pela antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ.

A atuação profissional de Hue foi prática, o que permitiu, em 1999, a publicação do livro *Uma Visão da Arquitetura Colonial no Brasil*, que aborda, conforme a titulação autoexplicativa, a unidade plástica da Arquitetura colonial brasileira. Em 2010, lançou outro livro chamado *Vetores de uma vocação*, que reúne, em dois volumes, seus principais projetos de ambientação de interiores com um breve histórico de cada um, além de croquis e alguns textos sobre o profissional. Esse livro serviu de base para esta pesquisa e destaca um importante dado que paira no principal argumento desta pesquisa: não há publicações científicas sobre os projetos desse arquiteto. Por fim, um texto de Hue aparece na apresentação do *Dicionário de artes decorativas & decoração de interiores*, publicado em 2011, de Stella Moutinho, Rúbia Bueno do Prado e Ruth Londres.

Janete Ferreira da Costa nasceu em Garanhuns/PE em 3 de junho de 1932 e faleceu em Olinda/PE em 28 de novembro de 2008. Há apenas uma publicação referente aos trabalhos da arquiteta, denominada *Interiores*, lançada em 1993 pela Editora Index em comemoração aos seus 30 anos de carreira da profissional. No âmbito científico, há a Dissertação de Mestrado *Arte e Artesanato na Arquitetura de Interiores Moderna de Janete Costa*, defendida em 2014 pela arquiteta pernambucana Andréa Halász Gáti.

Este trabalho se fortalece nessa vertente. Atualmente, há pouquíssimas publicações sobre os projetos de interiores desses arquitetos, que foram basilares para a continuidade da identidade brasileira tão difundida pelos arquitetos modernos.

PARTE 2

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se tornou possível graças à nova abordagem defendida por Peixoto (2006), a qual amplia o espectro da Arquitetura moderna, considerando que estamos acostumados a ver, em Dissertações e Teses, apenas a descrição de elementos arquitetônicos e a análise espacial, e não a ambientação interna. O pouco material acadêmico sobre o assunto e o preconceito dos profissionais ao considerar essa área como *uma arte menor* se opõem aos princípios da Arquitetura moderna, por meio do termo *gesamtkunstwerk*, que define os espaços como contínuos e unitários, sem separação entre interior e exterior, ou seja, a ambientação interna pensada como parte do projeto arquitetônico (PEIXOTO, 2006).

O termo *ambientação* se refere à escolha de todos os objetos que habitam a casa. Um conjunto formado pela distribuição e pelo desenho do mobiliário, de elementos fixos e móveis e do projeto de iluminação e pela escolha dos tecidos das cortinas e estofamentos, além da determinação de cores, texturas e materiais de revestimento das estruturas e vedações (PEIXOTO, 2006). Hue (2010) corrobora ao ensinar que ambientar corresponde à arte de criar espaços com a finalidade de abrigar variadas atividades humanas. Segundo Peixoto (2006), a área de *Arquitetura de Interiores* é pouco valorizada e discutida, pois há um grande preconceito com a figura do decorador, que até hoje disputa oportunidades de mercado com os arquitetos.

Até os anos 1900, o mobiliário era distribuindo próximo das paredes, o que deu origem a um fenômeno chamado *ring of chairs*, ou anéis de cadeiras. Neste, a mobília era montada no centro do espaço e, após o uso, retornava ao lugar de origem, isto é, encostado na parede, evidenciando que o móvel podia mudar de lugar para atender às necessidades momentâneas dos usuários. Nessa época, o mobiliário fazia parte das paredes e era desenhado pelo arquiteto que projetava o edifício. Com o passar dos anos, o mobiliário sai da parede, ganha estofamento e conforto. Começam, então, a surgir: cadeiras conversadeiras, sofás de três lugares com duas poltronas e banquetas. Essa densidade foi bastante representada pelas casas burguesas europeias e refletida no Brasil, haja vista que os estofados do interior da casa eram trocados a qualquer momento a partir da contratação dos chamados *tapeceiros*, que trocavam todo tipo de pano. Com a principal função de adaptar os interiores às novas necessidades dos usuários, esses profissionais passaram a ser chamados de *decoradores* e eram contratados

independente do arquiteto. A ambientação de interiores ficou, por essa razão, completamente desconectada da concepção do edifício (PEIXOTO, 2006).

Com o surgimento do movimento moderno, composto por estrutura independente e fachada de vidro, o interior dos espaços passou a ser visto como elemento essencial do projeto arquitetônico, o que na prática não acontece. A investigação entre o discurso e a prática da Arquitetura moderna abre espaço para novos fenômenos. Como mais recentemente, os ambientes funcionais, que alteraram a função do mobiliário, antes móveis, agora são fixos, definindo, assim, os espaços de acordo com os usos. Esse fenômeno só é possível identificar graças à atuação profissional de Jorge Hue e Janete Costa: a área de Arquitetura de Interiores é relativamente desprezada pelos meios acadêmicos, o que resulta em publicações sobre esses arquitetos com pouco rigor e em revistas estritamente comerciais voltadas para o cliente final.

BREVE HISTÓRICO DOS ARQUITETOS

Em uma entrevista concedida à pesquisadora em 2019, Jorge Hue afirmou ter conhecido Janete e que inclusive a visitou em sua última residência, em Olinda/PE. Ambos foram profissionais atuantes na área de Arquitetura de Interiores, mais precisamente na ambientação interna residencial e comercial. A seguir, serão apresentadas informações relevantes sobre a trajetória de vida pessoal e profissional de Jorge Hue e Janete Costa.

Jorge Hue (1923-)

Jorge Hue nasceu em 16 de agosto de 1923, no Rio de Janeiro. Sua família paterna foi originária da Normandia, norte da França, e a materna de sesmeiros desde o tempo de Salvador Correia de Sá. Seu bisavô chegou ao Rio de Janeiro em 1838 e fundou uma empresa de navegação de capotagem, aquela realizada entre portos de diferentes nações, que por muito anos se manteve, até a chegada de uma grande crise que atingiu toda a atividade naval. Com isso, o avô de Hue assumiu as responsabilidades que eram de seu bisavô e, depois de muito trabalho, em 1882, criou a Companhia União, na qual Hue trabalhou como diretor até 1969, em paralelo a sua atuação como arquiteto. A empresa abastecia água para diversos pontos do Rio de Janeiro e fornecia todos os produtos necessários para o fretamento de uma embarcação, como alimentos frescos, fumo e charque, por exemplo (HUE, 2010).

As casas do bairro de Botafogo tinham muitos problemas de umidade causados por fundações, pois até então, não se usavam cintas de concreto, mas, sim, baldrame de tijolo e pedra. Algo que poderia ser considerado um incômodo, na verdade, se tornou um pretexto para a mãe de Hue, Ophelia Pereira de Souza, que adorava comandar grandes reformas, fazê-las a cada dois anos. Jorge cresceu em um ambiente depurado, porém muito formal e pouco confortável. Embora nessa época começavam-se melhorias das condições sanitárias, de eletricidade e da comunicação (telefone) e, até mesmo o surgimento do automóvel, a casa burguesa brasileira mudou muito pouco entre o final do século XIX e início do século XX, além disso o móvel brasileiro era escasso e não valorizado.



Figura 1 – Jorge Hue em entrevista concedida à autora | Fonte: Acervo da Autora, 2018.

Apesar de Hue ter sido criado acompanhando as transformações da época, os interiores da casa brasileira ainda estavam presos ao conceito e à estética francesa (HUE, 2010). Os primeiros pensamentos modernos que Hue teve foram influenciados por sua professora particular Cândida Curvelo de Mendonça, contratada depois de Hue sofrer um acidente em um de seus dedos da mão durante o recreio de sua escola. Em 1935, seguindo a tradição de seu pai, Hue ingressou no Ginásio Santo Inácio, no qual conheceu o seu grande amigo, Antônio Carlos Marinho Nunes, cuja irmã, Anna Luiza, veio a se tornar esposa do arquiteto em 1947, enquanto a prima de Hue, Germana, a esposa de Antônio (HUE, 2010).

Hue ingressou na faculdade de Arquitetura em 1942 e se formou em 1947. Segundo ele, no quadro de disciplinas, não havia uma que abordasse o tema específico *interiores*, a que mais se aproximava e a que ele julgou ser a base de sua formação, foi a Arquitetura Analítica, cuja duração era de dois anos. Essa disciplina abordava as formas e representações, desde as pirâmides do Egito até o acervo colonial brasileiro, e assim ele pode entender a Arquitetura como um todo. Hue também se formou em Ciências Sociais, ambas faculdades foram cursadas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) (HUE, 2010).

A casa em que Hue cresceu, no bairro Botafogo, foi, segundo ele, fundamental para a sua formação. Ele se lembra da passagem bastante anunciada do balão dirigível zepelim, de invenção alemã, que era muito usado para travessias transatlânticas na década de 1930. Hue acordava cedo para ver o dirigível passar muito próximo da sua casa. Lá, ele desenvolveu o hábito da contemplação, que julga ser obrigação de todos. Em Hue (2010, p. 261), consta:

Nesse espaço, imenso para mim, aprendi sobre o comportamento dos bichos e tudo o que sei sobre luz e sombra. Uma das memórias incríveis que tenho dele é o primeiro monólito que conheci, o morro do Corcovado, ainda sem o Cristo, que só foi erguido em 1931. Durante oito anos, acostumei-me a olhar a montanha sem ele.

Foi no canteiro de obras, durante a montagem da estátua do Cristo Redentor, que Hue pôs em prática suas habilidades de contemplação e passou a enxergar as obras que havia conhecido por meio dos livros. A cabeça e as mãos, enquanto não instaladas, fizeram-no se lembrar da ilha Lilipute², cujos habitantes são minúsculos: o arquiteto se imaginou escalando os dedos do Cristo. Para ele, a obra ainda é um exemplo de beleza, proporção e simplicidade.

² **As Viagens de Gulliver**, de Jonathan Swift, um dos primeiros livros lidos por Hue.

Hue também leu **Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carroll, **Robinson Crusoe**, de Daniel Defoe, e **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes. Em **Robinson Crusoe**, Hue aprendeu como era essencial ter em mente o que é possível realizar e, por intermédio do processo construtivo, a noção de dimensão das coisas e de projeto. Foi a leitura que abasteceu, e ainda abastece, a sua formação. O livro **Relíquias da Bahia**, de Edgard de Cerqueira Falcão (1904-1987), foi responsável por um dos primeiros *choques estéticos* de Hue. Nele, Jorge identificou o gesto espanhol trazido pelos colonizadores, o que influenciou o barroco simplificado e humanizado do brasileiro (HUE, 2010, p. 278): “A vida se faz através de choques estéticos. Eles não são uma surpresa, porque estão ancorados em nós. Quando nos sentimos prontos, aí os percebemos”.

Em 1930, Hue começou a desenvolver o interesse pelo mobiliário brasileiro por influência de Henrique Liberal, que, segundo Mancuso (2004), foi um decorador que revolucionou todas as formas de ambientar uma casa a partir de ideias trazidas de Paris. Até então, o móvel brasileiro antigo era usado como uma peça de cenário, de maneira simbólica, por colecionadores esclarecidos. A solução para Jorge foi frequentar antiquários do Rio de Janeiro e São Paulo, onde aprendera muito. Francisco Marques dos Santos, Magalhães, Erwin Esslinger, T. Kobylanski, R. Stuber, Barcinski e Madame Marques foram os principais antiquários que o arquiteto frequentava. Ademais, os colecionadores Raymundo de Castro Maya, E. G. Fonte, Guilherme e Arnaldo Guinle, a baronesa de Bonfim, Tobias do Rego Monteiro, o comendador Riso, Cândido e Maria Cecília de Paula Machado e Paulo e Maria Cecília Geyer eram conhecidos de Hue, e também influenciaram sua formação. Essa experiência possibilitou que Hue compreendesse o relevo da madeira, identificando se era anterior ou não ao processo industrial, como eram seus encaixes e de que modo esses materiais haviam sido esculpidos (HUE, 2010).

Jorge Hue frequentou, durante três anos, o ateliê de Pedro Correa de Araújo (1930-2019), pintor pernambucano que morou em Paris, mas que retornou ao Brasil pouco antes da Segunda Guerra. Assim, ele aprendeu com o artista a relação entre forma, volume e diversos tipos de composição.

Os navios também exerceram um importante papel na formação de Jorge Hue. O Normandie tinha, ao seu serviço, os melhores decoradores e escritórios da época. Com o início da Segunda Guerra, em 1939, milhares de europeus embarcaram nesse navio rumo ao Brasil. O conhecimento trazido por eles acabou por impulsionar novas tecnologias, a Ciência, a Filosofia e a Arquitetura. Com o fim da guerra, os transatlânticos voltaram a circular, mas assinados por mestres como Gustavo Pulitzer (1887-1967), Gio Ponti (1891-1979), Nino Zoncada (1898-1988) e André Arbus (1903-1969) (DANTAS, 2015). Hue, pela

primeira vez, teve contato com as obras do arquiteto e *designer* Gio Ponti e de Piero Fornasetti, cujos móveis representaram uma retomada do estilo renascentista (HUE, 2010). Jorge Hue conheceu Sérgio Rodrigues (1927-2014) em 1939, quando eles tinham 16 e 12 anos, respectivamente. Rodrigues foi com um pequeno grupo de colegas do Colégio Santo Inácio conhecer o famoso Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Hue conta que na ocasião convidou Rodrigues para jogar bola, porém sua função se limitou a buscá-las, já que ainda fazia parte do *grupo dos pirralhos*. Mesmo assim, a elegância e a gentileza de Hue chamaram a atenção de Rodrigues, que, a partir daí, referia-se a ele como “o mestre e seu gandula”. A partir desse momento, encontravam-se em reuniões na companhia do primo de Rodrigues, Candido Mendes.



Figura 2 – Interior do Jockey Club | Fonte: Hue, 2010.

Em 1966, Hue conheceu Lucio Costa ao ser aprovado em um concurso do Jockey Club no Rio de Janeiro, cujo trabalho estava destinado à coordenação da execução do projeto e à ambientação interior da sede, que tinha um grande acervo de móveis e obras de arte. Foi a partir dessa obra que os dois arquitetos se tornaram grandes amigos (Figura 2). Hue lembrou, na entrevista concedida à pesquisadora, que, ao analisar o projeto de outro arquiteto, Lucio Costa ressaltava primeiro os aspectos positivos e depois listava o que não gostava. Jorge atribuiu essa tolerância à formação inglesa de Lucio Costa (HUE, 2010).

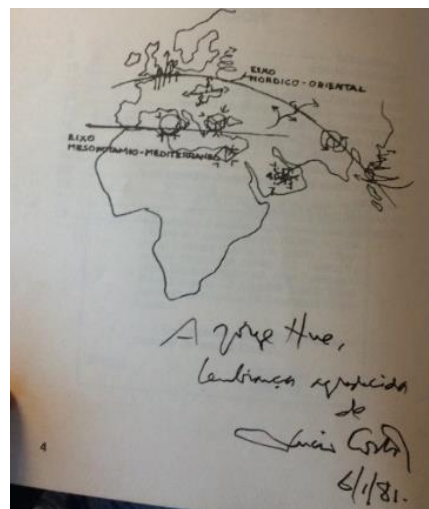
Em 2002, Hue participou do seminário: **Um século de Lucio Costa**, realizado no Rio de Janeiro, o qual contou com a participação de especialistas de diversas áreas, como o historiador de arquitetura Yves Bruand, por exemplo, dando origem ao livro **Lucio Costa:**

um modo de ser moderno. Esse livro mostra a intenção do arquiteto ao produzir habitações que se adaptassem ao modernismo internacional e às necessidades climáticas e culturais do Brasil (CONDURU, 2004). Jorge Hue também foi amigo e parceiro de Roberto Burle Marx (1909-1994) e Oscar Niemeyer (1907-2012), além de ter se encontrado algumas vezes com Le Corbusier (1887-1965).

No dia 21 de novembro de 2018, a autora realizou uma entrevista com Jorge Hue no atual apartamento do arquiteto, no edifício Brunelleschi, localizado na Rua Povina Cavalcanti, 153, bairro São Conrado, no Rio de Janeiro. Em quase quatro horas de conversa com a autora, Hue apresentou sua coleção de livros, inclusive um que guarda com muito carinho: o livro que ganhou de Lucio Costa em 1981 com a dedicatória do arquiteto (ENTREVISTA, 2018). Hue também mostrou o material que elaborou para um curso sobre a Revolução Francesa, ilustrado através de seus desenhos de cadeiras e promovido por Anna Luiza, sua esposa (HUE, 2010). Na Figura 5, um desenho de Hue mostra uma sala de estar com móveis de Tenreiro em harmonia com objetos corriqueiros, como o livro e vaso em cima da mesa. Jorge Hue tem 97 anos, sete filhos, dezesseis netos e oito bisnetos. Dois filhos arquitetos, o primogênito, Jorge Eduardo Hue, também era, mas já faleceu (HUE, 2018).



Figura 5 – Croqui de Jorge Hue para uma sala de estar em 1951 | Fonte: Hue, 2010.



Jorge Hue | Fonte: Costa, 1980.

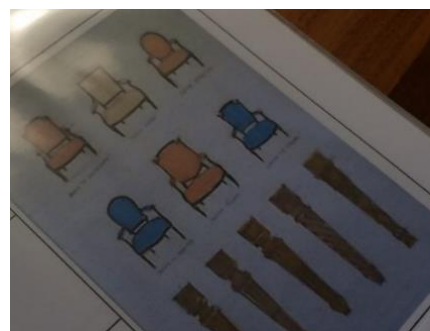


Figura 4 – Desenho de cadeiras: curso sobre a Revolução Francesa ministrado por Jorge Hue | Fonte: Acervo da autora, 2018.

Janete Costa (1932-2008)

Janete Ferreira da Costa nasceu no dia 3 de junho de 1932 em Garanhuns, Pernambuco. O pai de Janete era mecânico eletricitista especializado em usinas geradoras de eletricidade, o que permitiu que ele chefiasse diversas unidades fora de Garanhuns. Janete tinha quatro anos quando seu pai recebeu a primeira proposta de mudança. Sua família se mudou para João Pessoa/PB e pouco tempo depois para Paulista/PE, onde moraram em uma casa de frente para o mar na Praia de Conceição entre 1939 e 1947. Depois, Janete retornou a Garanhuns para morar com seus avós, após descobrirem que a Praia da Conceição havia virado zona de malária. Seus dois irmãos mais novos, Dirce e Geraldo, seguiram morando na Praia de Conceição por não estarem em idade escolar. Algum tempo depois, todos foram morar em Recife, já que o pai de Janete recebera uma nova proposta de emprego, cuja base seria a capital de Pernambuco. Tais mudanças permitiram que a família viajasse bastante e conhecesse diversas cidades (COSTA, 2009).

Em 1947, mudaram-se todos para Natal, onde ficaram durante sete anos em uma casa com piano, acordeão e toca-discos. Por conta disso, os filhos tinham aulas de música e vozes reconhecidamente afinadas. Os pais de Janete faziam tudo pela educação dos filhos, e como as condições de vida eram boas, buscaram aprofundar o gosto e o conhecimento pela música (COSTA, 2009).

Janete havia iniciado o curso de Arquitetura e, por consequência, recebeu a tarefa de projetar uma casa em um loteamento, cujo nome era Cirolândia. A casa continha três quartos, sala de estar, sala de jantar, copa, cozinha, varandas laterais e frontais, jar-



Figura 6 – Janete Costa em entrevista à edição especial da revista *Claúdia* | Fonte: Edição especial, 2005.

dim e, por unanimidade, uma sala de música (COSTA, 2009).

Algum tempo depois, todos foram morar em Recife: o pai de Janete recebera uma proposta de emprego para a capital de Pernambuco. Tais mudanças permitiram que a família viajasse bastante e conhecesse diversas cidades (COSTA, 2009).

Seu pai intermediou a execução fiel ao projeto idealizado por ela. Janete desenhou móveis, lustres com *mangas* leitosas para lâmpadas incandescentes, porões, nichos e roda-teto em gesso moldado, e conjunto de sofás em madeira compensada, espuma de borracha e tecido. Ela detalhou também a varanda frontal, as duas laterais e os portões do jardim em madeira maciça com coroamento dos muros em sucupira recortada em serra de fita. Este foi o seu primeiro projeto de arquitetura e ambientação de interiores, antes mesmo de sua formatura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1961, embora tenha iniciado o curso na Faculdade de Pernambuco (COSTA, 2009).

Em entrevista concedida a Adélia Borges, Janete disse ter interesse pela profissão de arquiteta desde muito jovem. Aos quatro anos, ela e os irmãos iam para a casa de uma amiga, enquanto as crianças brincavam, Janete ficava sentada em frente a uma cristaleira, admirando e desejando pegar na mão os copos coloridos que via. Dizem que ela teria cortado um lençol para fazer um vestido e realizado um abajur de papel crepom, colocado na casa em que moravam. Mais tarde, enquanto moradora de Olinda, Janete teria exprimido a sua criatividade não só na costura, mas também na cozinha, tendo, aos 15 anos de idade, realizado a sua primeira decoração para o Baile das Garotas, cuja inspiração foram os desenhos de Alceu Pena (DESIGN INTERIORES, 1991).

De férias, Janete retornou à casa dos pais com o projeto da casa de Cirolândia em mãos. Também com a intenção de se casar com Maurício Santos, seu colega de faculdade. A inauguração da casa aconteceu em 1954, mesmo ano de seu casamento. Em 1955, o pai de Janete recebeu outra proposta de trabalho em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Após o casamento, Janete e Maurício passaram a morar em um pequeno apartamento no bairro Madalena, em Recife. Ela engravidou e decidiu ter a primeira filha perto dos pais, em São Gonçalo, transferindo-se, portanto, para a faculdade Universidade do Brasil, na época situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, atualmente conhecida como UFRJ. Maurício seguiu morando em Recife até se formar em Arquitetura. A primeira filha de Janete nasceu em 1956, a segunda em 1958 e o terceiro filho em 1960 (COSTA, 2009).

Para viabilizar a frequência da estudante nas aulas, uma vez que a cada gravidez a faculdade era interrompida, Janete ganhou de seu pai um apartamento em Ingá para

morar com o marido e os filhos no bairro Niterói, no Rio de Janeiro. O endereço ficava perto do novo campus (a Ilha do Fundão), próximo à Ilha do Governador. Nessa época, Janete começou a manipular vidros de diversas formas e cores, os quais, após sua intervenção, ganhavam formas e utilidades diferentes, além de peças em prata desenvolvidas por um ourives de sua confiança. Os objetos eram todos vendidos para conhecidos (COSTA, 2009).

Antes mesmo de se formar, Janete já desenhava alguns móveis e elaborava projetos de ambientações para quartos de crianças e salas de estar de consultórios. Com o objetivo de atender melhor os clientes, Janete e Maurício abriram um escritório atelier com demonstração de peças desenhadas por eles, além de móveis e equipamentos executados por fornecedores terceirizados (COSTA, 2009). Em 1960, Janete abriu a loja de móveis e objetos de decoração, chamado Escala, na Praia de Icaraí, em Niterói, na qual comercializava móveis de *designers* brasileiros, como Joaquim Tenreiro e Sergio Rodrigues. Essa loja era composta por ambientes de estar e dormitório com forro rebaixado, iluminação e objetos decorativos que demonstravam, aos visitantes, algumas possibilidades de ambientação (CONTE, 2017). Esse início, porém, não foi fácil, pois, segundo a revista **Design Interiores** (1991), Janete afirmou que ela, Maurício e os sócios Bernardo Tuní e Ana Mantel eram péssimos comerciantes.

Janete ficou conhecida na mídia nacional e internacional, pois soube aproveitar o reconhecimento conquistado ao projetar fazendo uso de materiais novos e que, até aquele momento, eram inacessíveis para o grande público. Ela explorou vários estilos em um mesmo ambiente, considerando os limites de proporção, harmonia, cores e de materiais. Essa época também marcou o fim da importação de chapas de cristal que começaram a ser fabricadas no Brasil (COSTA, 2009).

Janete projetou diversas linhas de móveis, como o *Duplo T*, vendidas para as Secretarias de Estado. O conjunto de móveis e equipamentos denominado *Senzala* foi vendido para todo o Brasil. Era inspirado em uma cama de escravo comprada em um antiquário, em madeira maciça, cujo público-alvo eram jovens casais, já que se adequava a todos os tamanhos de ambientes (COSTA, 2009). Essa linha de móveis buscava recuperar o elo perdido entre o móvel popular brasileiro e o período colonial. Com preço acessível, a linha englobava salas e quartos em madeira maciça cavilhada. Algumas mesas usavam tampo em azulejo colonial, sendo que todos os móveis eram desmontáveis e modulados para facilitar a aquisição. Janete chegou a fornecer essa linha para 300 casas que estavam sendo construídas em Minas Gerais (DESIGN INTERIORES, 1991).

Janete projetou também uma linha completa de móveis estofados para a Fábrica Ardecora, cujos modelos receberam os nomes dos netos da arquiteta. Além disso, a Fábrica Art Linea contratou Janete para a elaboração de uma linha de estofados para residências, comércio e hotelaria. Essa última fábrica contemplava todos os revestimentos disponíveis na época e permitia adaptações, de modo que se adequava ao layout. Todas as coleções eram desenvolvidas pelo escritório, com assistência técnica de colegas arquitetos e a supervisão de Janete (COSTA, 2009).



Figura 7 – Catálogo Ardecora – Lado A | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.



Figura 8 - Catálogo Ardecora – Lado B | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.

Em 1951 Acácio se mudou para Recife (WOLF, 1999) para ministrar, entre outras disciplinas, a de *Composições de Arquitetura* na Escola de Belas Artes. Janete foi aluna de Borsoi, eles se aproximaram e decidiram ficar juntos. Com a parceria de Borsoi, Janete passou a ter compreensão do espaço arquitetônico junto com o mobiliário, pois até então ela tinha um pensamento focado na decoração e nos objetos em si. Essa parceria possibilitou a junção da Arquitetura, em produções de edifícios comerciais, residenciais e administrativos, ao *design*, bem como a sua atuação na Arquitetura de Interiores. Janete também afirmou, em entrevista, que nessa época identificou claramente a falta de compreensão que seus colegas tinham nos espaços interiores, inclusive de Borsoi (DESIGN INTERIORES, 1991).

O escritório Borsoi Arquitetos Associados foi inaugurado em 1968, sediado na Av. Engenheiro Domingos Ferreira, nº 92, bairro Pina, em Recife e chegou a ter uma equipe de 30 pessoas. O casal morou nesse endereço durante dois anos. Em 1970, Janete e Borsoi se mudaram para uma casa antiga na Ladeira da Misericórdia, nº 60, em Olinda/PE. Com o tempo, a casa teve seu tamanho triplicado devido à inclusão de mais duas casas vizinhas adquiridas em diferentes datas. Esse conjunto de três casas do período colonial ainda pertence à família, assim como o escritório em Recife. Atualmente, a casa localizada em Olinda é a residência da única filha do casal, a arquiteta Carmen Roberta Gil Borsoi (1972-). Já o escritório, passou a ser a sede do também arquiteto Marco Antônio Gil Borsoi — um dos quatro filhos que Borsoi teve em seu primeiro casamento. Os principais projetos desenvolvidos por Borsoi foram: o Pronto-Socorro, em 1951, o atual Hospital da Restauração e o Museu de Arte Moderna em 1955 (ambos em Recife); a residência de José Macedo em Fortaleza/Ceará, em de 1957; um ano depois a residência de Cassiano Ribeiro Coutinho, em João Pessoa, na Paraíba, cujos jardins foram projetados por Burle Marx, e o projeto para Cajueiro Seco, que tinha como objetivo criar um protótipo de habitação básica com pré-moldados em taipa para o governo de Miguel Arantes em 1962. Nos anos 1963, 1967, 1971, 1972, 1977, 1979 e 1985, Borsoi projetou, em Recife, o Edifício de Escritórios Santo Antônio, o Residencial Mirage, o Edifício-sede do Bandepe e os residenciais Portinari, Rembrant, Debret e Maria Juliana — esses três últimos com varandas salientes e janelas em relevo, uma volumetria marcada por recortes e cavidades capazes de permitir a proteção dos raios solares e ventos característicos da região (WOLF, 1999).



Figura 9 – Acácio Gil Borsoi e Janete Costa | Fonte: Costa, 2009.

Janete não se envolvia com o processo de criação das edificações, pois dizia que Borsoi sabia fazê-lo muito bem. Em muitos casos, o cliente contratava Borsoi e Janete para atuar nos interiores das residências e áreas comuns dos edifícios.

Em 1962, Janete conheceu Joaquim Tenreiro ao iniciar um curso ministrado por ele. Nessa época, Tenreiro era o seu grande ídolo (DESIGN INTERIORES, 1991). Após anos de convivência e amizade, em 1998 ela se tornou curadora da exposição sobre *design* de móveis de Tenreiro, no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói (COSTA, 2009). Tenreiro foi pioneiro no uso de materiais nacionais que nos aproximam de nossa realidade cultural, de modo que seu trabalho trouxe leveza ao móvel ao evoluir bastante no desenho técnico, mas pouco nos materiais. Suas peças eram fabricadas com madeiras de lei, principalmente jacarandá, o que vinculou suas obras aos esquemas dos interiores europeus (TENREIRO, 1985).

Além de Borsoi, Roberto Burle Marx (1909-1994) também teve uma importante participação na atuação profissional de Janete. De acordo com o filho de Janete, Mario Costa Santos, ela e Burle Marx eram muito próximos e Marx sempre pedia a opinião de Janete sobre seus quadros.

Outro dado importante foi a compra de um sítio na Estrada Roberto Burle Marx, nº 2019, Barra Guaratiba, no Rio de Janeiro. Preservado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que reúne uma das mais importantes coleções de plantas tropicais e semitropicais do mundo em 400 mil m² (IPHAN, s/d). Burle Marx residiu nesse sítio de 1973 até a sua morte em 1994. O Ateliê RBM fora construído um ano antes, em 1993, sendo que o último prédio foi projetado por Borsoi, com interiores assinados por Janete Costa. Segundo Gáfi (2014), o espaço consiste em um salão-ateliê, biblioteca de arte, quarto de dormir e uma pequena copa.

Thazia Maria Lamartine, editora responsável pela revista **Casa & Jardim** na época da atuação profissional de Janete, acompanhou a carreira de Janete e sempre utilizou os projetos dela como exemplos em suas publicações. Como consequência disso, no meio editorial, brincava-se que a revista deveria se chamar, na verdade, *Casa & Janete* (COSTA, 2009).

Essa mesma revista cedeu espaço para a propaganda de algumas lojas. O caderno denominado *Suplemento Especial* da revista **Casa & Jardim** da edição nº 450 publicou o seguinte texto: “Os móveis da Forma assinados por Breuer, Mies, Bertola e Cini Boeri frequentemente fazem parte dos projetos de Janete Costa. O que é uma prova indiscutível do quanto eles valorizam um ambiente com a arte do seu design”.

Na mesma revista, sobre a loja Probjeto, falava-se: “Ao lado, a arquiteta em sua residência. Aqui, a obra de arte de Le Corbusier, a chaise-longue LC.4, um dos produtos da coleção Cassina/Probjeto, que os grandes profissionais, não só especificam, mas também utilizam” (CASA & JARDIM, 1992). Esses produtos podem ser vistos nas Imagens 12 e 13.

O interesse da revista **Casa & Jardim** cresceu quando Adélia Borges começou a encontrar vários arquitetos que se apresentavam dizendo ser da *Escola Janete Costa*. *Escola* no sentido de, segundo Gáti (2014, p. 15), ser um “sistema, doutrina ou tendência estilística de pensamento de um grupo de pessoas que se notabilizaram em algum ramo do saber ou da arte”. Janete se definia como arquiteta de interiores, mas também como decoradora por conta do hábito de *enfeitar* seus projetos. Ela era também *designer*, pois criava a maioria dos móveis, lidando com materiais como granito, mármore, vime, vidro, madeira e metal (DESIGN INTERIORES, 1991). Segundo a revista **A&D** (1988), a *Escola Janete Cota* se apoiava em três pontos básicos: (a) os valores sentimentais dos clientes; (b) a importância de trabalhar com materiais disponíveis na região; (c) a pesquisa de recursos locais com o objetivo de viabilizar a obra. Em 1995, Janete participou da Mostra Casa Cor Rio de Janeiro e projetou uma sala de jantar em estilo art déco dos anos 1930.



Figura 10 – Acácio Gil Borsoi, Burle Marx e Janete Costa | Fonte: Costa 2019.



Figura 11 – Ambientação do ateliê de Burle Marx | Fonte: Acervo de Janete Costa



Figura 12 – Propaganda para a loja Forma | Fonte: Casa & Jardim, 1992.



Figura 13 – Propaganda para a loja Probjeto | Fonte: Casa & Jardim, 1992.

A mesa com base cromada e tampo de vidro fumê foi desenhada por Janete e executada pela Triade. As cadeiras, do início do século, eram do antiquário de Mario Santos, filho da arquiteta, que também contribuiu com a elaboração do espaço. As paredes, em dois tons de verde, tiveram painéis em madeira pintada. Na estante de cristal, havia vasos do francês René Lalique, da coleção de Janete. O carpete da Tabacow foi desenhado por ela, inspirada em um tabuleiro de damas (Acervo Janete Costa, 2019).

Anos mais tarde, um casarão construído nos anos 1930 foi sede da primeira edição do Casa Cor Pernambuco, em 1997, do qual 88 profissionais participaram, em um espaço de 43 ambientes. Janete Costa projetou o *living* da sede a partir da cerâmica preta de Francisco Brennand. Os tons neutros contrastaram com a maior parte do mobiliário e o sofá Bruna (nome da neta), as poltronas, os pés italianos da mesa de apoio, as luminárias e os aparadores de ferro foram desenhados por Janete. É também de sua autoria a estante de pau-marfim e ródica de laurel, a qual foi executada pelo marceneiro José Almeida Filho. As mesinhas e os pufes eram da Artefacto, as persianas da Luxaflex e as cortinas de veludo eram da Romari, mesma loja do tapete de algodão. A tela de Rinaldo e a escultura de madeira sobre o sofá são de Marcelo Silveira. Isto evidencia o interesse de Janete pela arte pernambucana (CASA COR, 1997).



Figura 14 – Janete na propaganda para a loja Probjeto | Fonte: Casa & Jardim, 1992.



Figura 15 – Móveis em vidro na mostra Casa Cor RJ em 1995 | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.



Figura 16 – Jantar na mostra Casa Cor RJ em 1995 | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.

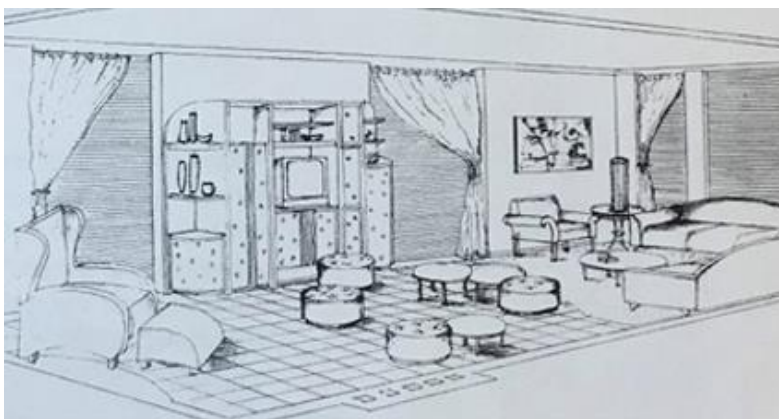


Figura 17 – Croqui do ambiente na mostra Casa Cor Pernambuco em 1997 |
Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.



Figura 18 – Ambiente na mostra Casa Cor Pernambuco em 1997 | Fonte: Acervo
Janete Costa, 2019.

Todos os móveis foram fornecidos por outra loja da arquiteta, inaugurada nos anos 1970, em Olinda. A loja Amparo 60 ficava no nível mais baixo da casa da arquiteta, cujo acesso residencial era feito pela rua na sua cota mais alta. Nela, há uma escada que conecta a residência à loja, no entanto, o acesso dos clientes era feito pela Rua Amparo, nº 60, na cota mais baixa, o que justifica o nome da loja. Lúcia Costa Santos, filha de Janete e sócia na loja, comercializou móveis em ferro com desenhos exclusivos de Janete e de alguns *designers* que foram fabricados pela Forja — sua fábrica de móveis.

Nesse local, também eram expostos produtos provenientes do garimpo de mãe e filha. Por fim, nas últimas duas portas do sobrado, uma seleção de arte popular fez sucesso durante quatro anos em Olinda. Atualmente, a Amparo 60 é uma galeria de arte comandada por Lúcia com sede em Boa Viagem, no Recife (BEZERRA, 2013).

Janete e Borsoi foram responsáveis por restaurar e modernizar o Palácio dos Leões, em São Luís do Maranhão, que está localizado sobre uma colina com vista para a cidade. A atual sede oficial do governador do estado e de escritórios administrativos passou por inúmeras intervenções ao longo dos anos, chegando a ser interditado nos anos 1980. Em 1990, Borsoi, autor do projeto de restauro do Teatro José de Alencar, também em São Luís, foi convidado pelo governo do estado a estudar a recuperação do palácio, que apresentava problemas causados por vazamentos e ações mal planejadas. A intervenção do arquiteto aproveitou ao máximo a construção original, com características clássicas renascentistas. À arquiteta Janete Costa, coube conferir conforto e contemporaneidade nos interiores de todas as alas (Imagem 20). A obra foi concluída em 2003 (MOURA, 2004).



Figura 19 – Palácio dos Leões em São Luís do Maranhão | Fonte: Moura, 2004.



Figura 20 – Interiores do salão principal | Fonte: SIM!, 2018.



Figura 21 – Fachada da Galeria no Parque Dona Lindu | Acervo da autora, 2019.



Figura 22 – Interior da Galeria Janete Costa | Acervo da autora, 2019.

Durante quase três anos, Janete lutou contra um câncer no estômago que resultou em sua morte em 2008, aos 76 anos (ABOLAFIO, 2009). Em março de 2011, foi inaugurada a Galeria Janete Costa no Parque Dona Lindu, em Recife, obra projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer com o objetivo de homenagear a arquiteta (GÁTI, 2014). O pavilhão, todo branco, tem pé direito duplo, o que possibilita a exposição de grandes peças. Um ano depois, em 2012, a Prefeitura de Niterói, no Rio de Janeiro, inaugurou o Museu Janete Costa de Arte Popular. Borsoi até se propôs a participar da reforma do velho sobrado de 1862, mas faleceu um ano depois de Janete, em 2009. A reforma e restauração da fachada tombada ficaram a cargo do filho de Janete, Mario Costa Santos (COSTA, 2009).

Atualmente, o Instituto Ricardo Brennand abriga, em exposição permanente, a coleção de Arte e Vidro de Janete e Borsoi que foi reunida pelos arquitetos durante anos, composta de peças em vidro de Charles Schneider e René Lalique (Imagem 26). O Instituto é um complexo cultural formado por Pinacoteca, Biblioteca e Museu de Armas, com edificações em estilo gótico Tudor. Inaugurado em 2002, ele fica localizado em Recife, na Alameda Antônio Brennand, s/n, Várzea. Para estudantes, o ingresso às instalações custa R\$30 (FOLDER, s/d).

Na Av. Engenheiro Domingos Ferreira, nº 92, em Recife, fica atualmente o escritório do filho Marco Antônio Gil Borsoi — sede do inventário de Janete e Borsoi. Uma sala, no segundo pavimento, reúne todas as plantas e fotos e os documentos que registram a trajetória profissional do casal de arquitetos. Tal organização se tornou possível graças à iniciativa de Fernando Diniz Moreira, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, Andrea Gáti e Gisele Carvalho, em abril de 2013, junto ao apoio do Funcultu-



Figura 23 – Fachada do Museu Janete Costa de Arte Popular | Fonte: Acervo da autora, 2018.

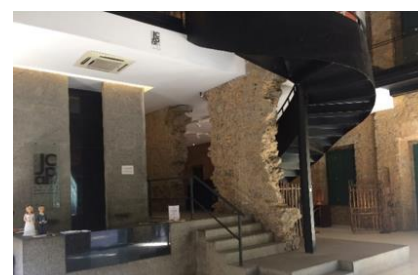


Figura 24 – Interior do Museu | Fonte: Acervo da autora, 2018.



Figura 25 – Instituto Ricardo Brennand em Recife PE | Fonte: Acervo da autora, 2019.

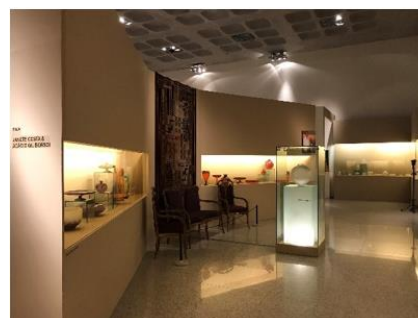


Figura 26 – Exposição permanente de Janete Costa e Acácio Gil Borsoi | Fonte: Acervo da autora, 2019.

ra, criou-se o Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (MOREIRA et al., 2015). A visita da pesquisadora deste trabalho foi realizada nos dias 27 e 28 de junho de 2019 e foi acompanhada pelo arquiteto Leandro Ferreira da Silva, que trabalha com Marco Antônio. Os documentos foram organizados em gavetas de pastas suspensas em armários de estrutura metálica, que podem ser vistas no canto direito da Figura 27. A cidade de Recife havia sofrido uma grande tempestade dias antes, o que culminou na falta de luz e água em algumas partes da cidade nos dias da visita. Devido a isso, as condições encontradas não foram favoráveis, o que, inclusive, prejudicou a Figura 27.

Na mesma ocasião, a pesquisadora também visitou a casa da filha de Janete, Roberta Borsoi, em Olinda, que também funciona como escritório da arquiteta no sótão do primeiro sobrado. O escritório (Figura 28) era o dormitório dos pais de Roberta no ano que começaram a morar em Olinda, na década de 1970. Ainda na Figura 28, é possível ver um dos netos de Janete Costa e Acácio Gil Borsoi.

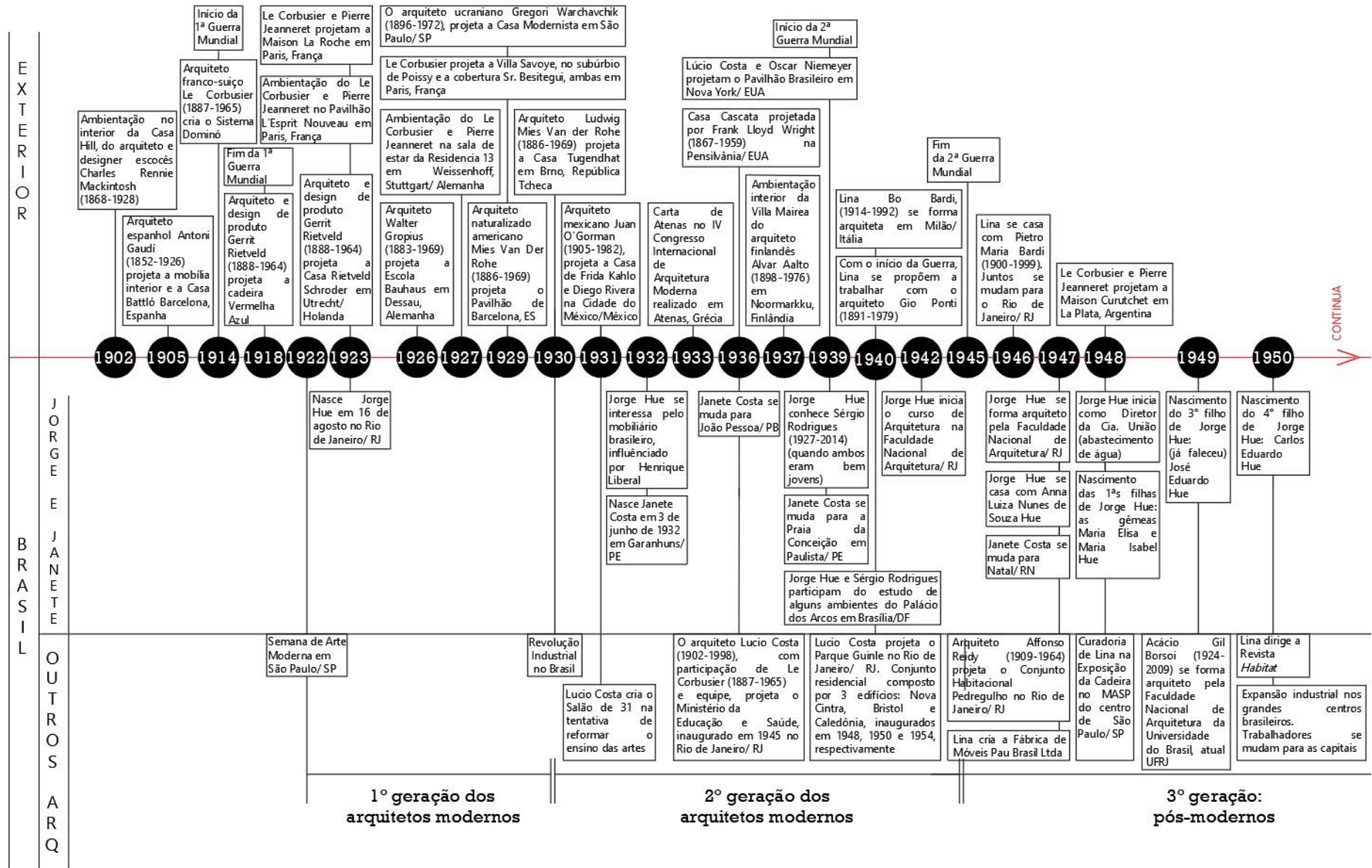


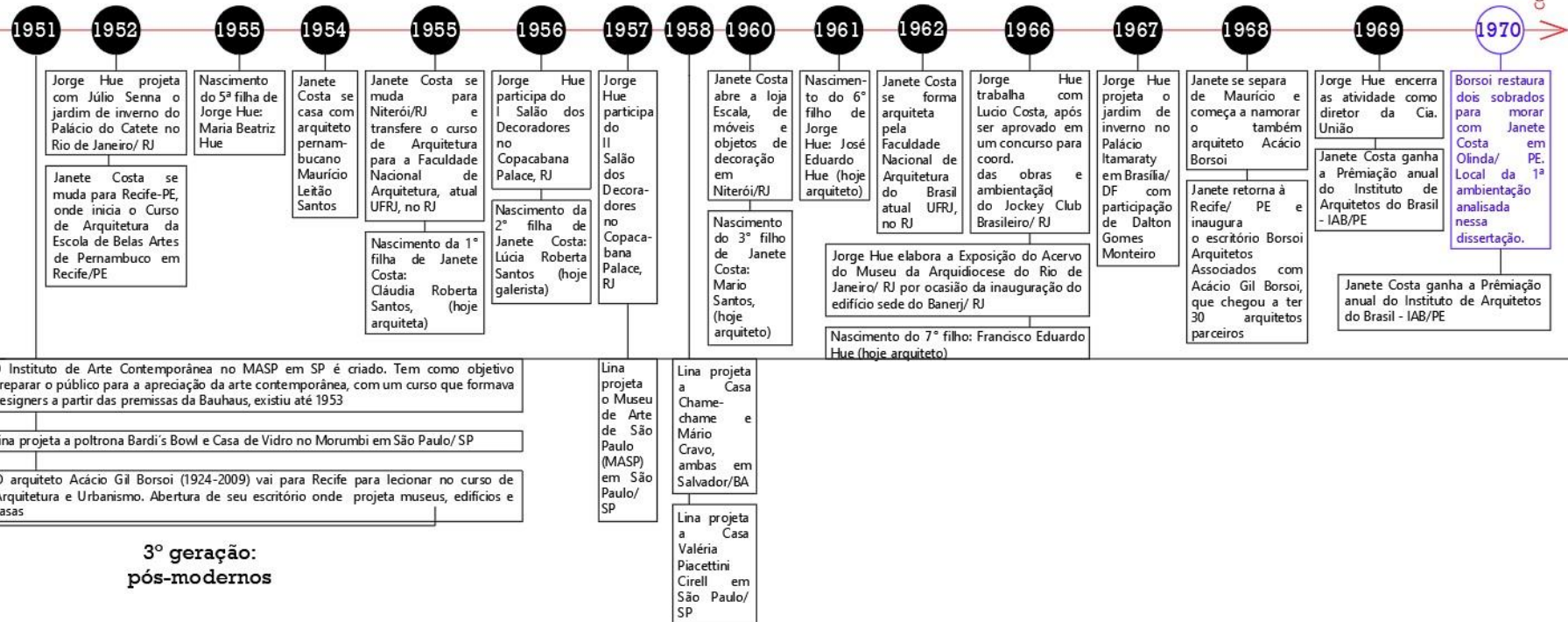
Figura 27 – Inventário de Janete Costa e Acácio Gil Borsoi | Fonte: Acervo da autora, 2019.

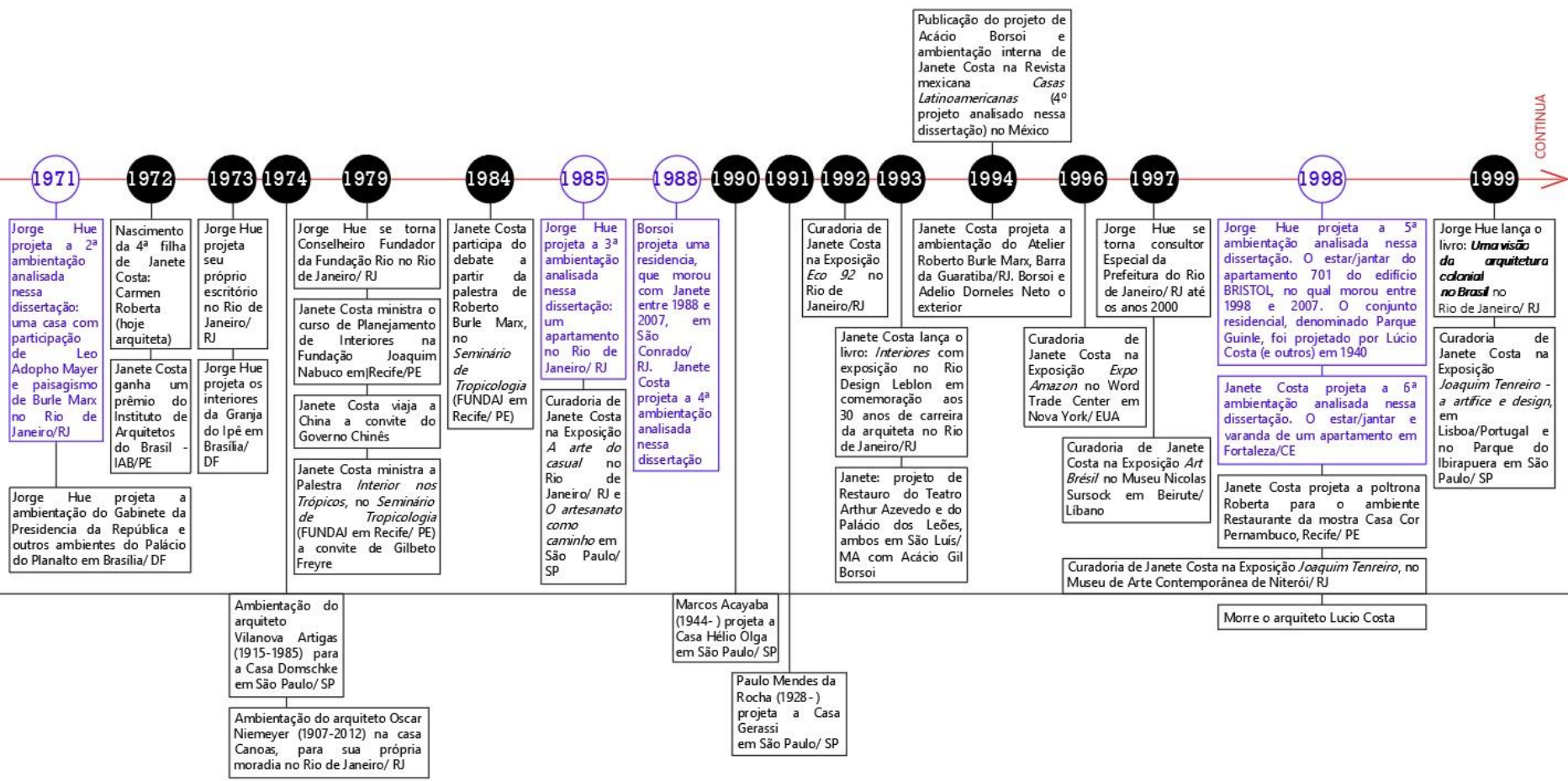


Figura 28 – Escritório atual de Roberta Borsoi | Fonte: Acervo da autora, 2019.

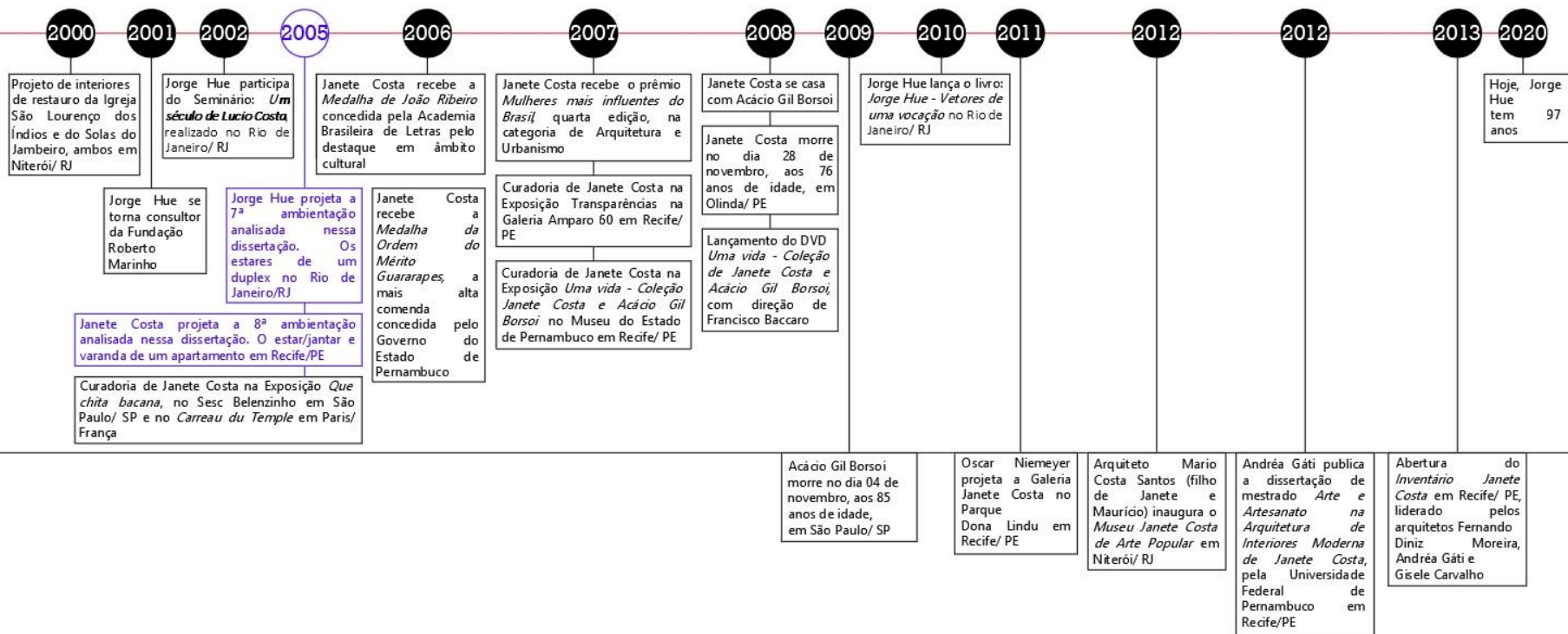
LINHA DO TEMPO







CONTINUA



PARTE 3

ANÁLISE DAS OBRAS

Neste capítulo, será realizada a caracterização de quatro projetos de ambientação que foram criados por cada um dos arquitetos pesquisados, conforme Quadro 1 e Figura 29. Esse quadro foi cronologicamente ordenado e constituído por número, ano e nome do arquiteto que projetou a ambientação de interiores, nome do arquiteto que projetou o edifício ou a casa, endereço, ambientes analisados com a metragem quadrada e observações.

Nº	ANO	Arq. responsável pelo projeto		Endereço	Ambientes/ metragem quadrada	Observações
		De ambientação	De edifício ou casa			
1	1970	Janete Costa	Acácio Gil Borsoi (marido)	Rua do Amparo, 60, Olinda/PE, Brasil	Estar/jantar 125m ²	Onde Janete morou até falecer (entre 1970 e 2008)
2	1971	Jorge Hue, com participação de Leo Adolpho Mayer	Jorge Hue	Rio de Janeiro/RJ, Brasil (próximo ao Pão de Açúcar)	Terreno de 5.000m ²	Projeto para um cliente Paisagismo de Burle Marx
3	1985	Jorge Hue	-	Rio de Janeiro/RJ, Brasil	Estar/jantar	Projeto para um cliente
4	1988	Janete Costa	Acácio Gil Borsoi (marido)	Av. Niemeyer, 550, São Conrado, Rio de Janeiro/RJ, Brasil	Estar/jantar 177m ²	Janete Costa morou
5	1998	Jorge Hue	Lucio Costa (em 1950)	Rua Paulo César de Andrade, 70, Rio de Janeiro/RJ, Brasil	Estar/jantar 150m ²	Jorge Hue morou entre 1998 e 2017 no apto. 701, tipo B
6	1998	Janete Costa	-	Av. Beira Mar, 3956, Fortaleza/CE, Brasil	Estar/jantar e varanda 127m ²	Projeto para um cliente

7	2005	Jorge Hue e José Eduardo Hue (filho)	-	Av. Atlântica, 210, Rio de Janeiro/RJ, Brasil	Estar	Localizado nos 5° e 6° andares do bloco 1 com 380m²/unid, Projeto para um cliente
8	2005	Janete Costa e Roberta Borsoi (filha)	-	Av. Boa Viagem, 1642, Recife/PE, Brasil	Estar/jantar e sacada 106m²	Projeto para um cliente

Quadro 1 – Lista das obras analisadas | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Na análise das obras, o título segue a seguinte nomenclatura: número da obra de ambientação; endereço; cidade; estado; arquiteto responsável pela ambientação; ano. Todas as obras estão localizadas no Brasil, sendo que algumas delas foram elaboradas para a própria moradia dos arquitetos (Figura 29).

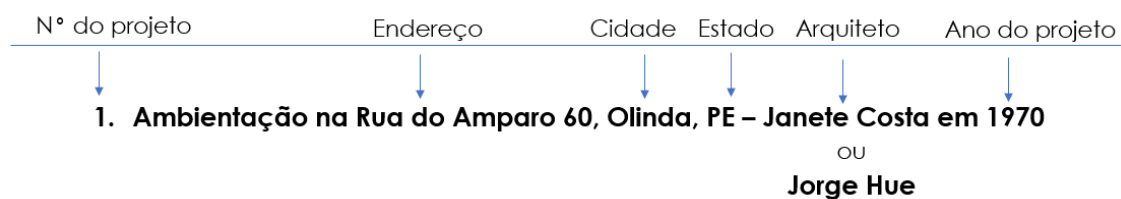


Figura 29 – Exemplo de título dos projetos de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

1. Ambientação na Rua do Amparo, 60, Olinda, PE – Arquiteta: Janete Costa em 1970

Essa residência pertenceu aos arquitetos Janete Costa e Acácio Gil Borsoi e está localizada entre a Ladeira da Misericórdia, a Rua do Amparo e o Beco das Cortesias, na cidade de Olinda, em Pernambuco. Esse imóvel é tombado pelo Patrimônio Histórico e é a atual moradia da filha do casal, Roberta Borsoi, e sua família.

Os interiores desse imóvel sofreram inúmeras alterações no decorrer dos anos, mas permanecem intactos desde o falecimento de Janete, em 2008. A casa é resultado da junção de três sobrados do período colonial, adquiridos pelos arquitetos ao longo de três períodos, sendo o primeiro em 1970 (CARDERARI, s/d).

O acesso principal da residência se dá no ponto mais alto da edificação (Figura 32), na Ladeira da Misericórdia. Na outra fachada (Figura 31), é possível ver a junção do segundo sobrado, adquirido em 1972, que resultou em uma espécie de galeria na cota mais baixa, o que serviu de sede para a loja Amparo 60. Nas reformas da casa, a ambientação sempre foi um ponto importante. Tudo o que era previsto, mesmo durante a obra, tinha como objetivo final expor alguma obra de arte ou peça de artesanato.

Inicialmente, o primeiro sobrado abrigava sala de Estar 1, dois cômodos entre circulações, copa e cozinha em um mesmo espaço, e garagem. Com a aquisição do segundo sobrado, após a aprovação do Iphan, as áreas de Estar 1, 2 e 3 foram conectadas, sendo a última utilizada como o novo espaço de jantar. A cozinha invadiu o novo sobrado, assim como o espaço para o lavabo. No início dos anos 1990, as últimas mudanças incluíram um grande espaço de jan-



Figura 30 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



Figura 31 – Fachada Leste | Fonte: Acervo da autora, 2020.



Figura 32 – Fachada norte e oeste | Fonte: Acervo da autora, 2020.

tar (onde estava localizado o Estar 1), dois cômodos que hoje funcionam como depósito, duas copas e duas cozinhas, lavabo, elevador, casa do caseiro em cima da garagem coberta, três ambientes de Estar (2, 3 e 4) nos pavimentos superiores (que não foram acessados pela autora) e os dormitórios voltados para orientação leste.

Quanto às mudanças realizadas no último sobrado, é possível citar o Estar 4, a cozinha e a copa (já mencionados), o mirante em cima do portão de acesso à garagem descoberta e, no 2º e no 3º andar, os quartos destinados aos hóspedes. Esse sobrado é chamado de *pousada*, pois sempre recebeu convidados de Janete e Borsoi, inclusive Burle Marx. Hoje, ele eventualmente é alugado para aproveitar a procura dos turistas durante o carnaval.

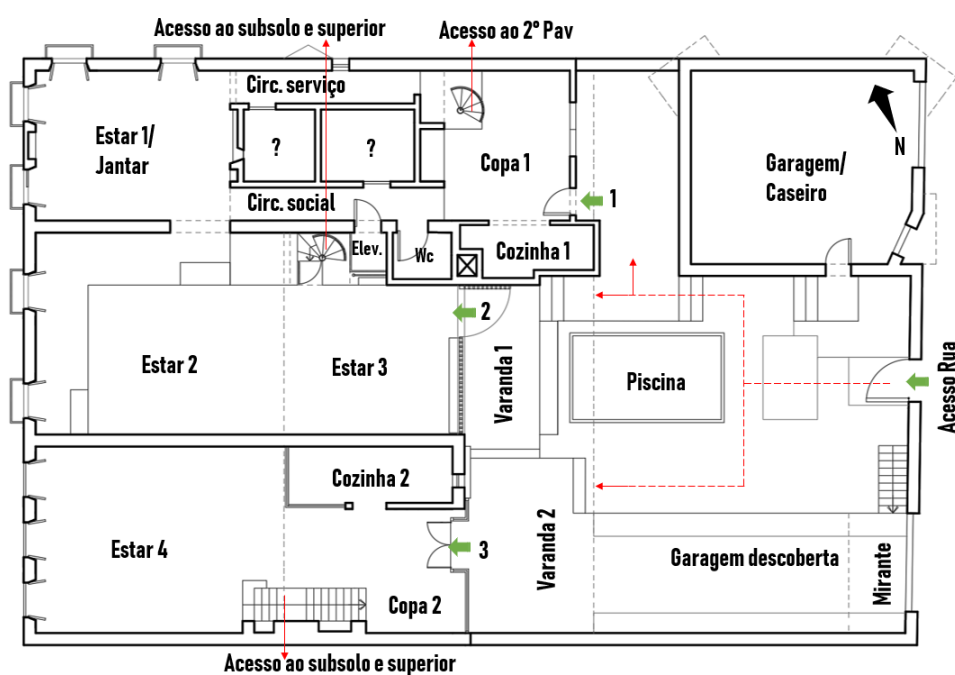


Figura 33 – Planta baixa | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Com a aquisição do segundo sobrado, o acesso 1 se tornou o de serviço e o acesso 2, o principal. O trajeto está representado pela linha pontilhada em vermelho na Figura 33. Duas conexões internas foram abertas entre o Estar 1 e o Estar 2 e entre a copa e o jantar (atualmente Estar 3). No Estar 1, sofás localizados no centro do ambiente e uma poltrona com vista privilegiada para o interior da casa, banhada por luz natural, indicam ser para leitura. Ao lado, há uma janela, um abajur e um móvel antigo que funciona como aparador. Entre duas aberturas externas, voltadas para o beco, um baú dá apoio ao sofá (Figura 35).

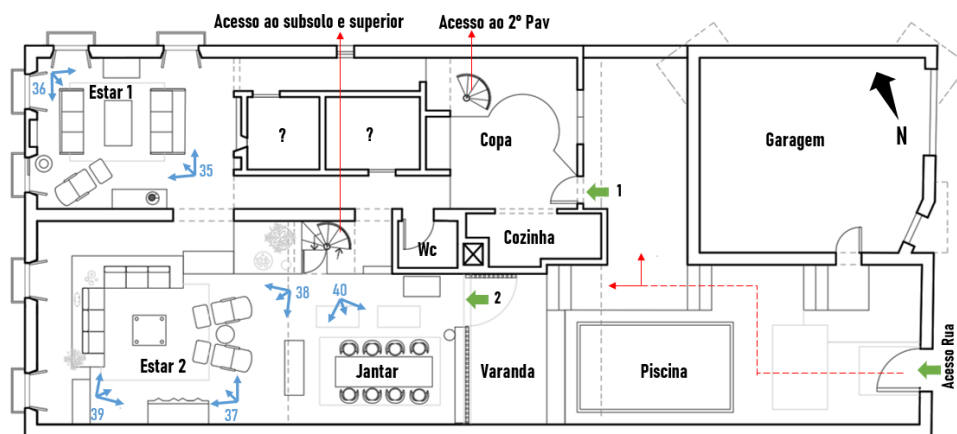


Figura 34 – Planta de ambientação dos sobrados 1 e 2 em 1972 | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

As espessas paredes externas, rebocadas e pintadas na cor branca, permitiram criar um nicho na própria alvenaria que expõe castiçais e a estatueta de um santo. O teto estruturado por ripas de madeira e o piso na cor cinza evidenciam o cuidado do casal com a preservação da casca, construída no século XIX. As esquadrias na cor ocre, típicas do período colonial, têm o mesmo tom do sofá em couro. Ao lado, está localizada a poltrona Charles Eames em couro preto.

Os quadros e o aparador de origem mineira contrastam com a parede branca. De costas para o observador com almofadas vermelhas, foi colocado um sofá que dispõe de uma estrutura que permite armazenar objetos. Um tapete artesanal branco cobre o espaço central.

No mesmo espaço, agora voltado para a porta de acesso, há outro armário embutido com prateleiras e portas de abrir em MDF branco. No centro, nota-se uma mesa com laterais em laca branco.

Em 1972, o sobrado vizinho foi integrado à casa por meio de uma abertura lateral. O teto pintado em preto delimita as paredes, brancas e preenchidas por quadros. Um destaque é dado para a tela maior, de origem cusquenha de São Jorge (Figura 37).



Figura 35 – Sala de estar 1 em 1970 | Fonte: Revista Casa & Jardim, 1970.



Figura 36 – Sala de estar 1 em 1970 | Fonte: Revista Casa & Jardim, 1970.



Figura 37 – Sala de estar 2 em 1972 | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.

O tapete artesanal branco esconde a primeira cerâmica assinada pelo artista pernambucano Francisco Brennand (GÁTI, 2013). A estrutura do sofá em concreto foi criação de Borsoi, ao passo que os tecidos dos estofados, cujos módulos variam na estampa, foram escolhidos por Janete. Atualmente, duas poltronas Charles Eames fazem conjunto com a mesa de centro e lateral em ferro e vidro, com provável criação de Janete e execução da Forja. A iluminação é distribuída a partir de um trilho central preso no teto.

A exigência do Iphan em preservar as esquadrias externas fortaleceu a ideia de projetar o Estar 2 voltado para dentro. Esse sofá em L foi ancorado no piso, de modo a aproveitar o desnível entre os sobrados 1 e 2. Apesar do sofá ser todo em concreto, ele contempla apoios centrais e laterais conectados por uma continuação atrás do encosto.

Encostada na parede de alvenaria, duas portas com almofadas em madeira esculpida servem de fechamento para um armário (Figura 38). Segundo Gáti (2014), trata-se da porta de uma capela em Goiânia construída no século XVIII durante o período colonial. Uma grande estrutura em madeira vazada marca os limites interior e exterior do espaço.



Figura 38 – Portas de uma igreja do período colonial | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.



Figura 39 – Sala de estar 2 em 1972 | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.

Nessa estrutura não há fechamento em vidro, pois a cobertura se prolonga por alguns metros e o clima é favorável. Esse elemento permite ventilação cruzada e iluminação natural, além de haver uma porta com estrutura pivotante que dá acesso à área externa da casa em um terço do vão. A cerâmica Brennand 20 x 20, que aparece em tons de cinza, foi instalada em todo o nível mais baixo do segundo sobrado.

Ao lado da fachada perfurada, o espaço de jantar tem oito cadeiras austríacas de madeira vergada de Michael Thonet (1796-1871), que naquela época era um grande símbolo da revolução industrial, além da mesa em madeira maciça (*design* de Janete).



Figura 40 – Sala de Jantar em 1972 | Fonte: Acervo Janete Costa, 2019.

Quase meio século depois, a Figura 41 mostra a ambientação atual. O Estar 1 não existe mais, agora é um espaço destinado ao jantar e conecta a circulação de serviço com a copa. A planta apresenta diversos desníveis e por isso, com o passar dos anos, surgiu a necessidade de instalar um elevador. A mesa de jantar, localizada no centro do ambiente, *suporta* 10 pessoas. O Estar 2 permanece com o sofá de canto e poltronas Eames, a única alteração realizada corresponde às mesas de apoio e central. Um aparador e um armário ocupam o espaço do armário com portas de uma igreja que foi levada para a casa do Rio de Janeiro e provavelmente vendida com ela. O Estar 3 tem dois sofás de três lugares formando um L, mesa central quadrada e poltronas leves que possibilitam aproximação.

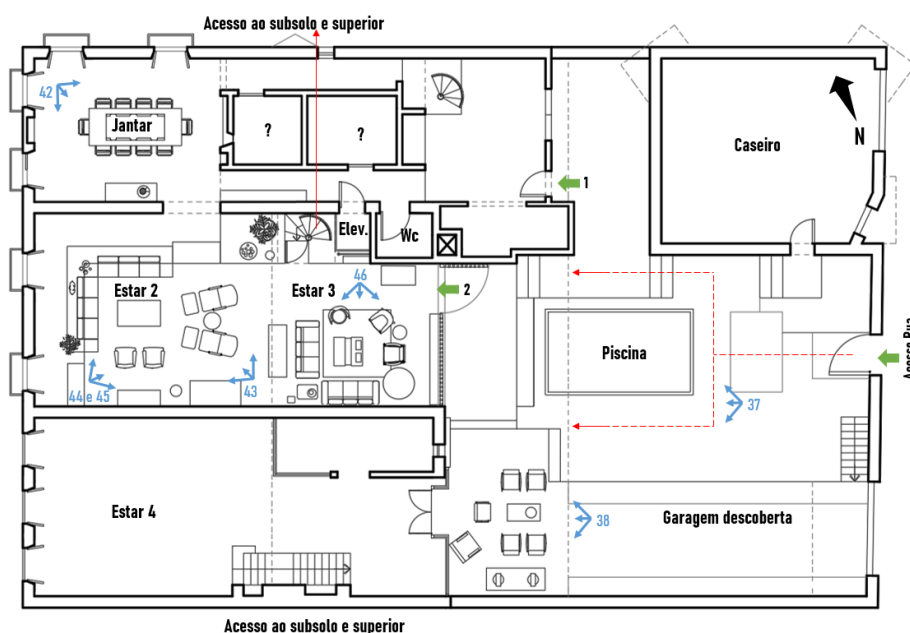


Figura 41 – Planta de ambientação dos sobrados 1 e 2 em 2019 | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

No jantar, há oito cadeiras giratórias EA 207 de Charles Eames, mesa em madeira maciça louro freijó e vidro temperado preto projetado por Janete (CLASSCASA, 2008).



Figura 42 – Sala de Jantar em 2019 | Fonte: ClassCasa, 2008

No Estar 2, o teto se mistura com o branco das paredes, que contrastam com o colorido das telas de Burle Marx. Os estofados do sofá em L mudam para um couro cor gelo. As poltronas permanecem no mesmo local, servidas agora pela mesa tulipa de Eero Saarinen (SANTOS, 2017).

Essa mesa de apoio, assim como o par de poltronas listradas, o cavalo de carrossel e os quadros de Burle Marx, foram adquiridos pelos arquitetos visando a decorar a casa que construíram no Rio de Janeiro. Após o falecimento dos arquitetos, a casa no Rio de Janeiro foi vendida e muitos objetos foram levados para Olinda.



Figura 43 – Sala de estar 2 em 2019 | Fonte: Bruno Carvalho, 2018.

Em cima da mesa do século XVII, é possível ver uma coleção de ex-votos populares e santos de roca, cujo suporte de ferro (Figura 45) foi projetado por Janete a fim de viabilizar a exposição das peças. Apesar de serem rústicos e pesados, esses objetos ganham leveza com a intervenção da arquiteta (KAZA, 1996).



Figura 44 – Sala de estar 2 em 2019 | Fonte: Bruno Carvalho, 2018.



Figura 45 – Detalhe do suporte em ferro para expor cabeças de santos | Fonte: Bruno Carvalho, 2018.

No Estar 3, há dois sofás em couro bege de pés cromados, ambos da linha de móveis assinados por Janete e com execução da Ardecora (Figura 46). Esse modelo, o SOA-86, levou o nome de Andrea, uma das netas de Janete. Fechando o espaço, nota-se a presença de uma cadeira de barbeiro do início do século XIX (KAZA, 1996), bem como uma poltrona de fibra natural e uma cadeira de balanço em madeira. A mesa redonda de madeira, a mesa retangular com os cantos arredondados em MDF e a mesa de centro de abrir em madeira (*design* de Janete) servem de apoio. O tapete de sisal abrange as cadeiras e a mesa de centro, o que permite mostrar o piso embaixo dos estofados.

Algumas obras, frutos do hábito de colecionar dos arquitetos, foram trazidas de viagens feitas ao sertão nordestino, já outras foram adquiridas em antiquários brasileiros, europeus e asiáticos — mais precisamente da Índia, da China e do Japão. Como exemplos, citam-se telas de Tomie Ohtake, Eduardo Sued, Roberto Burle Marx; artistas e artesãos nordestinos, como Flávio Emanuel e o gênero José Paulo; obras de mestres da arte popular, como Chico Tabibuia e João das Alagoas; a Cadeira de Fernando Rodrigues (Ilha do Ferro/AL), as esculturas de Irinéia (AL), José Veríssimo e do mestre Expedito Santeiro (PI), a arte do alagoano Vieira e do sergipano Zé do Chalé, além de coleções de pilões de pedra (CASA VOGUE, 2012; SIM! 2017).



Figura 46 – Sala de estar 3 em 2019 | Fonte: Bruno Carvalho, 2018.

2. Ambientação na Rua Joaquim Campos Pôrto, 663/591, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1971

O projeto dessa casa com vista para o Cristo Redentor no Rio de Janeiro é de autoria de Jorge Hue, tanto no projeto arquitetônico quanto no projeto de ambientação interna, com o auxílio de Leo Adolpho Mayer.

Hue participou de todas as etapas, inclusive da escolha do terreno, de 5.000m². O acesso é feito pela Rua Joaquim Campos Pôrto, entre os números 663 e 591.

A planta arquitetônica não foi localizada, portanto, alguns cômodos não foram representados. Um pórtico marca a entrada de pedestres, direcionando o trajeto para ambos os lados (representado pela linha pontilhada em vermelho) da Figura 48. No hall de entrada, é possível visualizar o Estar 2.

Os cômodos estão distribuídos de forma extremamente regular em volta de um pátio principal, podendo ser, essa planta, comparada a um palácio barroco. Segundo Hue, os clientes eram muito próximos e tinham móveis de qualidade, fator que o fez projetar esse edifício pensando no uso do espaço interior. Essa estratégia o acompanhou em todos os seus projetos futuros (ENTREVISTA, 2018).

Na Figura 49 um croqui do *layout* mostra o Estar 1 e 2 com medidas aproximadas. Os móveis ocupam o centro do espaço com sofás, poltronas, cadeiras, mesas de centro e laterais delimitados por tapetes. A mesma Figura 49 mostra a direção em que as fotos foram registradas.



Figura 47 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

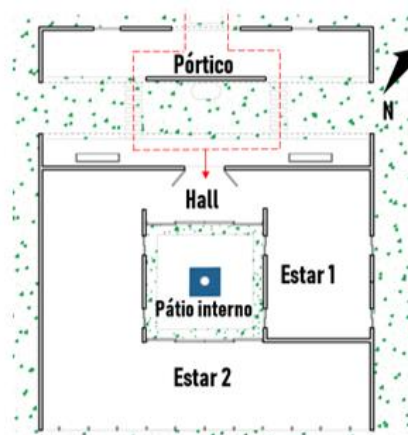
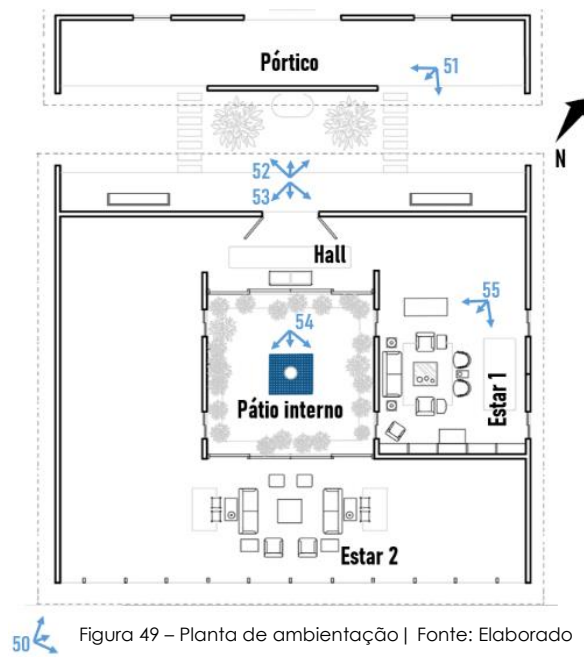



Figura 48 – Planta baixa | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



50  Figura 49 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Na fachada lateral, é possível visualizar, ao fundo, logo acima do beiral com telhas de barro, o Cristo Redentor no topo do morro do Corcovado. As esquadrias são do tipo guilhotina e deslizam no sentido vertical. A estratégia do arquiteto foi utilizar brises verticais no térreo, de modo que pudesse explorar a luz natural e viabilizar o conforto térmico.

A parede revestida por azulejos em tons azul e branco marca a entrada. Esse revestimento do século XVIII, original da Fábrica Rato de Lisboa, serviu de inspiração para a solução adotada. A parede da entrada também recebeu o mármore travertino em suas faces laterais. Dois bancos de madeira sobre o piso Brennand foram protegidos por toldos e marcam a parede que divide a parte interna da externa. Brises revestem a fachada superior (ENTREVISTA, 2018).

Nas costas da parede, revestida por azulejos portugueses, Figura 52, foi colocada uma fonte de caráter ibérico no meio de duas palmeiras, flores do tipo copo-de-leite e muito verde, também surgem duas janelas fixas em madeira vazada que permitem enxergar o verde que rodeia a casa (ENTREVISTA, 2018).



Figura 50 – Fachada lateral | Fonte: Hue, 2010.



Figura 51 – Entrada | Fonte: Hue, 2010.

No *hall* de entrada com piso em mármore estão um banco em madeira e assentos estofados inspirados no estilo chippendale, do marceneiro inglês Thomas Chippendale — profissional que ganhou notoriedade com móveis que misturavam diversos estilos —, com pernas curvas e pés *pata de leão*. As esquadrias em vidro separam o *hall* do pátio interno. Uma grande parede verde garante a privacidade da área íntima no segundo pavimento. Para proteger as aberturas, colocou-se um toldo em lona branca que também serve para proteger os bancos, Figura 51. O pátio interno tem cerâmica Brennand e raros azulejos portugueses no espelho d'água com uma fonte ao centro. A Figura 54 é a única do Estar 2, o qual é constituído por estofados que seguem o mesmo rigor da planta. Na mesma imagem, é possível ver o tecido e as almofadas com coloração bege clara e, ao centro, uma mesa em madeira. Atrás dos sofás, cômodas em madeira sustentam um abajur com base de vidro e pantalha branca, além de bancos no estilo Chippendale que ficam em frente a um tapete.



Figura 52 – Entrada | Fonte: Hue, 2010.



Figura 53 – Hall de entrada | Fonte: Hue, 2010.



Figura 54 – Pátio interno | Fonte: Hue, 2010.

No Estar 1, as paredes e o teto são brancos e o piso em tábua de madeira corrida. Preenchendo a parede do fundo, há uma biblioteca em madeira escura, cujos espaços para livros são interrompidos para encostar um móvel antigo na estante e colocar um quadro. Em frente às prateleiras, está localizada uma poltrona em couro. As cortinas em tecido branco protegem o mobiliário da luz solar, auxiliadas pelo toldo em lona branca que aparece aberto na porta da esquerda. Um sofá e duas poltronas em tecido bege claro recebem almofadas amarelas e no mesmo tom do sofá. As cadeiras Luís XVI, servidas por gaveteiros e uma mesa em madeira, ficam no centro, assim como a mesa com estrutura metálica e tampo de vidro. Os abajures nas laterais do sofá estão sob mesas de apoio que não aparecem na imagem. Em primeiro plano, vê-se a mesa com *bolachas* esculpidas na madeira e um revisteiro. Os tapetes puídos marcam os ambientes e as circulações.



Figura 55 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.

3. Ambientação na Rua N/I, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1985

Esse apartamento, localizado no Rio de Janeiro, cujo endereço exato é desconhecido, tem o projeto de interiores assinado por Jorge Hue. As imagens mostradas na sequência foram coletadas do livro do arquiteto, o mesmo que serviu de base para todos os projetos aqui apresentados. Apesar de apresentar informações sobre o projeto, o livro não divulga as informações sobre a localização exata.

A Figura 56 é do provável *hall* de entrada do apartamento, com paredes pintadas na cor terracota, forro em gesso na cor branca e piso e rodapés em mármore travertino. Na mesma cor da parede, uma base em MDF sustenta a escultura de um santo.



Figura 56 – Hall de entrada | Fonte: Hue, 2020.

O forro de gesso permite que dois pontos de luz sejam previstos e direcionados para a peça sacra e para o quadro na parede. Na planta de ambientação do Estar, os estofados ficam próximos das paredes e são apoiados por móveis maciços. Dois aparadores de época também seguem esse mesmo princípio. Em frente ao sofá ficam duas mesas de centro e duas cadeiras, enquanto dois armários, entre eles um móvel antigo do tipo escrivaninha com uma cadeira, estão encostados na parede oposta. Em cada espaço foi colocado um tapete persa.

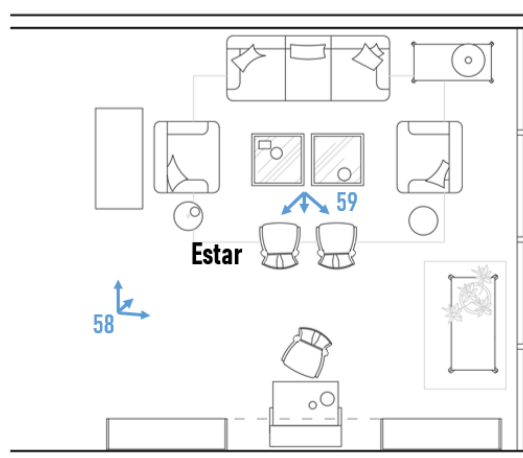


Figura 57 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O Estar tem parede pintada na cor bege e forro na cor branca. O piso Brennan abrange todo o espaço. Os estofados na cor bege claro recebem almofadas coloridas. Segundo Entrevista (2018), os quadros abstratos são do ano em que o projeto foi concebido. Utilizou-se um tom semelhante ao das paredes do *hall* de entrada nos assentos das cadeiras antigas. Um par de mesas de centro em madeira e vidro tem o mesmo tom da madeira dos aparadores, que ficam ao lado do grande pano de vidro através do qual penetra a luz natural. Ao lado das poltronas, estão as mesas laterais *garden seats* em tom escuro.



Figura 58 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.

Ainda no Estar 1, um desnível no forro de gesso marca o local com dois pontos de iluminação que evidenciam uma obra de arte no centro da Figura 59. Nessa parede, utilizou-se o mesmo tom usado no *hall* de entrada. Logo abaixo, um móvel antigo expõe a coleção de louças chinesas do proprietário. Os armários sob medida recebem livros, vasos e pratos. A profundidade desse armário coincide com o desnível do gesso.



Figura 59 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.

Não foi possível, ao analisar as imagens, conectar o estar com o jantar. No jantar, verifica-se outra face de vidro do lado direito (Figura 60). Esse espaço surge a partir da utilização de divisórias, que, segundo Entrevista (2018), têm, em seu outro lado, dois armários que atendem à sala de jantar.

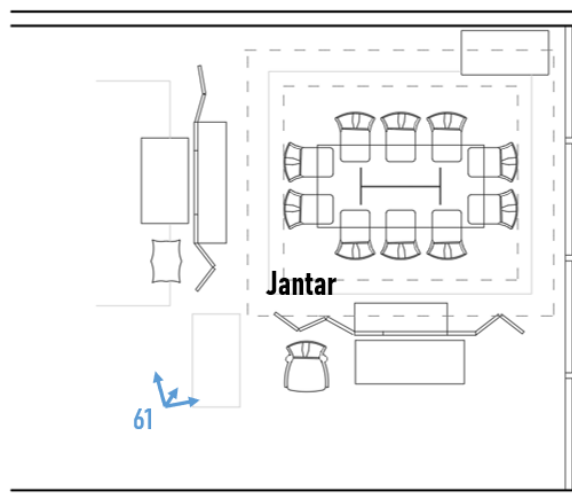


Figura 60 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Na Figura 61, é possível verificar que a divisória não vai até o teto. O lustre é de opalina antigo e, nesse caso, foi usado apenas como objeto, pois há iluminação embutida no forro de gesso, que é todo branco e rebaixado (ENTREVISTA, 2018). O piso Brennan mostra que estamos no mesmo espaço do estar. A mesa é toda de vidro e as 10 cadeiras têm estofado em veludo ocre. Fora do jantar, uma mesa e um armário estão encostados na divisória que permite prender um quadro. Em primeiro plano, vê-se um banco e uma cadeira da mesma coleção das cadeiras do estar. Os tapetes são persas.



Figura 61 – Jantar | Fonte: Hue, 2010.

4. Ambientação na Av. Niemeyer, 550, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteta: Janete Costa em 1988

Em 1985, iniciou-se a construção da casa que serviu de moradia para Janete e Borsoi entre os anos 1988 e 2007. Localizada em uma encosta do morro da praia de São Conrado, no Rio de Janeiro, a obra dessa residência foi concluída em 1988. A ideia principal era que a arquitetura se adequasse ao modo de vida do casal, ou seja, que a casa dispusesse de amplas áreas sociais que permitissem receber a família e os amigos. Em um estilo informal, os ambientes abrigavam peças adquiridas ao longo de 30 anos, aliando história e arquitetura contemporânea (LEAL, 1998).

A partir de um terreno inclinado em um condomínio fechado da Av. Niemeyer, essa casa com vista para o Oceano Atlântico é cercada pela pedra da Gávea, pela mata e por um morro, como pode ser visto na Figura 63. Embora o projeto arquitetônico seja de Borsoi, Janete participou ativamente da concepção da casa ao intervir em soluções que se adequassem às obras de arte e às peças de artesanato. Dos 800m² de terreno, 380m² foram construídos basicamente em concreto e vidro, em um modelo construtivo racional com módulos de 1,10m x 2,20m que respeitaram os painéis em madeira disponíveis no mercado da época. Suas empenas e estruturas apoiadas em quatro pilares, que sobem 5m, assemelham-se à copa de uma árvore (BROWNE *et al.*, 1994).

As alvenarias externas foram pintadas de branco. As cores aparecem principalmente no grande portão da garagem, em amarelo, e no telhado azul, que fica voltado para o mar. Nos perfis da caixilharia e nos tubos de corrimãos, foram utilizadas apenas cores primárias, como vermelho e amarelo (GÁTI, 2014). O paisagismo ficou a cargo de Roberto Burle Marx, que fez questão de plantar algumas mudas pessoalmente (LEAL, 1998).

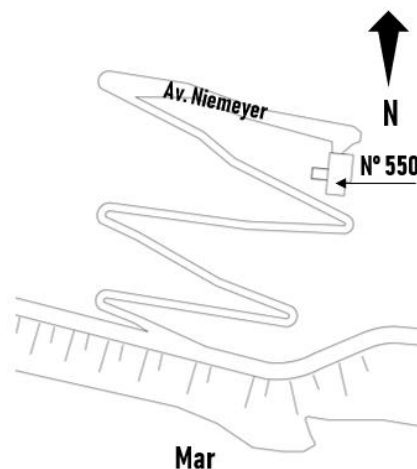


Figura 62 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



Figura 63 – Fachada principal | Fonte: Santos, 1989.

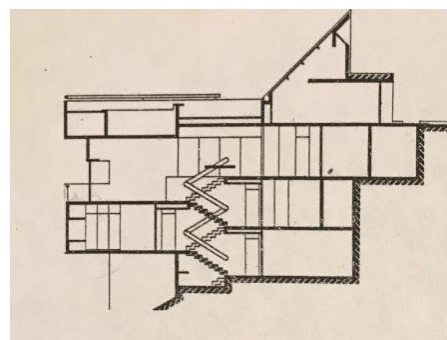


Figura 64 – Corte | Fonte: Santos, 1989.

O desenvolvimento da planta em diferentes níveis do terreno hierarquiza os espaços em se tratando de acessibilidade e visibilidade. Os planos se desenvolvem do nível térreo para baixo, sendo que os ambientes sociais são os mais acessíveis. Em contrapartida, os ambientes íntimos são os mais difíceis de serem acessados, haja vista que estão localizados nas cotas inferiores. A área aberta de lazer está no nível do acesso, cota 0,00m, e fica na cobertura da casa, local em que está localizada a piscina. As salas estão na cota -2,85m e -4,25m em relação ao acesso. O terraço, também considerado área social, fica na cota -8,45m (BROWNE *et al.*, 1994).

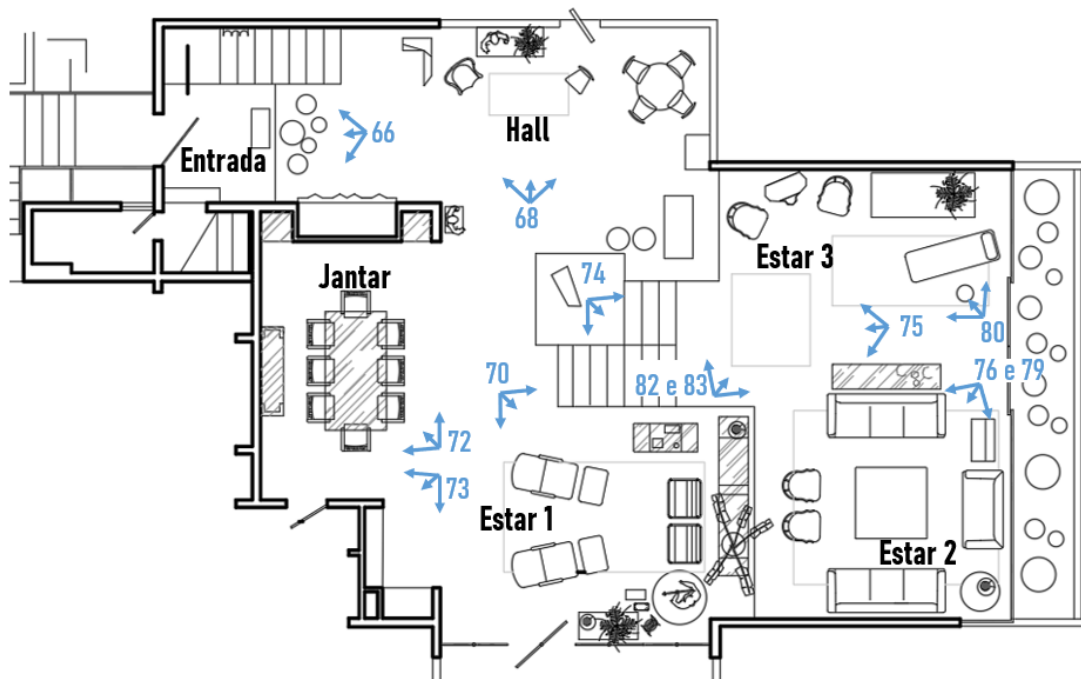


Figura 65 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quando as peças idealizadas por Janete não eram encontradas, o casal as desenhava, como algumas mesas e sofás que receberam os nomes dos seus netos (CASA VOGUE, 2012). Janete escolheu a cor branca para o interior dos ambientes com a intenção de criar situações adequadas para as obras de arte e as peças de artesanato. Além da transparência das janelas, foram utilizadas coberturas em vidro que permitiram a entrada dos tons azuis do céu e do mar e o verde da vegetação circundante. Internamente, o colorido pode ser visto nas peças decorativas (GÁTI, 2014).

A Figura 66 foi capa da revista **Casa & Jardim** no ano de 1989, intitulada como *A casa do ano* e mostra o contraste das paredes brancas e da estrutura metálica pintada em vermelho com o azul do céu na plataforma da entrada. O fechamento em vidro da

cobertura permite a incidência de luz natural sobre todo o espaço, que tem a porta de acesso na cor branca quase imperceptível. A porta de entrada fica atrás da escultura em pedestal e bronze art déco *Nu Feminino*, dos anos 1930, de autoria do escultor italiano Elio de Giusto (1899-1935) (GÁTI, 2014), e se confunde com a porta em almofadas em madeira esculpida que serve de fechamento para um armário (no canto esquerdo da Figura 66 e 67) (CASA & JARDIM, 1989), mesma porta que aparece na ambientação da casa em Olinda em 1970 (Figura 38).

As esculturas de Joaquim Tenreiro ficam na parede da escada. Na parede oposta, há um vão que dá acesso à garagem coberta. Na descida da escada de estrutura metálica preta e patamares em madeira, um conjunto de pias batismais e almofarizes em mármore foi disposto sob o piso em pastilhas da Vidrotil (CASA & JARDIM, 1989).

Em direção ao mar, um grande rasgo em vidro emoldura a paisagem. Uma abertura na cor amarela em formato de fita no sentido vertical se abre graças a um sistema pivotante (Figura 68).

As aberturas têm perfis na cor preta somente no encontro das alvenarias e da laje, o que permite um canto de 90° em vidro, Figura 68. Atrás da cadeira dourada de Louis Majorelle, a escultura em madeira do artista Ascânio MM só é vista graças ao jogo de sombras oriundo de sua geometria. Outras quatro cadeiras Majorelle formam um pequeno espaço de refeições com a mesa tulipa do arquiteto finlandês Eero Saarinen. Sobre a mesa, está uma luminária pendente Lalique. No canto esquerdo, vê-se a escultura art déco, de origem baiana, de São Miguel de Arcanjo, do século XVII (Figura 68 e 69) (A&D, 1988). Em primeiro plano estão as esculturas de Franz Weissmann e Carlos Van Der Ley (CASA & JARDIM, 1989).

Um cavalo de carrossel de origem alemã do século XVIII delimita o patamar (Figura 68). No documentário sobre a exposição *Uma Vida: Coleção Janete Costa e Acácio Borsoi*, Janete conta que, na volta de sua viagem para França, pensou que a casa ficaria feia sem aquele cavalo, o que a fez comprar a escultura que foi entregue de navio (VIDEO, 2008). Essa peça acompanhou a arquiteta por mais de 30 anos, sendo ela



Figura 66 – Entrada | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

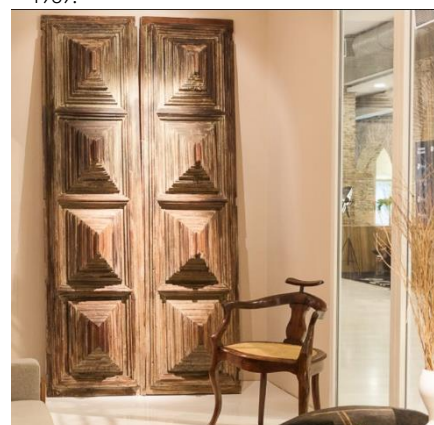


Figura 67 – Portas de uma igreja do período colonial | Fonte: Revista SIM, s/d.

sempre posicionada em locais estratégicos e privilegiados. Diversos tapetes persas foram espalhados pela casa (A&D, 1988).



Figura 68 – Hall de entrada | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

Do outro lado, no Estar 1, a chaise-longue com pelo de vaca de Le Corbusier fica localizada ao lado de um aparador do século XVII, de origem mineira, que reúne uma coleção de ex-votos populares, santos de roca e uma luminária *art nouveau*. No centro, há uma escultura em ferro de Joaquim Tenreiro (A&D, 1988). As portas em vidro com sistema pivotante dão acesso à varanda. O projeto de paisagismo de Burle Marx contorna toda a casa. Ao fundo, ocultando a vista para o mar, está uma prateleira de concreto que sustenta os frascos de farmácia do século XIX colecionados durante muito tempo.

Duas mesas em mármore e vidro de diferentes alturas foram projetadas por Janete e são a solução adotada para delimitar o fim do patamar, não há peitoril. Sobre os tampos em vidro está o vermelho dos vasos *déco* assinados por Théodore Legras. Ao lado, o bronze de Max Le Verrier e a escultura luminosa de Fayrai e Dawn, que aparece na Figura 71. Na mesa de nível mais alto, há um guerreiro romano montado, do artista francês Marcel Bouraine (1886- 1919), e uma lâm-



Figura 69 – Escultura de São Miguel de Arcanjo | Fonte: Museu do Estado de Pernambuco, 2007.

pada vermelha assinada por Charles Schneider (CASA & JARDIM, 1989). De frente para as cadeiras Wassily de Marcel Breuer, encontra-se a chaise-longue e um banco africano (A&D, 1988). Um tapete em tons terrosos contorna o espaço.



Figura 70 – Estar 1 | Fonte: Casa & Jardim, 1989.



Figura 71 – Escultura luminosa | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

No jantar estão algumas reproduções fiéis das cadeiras McIntosh que foram executadas pela Probjeto. Na mesa em vidro projetada por Janete, foi colocado um centro de mesa português de L. Marques F. em estilo déco. Sobre o aparador projetado por Janete em ferro e vidro estão as compoteiras antigas e os *wine coolers art nouveau* em metal dourado (CASA & JARDIM, 1989). Nesse mesmo móvel, vêem-se cristais e uma tela de Burlé Marx. Os nichos com prateleira em cristal e fundo em vidro translúcido e iluminação fluorescente colocam em evidência a coleção de louças da Companhia das Índias. Esse nicho é resultado do armário embutido no *hall* de entrada. Nas costas do armário do vestibulo, é possível ver uma tela de Flávio Marinho Rego (A&D, 1988). A porta treliçada que aparece na Figura 73 foi desenhada por Borsoi. Os armários para o som e bar são protegidos por um sistema de portas levadiças eletricamente acionadas.



Figura 72 – Jantar | Fonte: Casa & Jardim, 1989.



Figura 73 – Bar | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

A prateleira em concreto, que aproveita toda a extensão da casa graças ao pé direito duplo, tem fechamento em estrutura preta e vidro, o que permite enxergar o mar devido à transparência da coleção de vidros de farmácia de Janete.



Figura 74 – Estar 2 | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

No vão da escada, a tela do artista plástico pernambucano, radicado em Olinda, João Câmara ganha destaque na parede cinza. Três prateleiras de vidro embutidas no patamar com frentes na cor cinza abrigam peças pré-colombianas e diversos adornos em vidros art déco de René Jules Lalique (A&D, 1988). Entre as folhas, encontra-se a escultura de uma dançarina assinada por Jean-Paul Philippe. Sobre o piso branco, vê-se o colorido dos tapetes orientais de formas geométricas afegãs e caucasianas (CASA & JARDIM, 1989). A ideia de usar um equipamento de mobiliário como peitoril da escada se mantém à medida que o peitoril vira um grande púlpito e evidencia a escultura amarela de Weissmann, conforme pode ser visto no centro da Figura 75.



Figura 75 – Escada | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

Voltados para a estante, resultante do desnível do Estar 1, estão três sofás em couro grafite da Ardecora, os quais foram distribuídos de forma regular. Na parede, foi exposta uma tela de Fernando Leite e dois trabalhos de Omar Rayo. O aparador em mármore e cristal serve de apoio para o vaso esmaltado assinado por Harmandie/Limoges — marca e nome da cidade francesa famosa por suas porcelanas. Dois exemplares da escultura criselefantina do escultor art déco Demétre Chiparus foram utilizados nesse ambiente.

A mesa de centro, assim como o aparador, foi desenhada por Janete, enquanto as mesas laterais foram projetadas por Émile Gallé. Sobre a mesa central está a peça *petit* bronze do escultor Max Le Verrier. Sobre a segunda, ao fundo, está o abajur déco de Edmond Etling e duas figuras em bronze e marfim de Roland Paris. Na mesa lateral, idêntica à de centro, foi colocada uma luminária *art nouveau* e uma escultura em bronze déco. Uma cadeira de balanço laçada em preto fecha os quatro cantos do estar, que foi envolto por um tapete liso.



Figura 76 – Estar 2 | Fonte: Casa & Jardim, 1989.



Figura 77 – Mesa lateral Émile Gallé | Fonte: Museu do Estado de Pernambuco, 2007.

Além das peças pré-colombianas e dos vidros Lalique, utilizaram-se peças coloridas, como o Gamet com folhas e flores. O Fauré, que lembra uma colmeia, e o Daum-Majorelle a *fer forgé*, técnica na qual o vidro é soprado durante a montagem, também compõem a estante em vidro, localizada embaixo do piso do Estar 1 (CASA & JARDIM, 1989).



Figura 78 – Vasos Fauré e Daum-Majorelle | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

Na Figura 79, vê-se a mesa lateral em madeira com luminária Tiffany e vidros Lalique originais. Em entrevista, Janete afirmou que comprava Lalique quando no Brasil ninguém valorizava os vidros franceses. Além disso, ela citou, na mesma entrevista, que chegou a encontrá-los no chão de uma feira em Belém do Pará uns 30 anos antes (A&D, 1988). Janete sempre teve o hábito de misturar coleções de vidros Gallet e Lalique em seus projetos.

Na parede, um conjunto de telas reúne um cuzquinho e duas paisagens de Olinda pintadas por Burle Marx, sendo uma de 1930 e uma natureza morta de Hélio Izz (Imagens 80 e 81). Em couro preto, executada pela Casa Teperman, está a poltrona do casal Ray e Charles Eames. O *design* contemporâneo da poltrona em couro contrasta com o cofre de ferro antigo, que funciona como mesa lateral (CASA & JARDIM, 1989).



Figura 79 – Luminária Tiffany e vidros Lalique
| Fonte: A&D, 1988.



Figura 80 – Estar 3 | Fonte: Casa & Jardim, 1989.

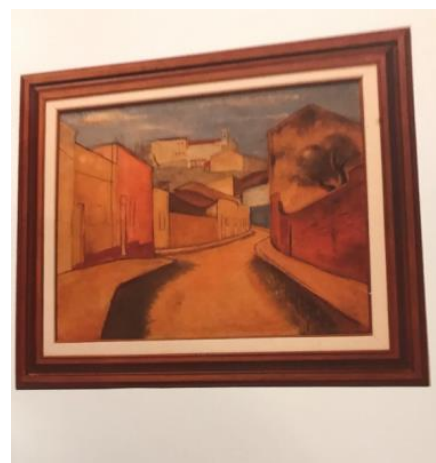


Figura 81 – Paisagem de Olinda de Burle Marx | Fonte: Museu do Estado de Pernambuco, 2007.

Em 1993, quatro anos depois da divulgação da Figura 80 na revista **Casa & Jardim**, outra ambientação, no mesmo local, foi apresentada. Trata-se do livro **Interiores**, lançado no início da década de 1990. Fazem parte da nova ambientação duas cadeiras Marjorelle, autênticas do período art déco, que se harmonizam com a chaise-longue em couro e as telas de Burle Marx e São Joaquim expostas nas paredes (A&D,

1988). Nessa mesma imagem, também é possível observar os objetos em cima das mesas de vidro e mármore desenhadas por Janete.



Figura 82 – Estar 3 | Fonte: Cals, 1993.

Em outro ano, voltada para o observador, a chaise-longue em vime idealizada por Janete ficou ao lado da mesa de apoio tulipa do arquiteto Eero Saarinen. Sobre a mesa, estão as cabeças de roca e as pias de igreja. O tapete persa cobre parte do piso em cerâmica Brennand. No canto superior das amplas janelas, é possível ver mais vidros antigos de farmácia. A arte popular aparece na escultura de Maurino Araújo (KAZA, 1996).

Fortalecendo a intenção dos arquitetos em não impor limites entre o interior e o exterior, a mesma cerâmica Brennand foi utilizada em todos os espaços, inclusive nos externos. No terraço, foram colocados: poltronas em cipó de artesãos cearenses, totem de Cornélio, do Piauí, cabeça de Nicola, do Recife, e calangos de Galdino (Figura 84). Janete Costa era amiga de todos esses artistas (KAZA, 1996).

Uma das mais importantes publicações sobre o trabalho de Janete foi a da revista italiana **Interni**, em 2003. Na publicação, o paisagismo idealizado por Burle



Figura 83 – Estar 3 | Fonte: Kaza, 1996.



Figura 84 – Terraço | Fonte: Rezende, 2005.

Marx (Figura 85) ganha destaque. A casa foi vendida pela família depois da morte dos arquitetos. Com isso, as cores foram alteradas pelos novos proprietários e os jardins de Burle Marx substituídos por grama. Mário Santos³, filho de Janete Costa, sugere o tombamento da casa como exemplar da arquitetura moderna para que possam ser recuperadas e resguardadas as suas características arquitetônicas (GÁTI, 2014).



Figura 85 – Paisagismo de Burle Marx | Fonte: Interni, 2003.

³ Mario Santos é filho de Janete Costa. Ele atua como arquiteto na área de projetos de interiores residenciais, comerciais e hotelaria, além de mostras, cenografia, museografia e design por intermédio do seu escritório **Arqmede Arquitetura**, o qual está localizado no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.arqmede.com.br/cenografia.html>>.

5. Ambientação na Rua Gago Coutinho, 66, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 1998

Conhecido popularmente como Parque Guinle, o Parque Eduardo Guinle está localizado no bairro Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro, ao lado do Palácio das Laranjeiras, com acesso pela Rua Gago Coutinho, nº 66. Considerado um marco da arquitetura moderna, ele foi projetado por Lucio Costa, que propôs a construção de seis edifícios, no entanto, apenas três foram construídos: o Nova Cintra em 1948, o Bristol em 1950 e o Caledônia em 1954 (Figura 86). A conclusão do conjunto ficou a cargo dos irmãos Maurício Roberto, Marcelo e Milton, do escritório MMM Roberto, no lado norte do parque, porém, essas obras foram feitas sem nenhuma relação com a obra idealizada por Lucio Costa (BRUAND, 2014). Os edifícios Bristol e Caledônia foram posicionados para o lado oeste, com orientação solar desfavorável, visando priorizar a vista para o parque. Como solução, Lucio Costa projetou uma casca perfurada, composta de brises e cobogós, de modo a gerar um espaço de loggias descolado das esquadrias de vedação, o que minimizou o aquecimento da fachada (RABELO, 2007).

Em 1998, Jorge Hue iniciou os projetos da unidade 701 do edifício Bristol, onde morou entre os anos 1998 e 2017. Trata-se de cinco opções de plantas que variam entre 225 e 515m². A unidade escolhida foi a tipo B com 340m². Segundo ele, móveis, quadros, tapetes, livros e objetos de sua antiga casa, com área maior que esta, foram todos reaproveitados. Esta foi uma tarefa difícil para o arquiteto, que afirmou estar mais acostumado a projetar casas para os seus clientes e não para si próprio. Hue sugeriu ainda que “[...] há casos em que o sonho não tem limites, já se começa com ideias preestabelecidas em demasia” (BARBOSA, 2007).

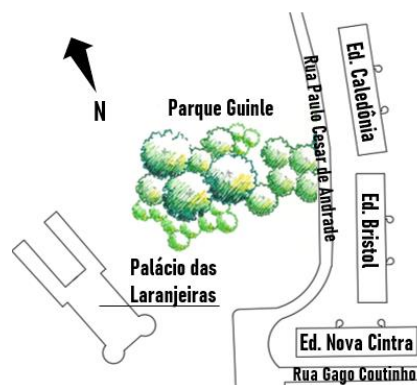


Figura 86 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Na proposta de Lucio Costa, não havia paredes internas, apenas as que marcavam os extremos do apartamento e alguns pontos hidráulicos no piso (HUE, 2010). Há três tipos de acesso a esse local: o social, o de serviço e o do escritório. Esse último pode ou não ser independente. Hue optou por uma ampla sala de estar, conectada com o jantar, e três dormitórios, sendo uma suíte com *closet*. O estar e o jantar se conectam com a área de serviço pela cozinha, em seguida, há um depósito, um banheiro e o dormitório de serviço.

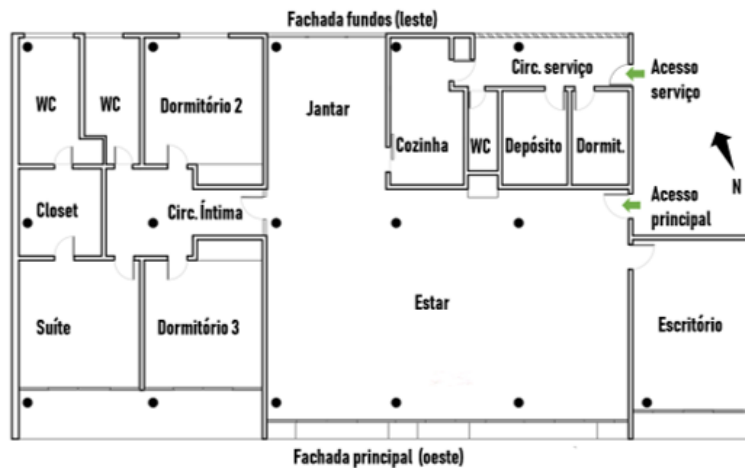


Figura 87 – Planta baixa | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O apartamento serviu de moradia para Hue e sua esposa Anna Luiza, o que se refletiu, portanto, nas decisões internas adotadas. Os espaços Estar 1, 2 e 3 fazem parte de um mesmo ambiente, mas apresentam pequenos espaços de convivência, o que justifica serem numerados separadamente. O jantar se comunica com o Estar 3, mais próximo da área íntima, por essa razão é mais reservado. O espaço destinado ao escritório do arquiteto pode ser acessado pelo Estar 1 (Figura 88).

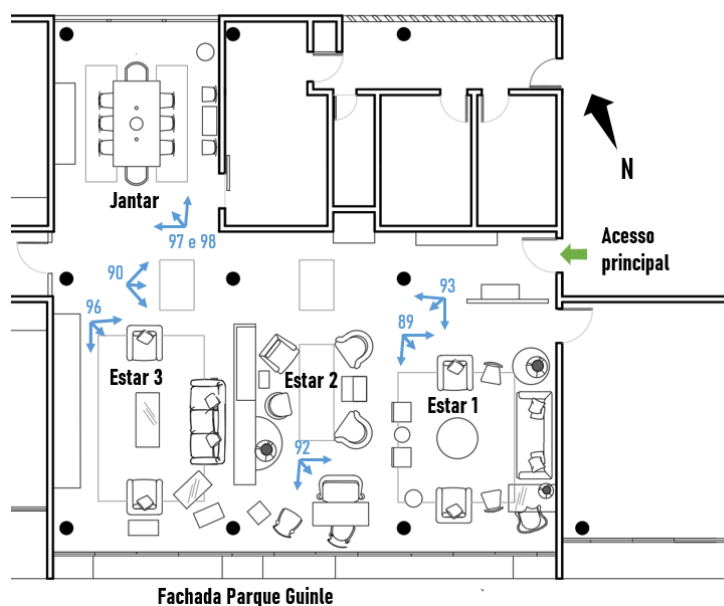


Figura 88 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Todas as paredes dos ambientes analisados foram rebocadas e pintadas na cor branca. No estar, a fachada oeste é banhada por luz natural e por isso é toda revestida pelos elementos cerâmicos citados anteriormente. Nessa fachada vazada, há pequenos vãos que funcionam como janelas completamente abertas, e a vedação se dá pelas esquadrias em vidro incolor, que ficam recuadas em relação ao limite da edificação. O piso cerâmico Brennan de cor clara e rejunte cinza tem aproximadamente 20 x 20cm e foi instalado em toda a área social.

A iluminação central fica localizada na laje e segue a delimitação dos pilares como forma de viabilizar qualquer solução de planta. Além dela, vários abajures foram usados em cima de mesas laterais e de apoio. As cortinas são do tipo rolo com tecido na cor off-white. Segundo Casa Vogue (2007), os tapetes são de procedência caucasiana e ficam localizados no centro dos ambientes, variando entre os tons terrosos e azuis.

No Estar 1, o sofá na cor bege e as poltronas com capa branca têm encosto baixo e estão distribuídos de forma regular. De um lado do sofá, uma mesa redonda antiga de cor escura serve de apoio, do outro, encontra-se uma mesa de trabalho em vidro com cadeira de barbeiro. Uma mesa redonda fica no centro de um tapete na cor bege. O quadro com imagem panorâmica acima do sofá é de Roberto Cruz, grande amigo de Hue (ENTREVISTA, 2018).



Figura 89 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.

A Figura 90, registrada no Estar 3, ilustra, ao fundo, o *hall* de entrada social. Um móvel antigo fica encostado na parede, que não vai até a laje, e tem a mesma altura da porta de entrada. Essa parede é aproveitada dos dois lados para encostar um móvel antigo e prender quadros. Emoldurada e presa no móvel que divide os espaços, com o fundo vermelho, está a peça Paolo, que pertenceu ao sétimo vice-rei do Brasil — o Conde dos Arcos — e foi herdada do avô de Hue.

Na sequência, um santo de roca do século XVIII e a peça *racho*, de José Alves, discípulo de Nhô Caboclo, representam a arte popular brasileira. Essa peça foi intervenção de Janete, que pediu ao artesão que os diversos quadrados pretos vazados se unissem, criando uma espécie de biombo (no caso, a peça de Hue estaria cumprindo a função de um pequeno quadro). Esta imagem foi inspiração para a capa deste trabalho.

Por último, há uma mesa de jogos estilo art déco e duas cadeiras Luís XV de origem francesa (BARBOSA, 2007). A vegetação e a fachada ventilada que garantem conforto térmico ao espaço aparecem na sombra da cortina da Figura 92.

A Figura 93, em vista panorâmica, abrange o Estar 2 no centro da imagem. Um móvel em MDF na cor bege serve de divisória dando privacidade ao Estar 3, além de prover uma profundidade que permite armazenar livros e objetos decorativos. O móvel não vai até o teto, isso permite que alguns objetos sejam armazenados em cima dele, mantendo, assim, a unidade do espaço. Esse estar é o mais usado pelos moradores; é composto por três poltronas com encosto alto e braços laterais, sendo duas delas desenhadas pelo arquiteto Jorge Hue. Trata-se de poltronas de balanço com tecido bege e encosto em capitonê. Os

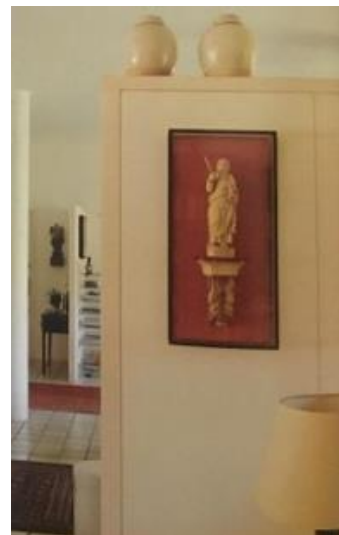


Figura 90 – Hall | Fonte: Barbosa, 2007.

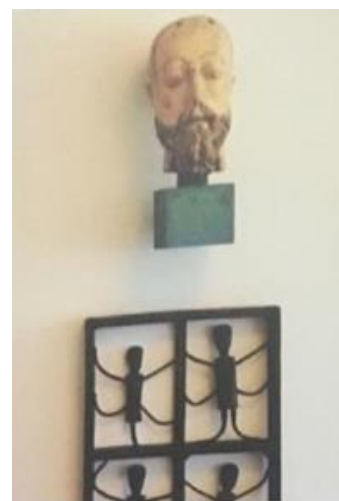


Figura 91 – Santo de roca e peça racho de José Alves | Fonte: Barbosa, 2007.



Figura 92 – Estar 2 | Fonte: Barbosa, 2007.



Figura 93 – Estar 2 | Fonte: Hue, 2010.

pilares fazem parte da composição. Na Figura 94 pode ser vista uma dessas poltronas, que giram e balançam. Na Figura 95, sobre a mesa de cancela em madeira maciça, está o Pássaro de Mário Cravo Jr. e um potiche do século XVII. O quadro azul com figura de uma mulher pintada por Milton da Costa em 1952 aparece em cima da mesa de madeira no centro da Figura 93 (BARBOSA, 2007).

O piso Brennand é interrompido somente no limite da edificação, contemplando, portanto, o espaço da varanda. A divisão do espaço público e privado é marcada pela janela-muxarabi, que permite enxergar externamente sem que o observador seja visto. Ainda na varanda, vê-se a versão infantil do pisa-pés da cadeira bacalhau, de origem mineira. Ao lado, uma escultura com pedestal e base de pedra sustenta a escultura da cabeça de um cavalo. O sofá está de costas para o móvel, que funciona como uma parede, dividindo os Estares 1 e 2 do Estar 3. Duas poltronas, posicionadas de forma regular, evidenciam a preferência do arquiteto pelos tons neutros. O móvel/divisória segura dois quadros, uma figura abstrata, que possui uma iluminação direcionada e outro quadro, uma espécie de caixa de vidro com



Figura 94 – Poltrona projetada por Jorge Hue | Fonte: Acervo da autora, 2018.



Figura 95 – Mesa de cancela em madeira maciça | Fonte: Barbosa, 2007.

estrutura nas bordas (Figura 96).

A cor neutra cobre o espaço, contemplando, inclusive, toda a profundidade dos estofados. A iluminação que banha o lado esquerdo da figura mostra que o mesmo rigor com os estofados é usado nos abajures, isto é, o que é escolhido para um lado acontece do outro.

No lado leste, voltado para o limite do terreno, há um tratamento diferente do utilizado na fachada. Dividida em faixas horizontais, de baixo para cima está o peitoril, revestido por uma cerâmica em tons de azul e bege. Na altura do observador, é possível ver a permeabilidade do vidro, enquanto junto ao teto as brises horizontais parecem ser móveis.

O lustre de origem holandesa marca o centro da mesa com tampo de madeira maciça e pés de Le Corbusier. Nas extremidades, ficam as cadeiras Philippe Starck e outras oito cadeiras em madeira maciça com assento estofado, sendo duas delas encostadas na parede (BARBOSA, 2007). Na mesma parede, há um aparador em madeira, de menor profundidade, e uma escultura na cor escura com pedestal na cor clara.

A parede branca se confunde com o quadro com dizeres do primeiro documento cristão, do século III (Figura 98) (BARBOSA, 2007). Em baixo, um móvel com gavetas apoia a mesa de jantar (Imagem 97).

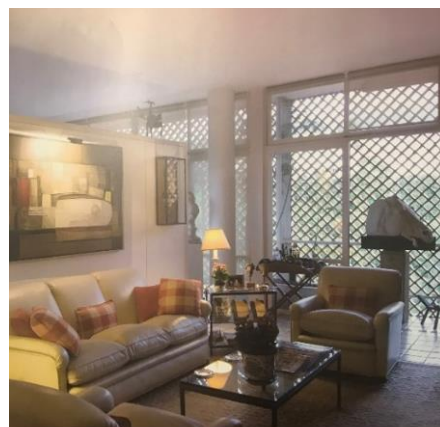


Figura 96 – Estar 3 | Fonte: Hue, 2010.



Figura 97 – Jantar | Fonte: Hue, 2010.



Figura 98 – Painel no jantar | Fonte: Acervo da autora, 2018.

6. Ambientação na Av. Beira Mar, 3956, Fortaleza, CE – Arquiteta: Janete Costa em 1998

Esse edifício, de nome Titan, tem um apartamento por andar e fica localizado na Avenida Beira Mar, nº 3956, em Fortaleza, Ceará.

A planta de 319m² está aberta para as quatro faces da edificação. A varanda, o estar e o jantar têm vista para o mar e acesso pelo elevador social. Pela circulação íntima se dá o acesso à cozinha, à sala de TV e aos quatro dormitórios, dos quais três são suítes. É possível acessar a lavanderia pela cozinha e também pela circulação de serviço, que acontece na área externa do apartamento, atendida por outro elevador. Além da lavanderia, um banheiro e um dormitório de empregada ficam voltados para a orientação solar oeste.



Figura 99 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

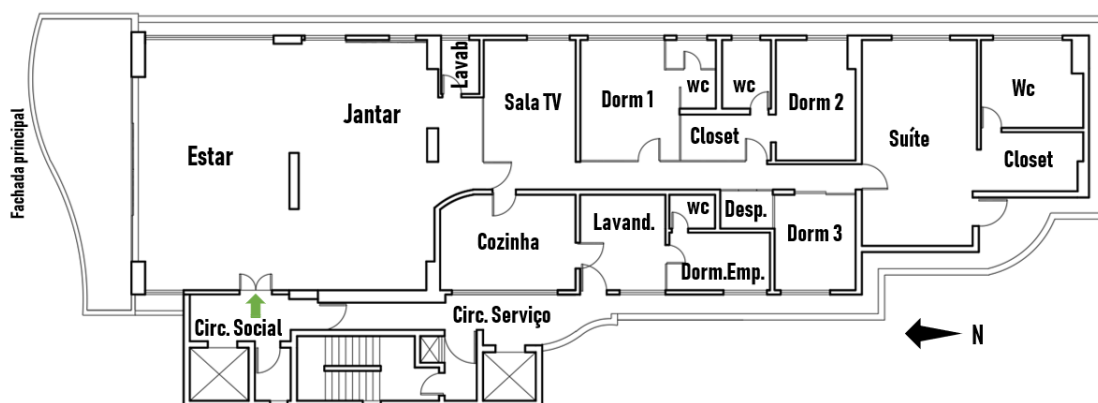


Figura 100 – Planta baixa | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O espaço do estar/jantar é organizado por quatro ambientes: o Estar 1 e 2 e o jantar 1 e 2. O Estar 1 é um espaço de convivência onde as pessoas ficam mais próximas, dessa forma, esse espaço é utilizado por convidados mais íntimos dos proprietários. Nesse local, o sofá, duas poltronas e uma cadeira são posicionados voltados para o painel da televisão. O Estar 2 é mais amplo: ele tem um sofá de canto, mesas laterais e poltronas, além de um maior espaço entre elas. No jantar 1, há uma mesa retangular que atende oito pessoas. Ao lado, fica uma cristaleira que vai do piso ao teto. Esse armário para louças esconde o bar e o *hall* do lavabo. Para atender às refeições, um aparador foi colocado encostado na parede. No jantar 2, encontram-se uma mesa redonda e seis

cadeiras. Por fim, na varanda, estão dispostos quatro poltronas e uma mesa de apoio e uma mesa redonda para refeições com cinco cadeiras.

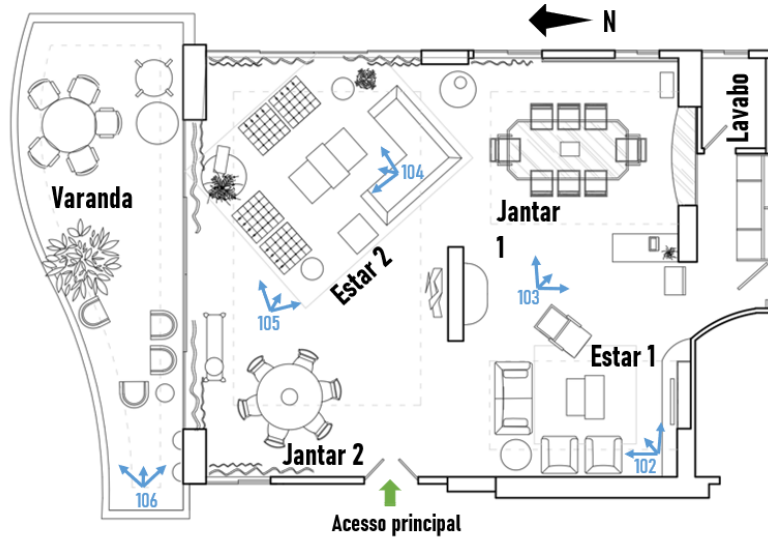


Figura 101 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

As paredes e o forro em gesso na cor branca apresentam um jogo de luz oriundo do desnível do gesso que marca cada ambiente. O piso laminado com cor de madeira contrasta com o tapete e os estofados de cor bege claro do Estar 1. As cortinas em tecido do tipo voal branco têm, em sua extremidade, um reposteiro em tecido preto preso por um suporte em metal desenhado por Janete. No centro do primeiro estar se encontra uma mesa de centro em granito preto também desenhado pela arquiteta. Encostada no pilar central, armazenando pratarias, está uma cristaleira do século XIX e uma poltrona com encosto de telinha e acento estofado. Entre o jantar 2 e o Estar 2, há uma escultura que imita um cacto, muito frequente nas composições de Burle Marx. Por fim, ao fundo, é possível ver a mesa tulipa de Eero Saarinen com luminária oval.



Figura 102 – Estar 1 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

A cristaleira que divide o jantar do lavabo tem estrutura superior e inferior em madeira, prateleira e portas em vidro e fundos de espelho. As prateleiras em vidro permitem que a iluminação embutida no topo do móvel contemple todos os níveis. A mesa, do tipo aparador, serve de apoio para *buffet* e tem dois tampos em granito preto e estrutura metálica e ao lado, um banco em madeira; na parede de fundo, um quadro com tons predominantemente azuis representa a arte contemporânea. A mesa de jantar, com tampo em vidro, *design* de Janete, tem seis cadeiras da mesma linha da poltrona do Estar 1, isto é, elas têm estrutura preta e acento e encosto revestidos por tecido branco. Nas pontas, há cadeiras com braços, cujo encosto é de telinha e o acento, de tecido.



Figura 103 – Jantar 1 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

No Estar 2, estão dispostas quatro poltronas Barcelona do arquiteto Mies Van Der Rohe em couro branco e estrutura metálica. O detalhe da armação em ferro que segura o reposteiro em tecido preto aparece entre a mesa de madeira redonda e uma das poltronas. Sobre a mesa de apoio antiga estão: um arranjo tropical, vasos e um abajur. Outra mesa de centro, em laca preta alto brilho com uma estrutura em madeira sobreposta, foi desenhada por Janete. Essa bandeja permite deslizar por toda extensão da mesa central. Sobre o tapete, cujo tecido é o mesmo do Estar 1, estão os pufes redondos nas cores preto e vermelho (Figuras 104 e 105). Encostado no pilar, que fica no centro do espaço, está uma escultura, no mesmo tom e altura da parede, iluminada por um ponto de luz previsto no gesso. Esse elemento estrutural poderia dividir os espaços, por ser muito largo, no entanto, Janete lançou o Estar 2 de modo que direcionasse o trajeto para o jantar por intermédio da torção de todos os móveis soltos, inclusive do tapete.

Nesse ângulo, o sofá de canto tem a mesma altura das poltronas e a mesma estrutura cromada da mesa lateral (*design* de Janete) com tampo em madeira em MDF preto.



Figura 104 – Estar 2 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.



Figura 105 – Estar 2 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

Na varanda com vista para o mar, diversas cerâmicas dispostas na parede se unem às cadeiras em fibra natural (Figura 106) (INVENTÁRIO, 2002). O pé da mesa, que dá apoio às poltronas, em primeiro plano, é criação de Janete. Trata-se de um vaso com alças em cerâmica com um tampo em vidro.



Figura 106 – Varanda | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

7. Ambientação na Av. Atlântica, 210, Rio de Janeiro, RJ – Arquiteto: Jorge Hue em 2005

Esse apartamento é um projeto arquitetônico de interiores e ambientação elaborado por Jorge Hue a partir da junção de dois apartamentos dos 5º e 6º andares, do edifício Regina Feigl (Figura 107). Com vista para o mar e do lado da Ponta do Leme, o projeto teve como objetivo principal organizar as obras de arte colecionadas pelo casal de clientes. Outro desafio foram os acessos verticais, por escadas e elevadores. O arquiteto José Eduardo Hue, filho de Jorge Hue, participou do projeto nas etapas finais e, por isso, esclareceu algumas dúvidas da autora durante o processo de análise da obra.

Hue projetou esse apartamento com a intenção de organizar as obras de arte sem que os usuários deixassem de utilizar esses ambientes. O sexto andar ficou definido como a área social principal. Esse andar abriga toda a coleção, que vai do século XVIII ao século XIX, com obras que retratam desde a Missão Francesa até o advento do século XX. Ainda nesse andar, uma sala de TV, um escritório e uma cozinha foram projetados para atender os convidados.

No 5º andar está localizada a residência propriamente dita. Para seguir o mesmo princípio do andar superior, foram reunidas todas as obras modernas e contemporâneas do período que datam da Semana de Arte Moderna de 1922 até os dias atuais. Outra cozinha foi projetada nesse andar para atender aos quatro dormitórios, compostos de suíte e *closet*, mais dois quartos servidos por um banheiro social e uma suíte para hóspedes. Por ser uma casa de colecionador, todos os cômodos se tornaram visitáveis, pois há quadros em todas as paredes, inclusive nos banheiros e no corredor da área íntima.



Figura 107 – Plano de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

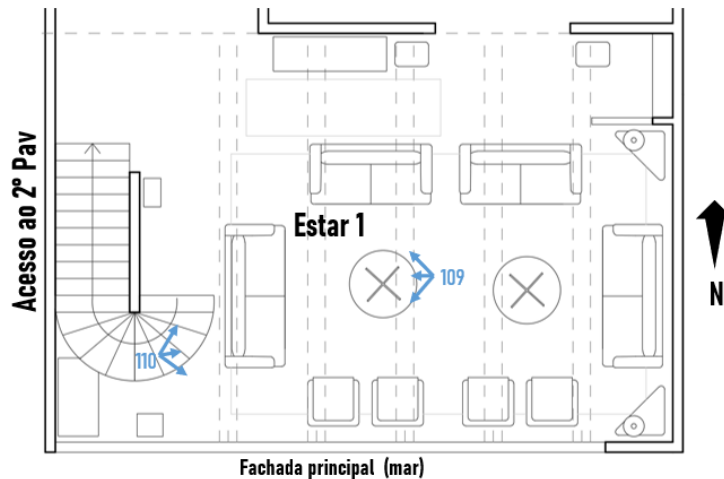


Figura 108 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A autora não teve acesso às plantas dos 5º e 6º andares do imóvel, mas teve a algumas imagens. Com base nessas imagens, foram elaboradas duas plantas baixas com medidas aproximadas (Figuras 108 e 111). O proprietário, hoje falecido, teria sofrido um AVE (acidente vascular encefálico) e por isso necessitava de alguns cuidados, desse modo, Hue projetou uma escada que tivesse diversos apoios, além de espaços que possibilitassem a passagem de uma cadeira de rodas (Figuras 109 e 112). Os sofás foram projetados voltados para o exterior, sendo atendidos por duas mesas de centro redondas, de costas para o mar, e quatro poltronas. O tapete abrange todo o espaço do Estar 1. Foi disposta, ainda, uma mesa do Mies Van Der Rohe com intervenção de Jorge Hue. Nela, em vez do vidro quadrado, Hue utilizou um vidro redondo.



Figura 109 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.



Figura 110 – Estar 1 | Fonte: Hue, 2010.

No outro lado do Estar 1, é possível perceber a solução que o arquiteto utilizou para manter o pé direito alto. Tendo em vista que o teto era todo em vigas, Hue projetou abobadilhas, o que permitiu um amplo pé direito. Essas abóbadas teriam sido feitas em gesso (ENTREVISTA, 2018). Para que pudessem ser usados os dois aparadores de canto, uma meia parede em gesso também foi projetada. Ao lado de uma de-

las, um bar em espelho e vidro expõe as bebidas. No Estar 2 em que estão expostas as obras de arte do século XX, os móveis da mesma época foram distribuídos de forma a liberar as paredes laterais. Trata-se de três sofás e duas cadeiras antigas servidos por uma mesa de centro. Os tapetes marcam os espaços principais.

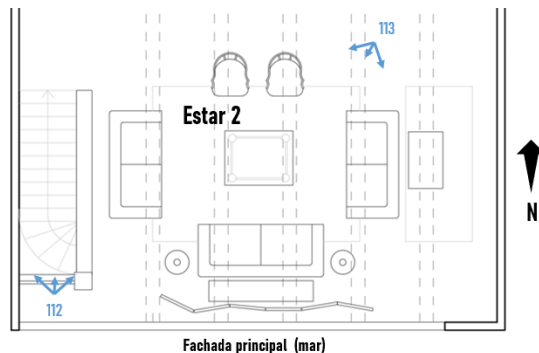


Figura 111 – Estar 2 | Fonte: Hue, 2010.

Para acessar o pavimento superior, há uma escada em madeira com diversos apoios já citada anteriormente (Figura 112). Um elevador também permite o acesso ao espaço, o mesmo, entretanto, não foi localizado pela autora.

No Estar 2 (Figura 113) utilizou-se a mesma solução do teto em meia abóboda, que permite aproveitar o pé direito. Essa divisória foi a solução encontrada pelo arquiteto para organizar a grande quantidade de obras. Trata-se de uma espécie de biombo, na mesma altura das portas da sacada, permitindo a exposição dos quadros. Na frente, há um aparador com alguns santos, protegidos por uma estrutura em acrílico. O colorido das almofadas se mistura aos tons das paisagens e da moldura dos quadros.



Figura 112 - Escada | Fonte: Hue, 2010



Figura 113 – Estar 2 | Fonte: Hue, 2010.

8. Ambientação na Av. Boa Viagem, 1642, Recife, PE – Arquiteta: Janete Costa em 2005

Esse apartamento tem uma área total de 320m² e está localizado na Av. Boa Viagem, nº 1642, em Recife/PE. A cliente Oneida Ferreira Costa era uma prima de Janete. Esse projeto foi uma das últimas ambientações residenciais em que a arquiteta trabalhou. Trata-se de um imóvel com 80m² de área social, que formam um L, divididos entre a sala de TV, a sala de jantar e o estar de apoio, onde fica o piano da proprietária (ABOLAFIO, 2009). A valorização da vista para o mar é possível graças a um estar na varanda voltado para o exterior.

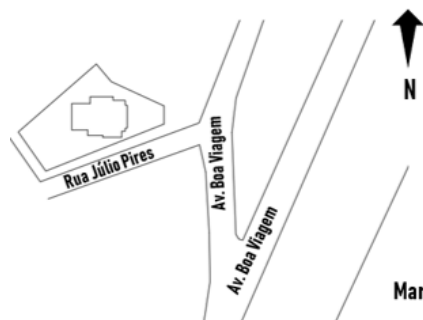


Figura 114 – Planta de localização | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Esse edifício tem um apartamento por andar e é atendido por uma escada e três elevadores, um de serviço e dois sociais. O estar e o jantar são integrados e permitem o acesso à varanda e ao lavabo. A circulação íntima está dividida em dois, o que permite integrar o dormitório 1 com a suíte principal quando necessário. São quatro dormitórios no total, dos quais três têm banheiro integrado. A cozinha, assim como a despensa, a lavanderia, o dormitório e o banheiro de serviço, são acessados pelo jantar ou pela circulação de serviço.

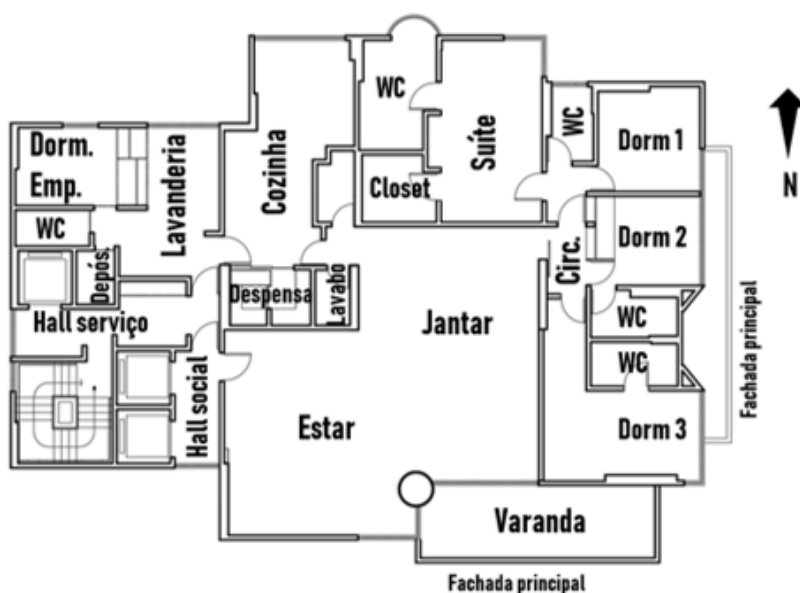


Figura 115 – Planta baixa | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Carmem Roberta Gil Borsoi, filha de Janete, também trabalhou na execução dessa reforma. Em entrevista ao Jornal Estadão de São Paulo em 2009, um ano após a morte de

Janete, Carmem afirmou que sua mãe “[...] compreendia o espaço não só do ponto de vista estético, mas levava em conta a funcionalidade” (ABOLAFIO, 2009).

O mobiliário está distribuído de forma regular, disposto no centro de cada espaço, de modo que a circulação no seu em torno foi facilitada. O Estar 1 também funciona como sala de TV e fica voltado para a estante em que nesta foi instalada. Uma mesa de centro e outra lateral atendem aos sofás, assim como os pufes e um baú antigo. No Estar 2 um espaço de convívio menos formal e mais confortável conta com duas poltronas e quatro mesas de apoio, sendo duas de altura mais baixa, o que permite que sejam recolhidas quando não estão sendo utilizadas. O grande destaque é o piano, que fica mais próximo da parede. No jantar, três aparadores servem a mesa que atende dez pessoas. Na sacada estão dispostos uma mesa redonda, o sofá e a poltrona de madeira (Figura 116).

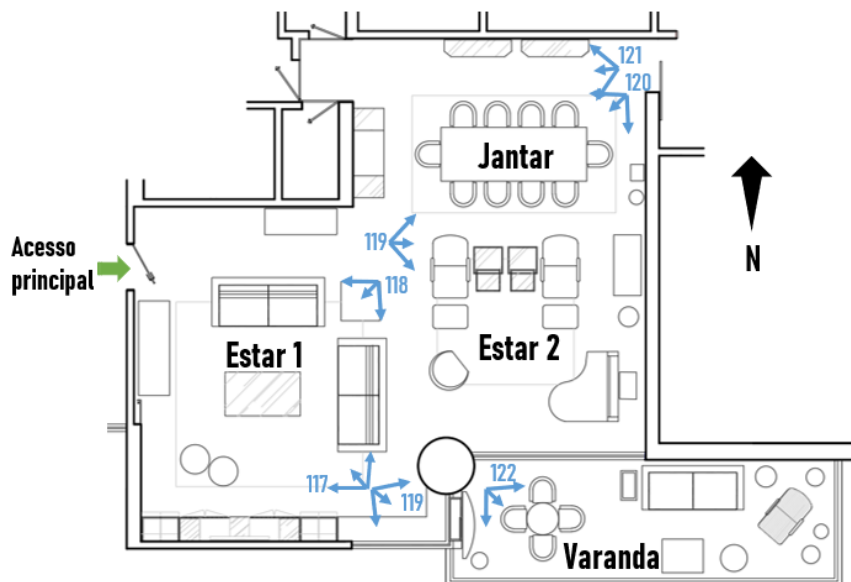


Figura 116 – Planta de ambientação | Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A porta de acesso na cor branca, assinada pelo artista pernambucano Eudes Mota, destaca-se devido à cor verde usada em toda a parede da entrada. Além da porta, as paredes e o teto são brancos. Nesse ambiente, não há iluminação no centro do espaço e o forro de gesso é liso e recebe o acabamento em tinta branca alto brilho. No que se refere à iluminação, há somente luminárias embutidas nas extremidades dos espaços, que seguem a disposição das obras de arte nas paredes.

O piso em porcelanato se mantém em um tom claro. Os estofados, em estilo contemporâneo, aparecem com tecido camurça na cor cinza e ficam bem próximos de

um antigo baú que sustenta potes chineses de porcelana, além de telas de Zé Claudio, Gil Vicente e João Câmara (ABOLAFIO, 2009).

A mesa de centro em madeira e vidro foi projetada por Janete. Um destaque é a iluminação indireta voltada para a parede verde, no sentido vertical, por trás da parede em gesso em que está preso o quadro com a imagem de um rosto feminino, e no sentido horizontal, na sanca em gesso criada em cima da parede verde. O tapete na cor cru abrange todo o espaço (Figura 117).

Ainda na Figura 117, é possível perceber o cuidado em definir o local exato da iluminação para que se contemple o centro das obras de arte.

O móvel em que ficam os equipamentos (televisão e som) segue o mesmo padrão da mesa de centro. Em madeira louro freijó, os armários projetados por Janete servem para armazenar objetos. Fora dele, uma estrutura em vidro com prateleiras emoldura as caixas de som do Home Theater e vasos de porcelana chinesa, além dos pratos presos na parede verde, os quais são vistos graças à transparência do vidro. O tom verde se repete no fundo da parede do painel, porém não vai até o teto.

Ao lado do móvel da televisão, uma estrutura em madeira segue a mesma profundidade do móvel, criando, assim, um pedestal que abriga duas peças, chamadas de *Cabeças*, esculpidas pelo artista Maciel (SOUZA, 2018), além de velas e vasos decorativos. A parede verde segue toda a extensão do móvel, que é interrompida por duas aberturas que permitem a vista para o mar, além da porta de acesso à sacada. Para o conforto térmico, cortinas brancas do tipo rolo foram instaladas (Figura 119).

Os projetos eram sempre detalhados com a intenção de proporcionar uma integração completa entre os elementos de arquitetura e as ambientações.

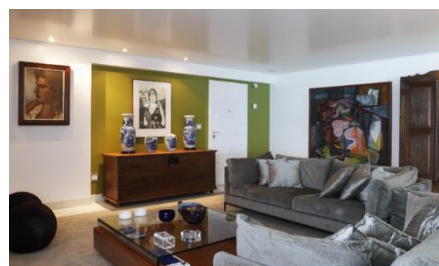


Figura 117 – Estar 1 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.



Figura 118 – Móvel da tv no estar | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.



Figura 119 – Estrutura para expor objetos decorativos | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

Na sala de estar, grandes ícones do *design* internacional foram utilizados. As espreguiçadeiras de Charles Eames são da Forma e a poltrona orgânica de Warren Platner. A tela em tom azul é de José Guedes e tem a mesma largura do piano em laca preta (Figura 120) (ABOLAFIO, 2009). A ampla mesa de jantar tem um motivo: os proprietários têm cinco filhos e vários netos. O espaço é delimitado por um antigo tapete persa, com mesa em madeira de linhas retas, desenhada pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, além de poltronas estofadas na cor off-white. A iluminação do jantar é feita por um pendente que remete ao estilo art déco, outra criação da arquiteta a partir de peças compradas de um antigo navio, presente de Janete para a sua prima. Em outro ângulo, Figura 121, é possível perceber a predominância da cor verde nas paredes, o que permite o destaque para as obras de arte.

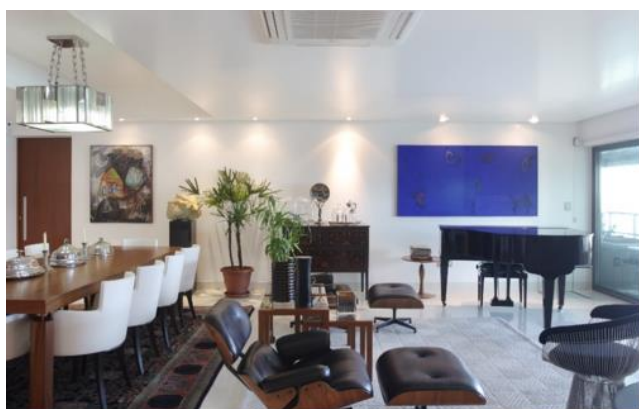


Figura 120 – Jantar e estar 2 | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.



Figura 121 – Jantar | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

Como apoio ao jantar, foram utilizados dois aparadores de ferro com vidro, de autoria de Janete. Logo acima, na parede, a escultura de Marcelo Figueira enfatiza a horizontalidade da composição (ABOLAFIO, 2009).

Na varanda, usou-se o mesmo piso do estar, enquanto no forro, ripas de madeira. A vegetação esconde a poltrona Gaivota em madeira preta, de Reno Bonzon (ABOLAFIO, 2009). O sofá de tecido na cor cinza, da linha de estofados de Janete para a Ardecora, tem o mesmo tecido dos pufes redondo e retangular. O tapete em cor clara abrange todo o espaço de estar.

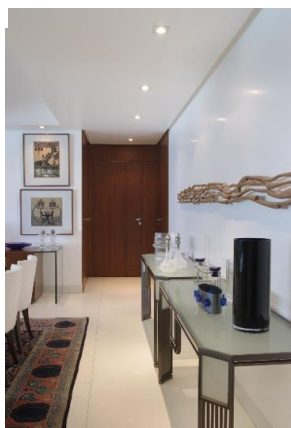


Figura 122 – Aparador projetado por Janete | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.



Figura 123 – Varanda | Fonte: Acervo de Roberta Borsoi, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge de Souza Hue e Janete Ferreira da Costa vivenciaram os principais acontecimentos da arquitetura moderna. Foram influenciados de diferentes formas por profissionais que fizeram parte dessa história: como Mies van der Rohe, que em seus projetos detalhava minuciosamente cada elemento que faria parte da composição do interior, de forma rígida, contudo precisa; como Le Corbusier, que a partir de sua experiência como cenógrafo e diretor de arte, possuía uma grande percepção de como distribuir objetos; e como Lucio Costa, arquiteto que se aproxima dos interiores propostos por Lina Bo Bardi, que constroem em seus interiores uma linha do tempo da história da arte com objetos que parecem ter sido reunidos ao longo de anos, o arquiteto como colecionador.

Esta pesquisa permitiu a identificação de diversos pontos de tangência na postura e no fazer artístico desses dois arquitetos, mesmo que algumas diferenças sejam pontuais. Primeiramente a diferença cronológica entre eles: Jorge Hue é 9 anos mais velho que Janete Costa, mesma diferença de tempo de suas respectivas graduações em Arquitetura. Ademais, Jorge nasceu, estudou e trabalhou na cidade do Rio de Janeiro, enquanto Janete teve grande influência da cidade onde deu início e cursou até a metade de sua graduação, Recife/PE.

Hue, durante sua atuação profissional, fazia parte da elite carioca, o que lhe permitiu trabalhar para importantes figuras que valorizavam a arte e a cultura estrangeira. Seu talento e gosto pela história da arquitetura o mantiveram como o principal arquiteto da elite carioca. Janete, por outro lado, trilhou seu caminho no campo da Arquitetura de Interiores a partir de mostras de decoração, de exposições, também ao abrir lojas, enfim, sua contribuição aconteceu de forma prática com a intenção de que ambientação interna se tornasse um novo segmento de atuação do arquiteto.

Apesar da formação em Arquitetura, Jorge Hue atuou por muito tempo na empresa da família, dedicando-se exclusivamente aos interiores somente a partir de 1999. Jorge costumava afirmar que “o bom gosto se faz com lógica, despojamento e bom senso.” (HUE, 2010). Em todos os projetos analisados, de ambos os arquitetos, há o cuidado para que a arquitetura sirva à decoração aproveitando seus elementos para a criação do mobiliário.

Preliminarmente, a decoração foi considerada como um componente passageiro e de menor responsabilidade, entretanto, há uma forte relação entre a pessoa que habita o ambiente e a disposição e escolha dos objetos e móveis que compõe o interior.

Essa compreensão se mostra evidente nos projetos apresentados, pois há uma complementação daquilo que é definitivo, o exterior arquitetônico, com aquilo que faz parte do cliente, a composição do interior.

A cor das paredes internas dos projetos analisados corrobora com o ensinamento de Banham (1979), ao passo que as define (as paredes) como criadoras do espaço e por isso foram "deixadas intocadas do chão à cornija", isto é, totalmente brancas como uma representação total da pureza da arquitetura moderna. Os pisos, revestidos em sua maioria por cerâmica Brennand, evidenciam o cuidado ao utilizar um acabamento de origem brasileira. Principalmente a partir da utilização de cerâmicas produzidas por Francisco Brennand (1927-2019), artista plástico nascido em Recife que atuou como ceramista. Segundo Lima (2009), Francisco participou do Movimento Armorial, uma iniciativa artística cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do nordeste brasileiro.

Outro dado importante, que aparece na pesquisa, é o cliente/proprietário exercendo a figura de colecionador. Na atuação de Jorge Hue, isso se fez mais presente, visto que era amigo de colecionadores cariocas, em especial do responsável pela Coleção Fadel, a qual Hue organizou em um livro. Esse colecionador, que resgata peças de sentido histórico, participa de um processo limitado e recorrente, avesso à modernização, talvez porque o móvel antigo fosse inicialmente vinculado às famílias de berço (aristocracia), período em que os móveis eram passados de geração a geração.

Na primeira residência, cujos interiores são de autoria de Janete Costa, há uma das principais reflexões da arquiteta. Durante o seu processo de amadurecimento, Janete acabou por associar à pobreza tudo que havia visto em sua infância, ou seja, somente equipamentos como televisão e geladeira tinham valor para a arquiteta. Tal situação fez com que Janete descobrisse que na verdade era muito privilegiada por ter criado seus próprios brinquedos e aprendido desde cedo a manipular materiais. Essa fase aconteceu no início da década de 1960, quando Janete morava no Rio de Janeiro, período de vigência da força nacionalista e quando a Arquitetura de Interiores foi substituída por uma visão menos restritiva, mais completa e eficiente (COSTA, 2009).

O caráter efêmero da ambientação de interiores, que Gáti (2014) atribuiu à personalidade inquieta de Janete, fez de sua primeira residência um verdadeiro laboratório. A arquiteta designava a Roberto Burle Marx como sua maior influência. Borsoi também foi uma importante referência, visto que Janete foi sua aluna no início da faculdade.

No segundo projeto de arquitetura e ambientação de autoria de Jorge Hue, datado de 1971, aparecem soluções modernas a partir da utilização de materiais

estritamente nacionais, principalmente na concepção do edifício projetado por ele. A planta faz referência à casa renascentista, pois não tem corredor, o que nos faz percorrer um cômodo para chegar em outro. É o mesmo caso da Casa do Padre Inácio, em Cotia/SP, o qual Hue utiliza como exemplo no seu livro *Uma Visão da Arquitetura Colonial no Brasil*, de 1999.

O pátio interno criado por Hue pode ser associado às situações feudais com uma sala central e diversos cômodos à sua volta. Todavia, trata-se de um projeto arquitetônico e de ambientação desenvolvido no auge da arquitetura moderna, quando não havia limite entre o interior e o exterior. O projeto contou com a assistência de Leo Adolpho Mayer, provavelmente por Hue estar, de certa forma, no início de sua carreira profissional. Esse projeto representou um resgate ao passado a partir do *azul colonial* dos azulejos, dos telhados de ponta e das treliças e muxarabis, sempre adaptados ao conforto do contemporâneo. Outro fator relevante desse projeto, e de outros de Hue, é o perfil de colecionador de muitos de seus clientes, nesses casos o conhecimento de Hue sobre arte e coleções se mostrou muito útil para compreender a relevância de cada obra e de como compor o espaço a partir da mesma.

Na terceira obra, de 1985, nota-se um resquício do final do século XIX. Foi identificada uma série de elementos que surgiram na ambientação, característica da densidade dos interiores anteriores ao movimento moderno. Nesse período, o estofado saiu da parede e ganhou conforto, acarretando novas possibilidades de mobiliário. Esse apartamento une diversas obras de arte, apoiada em biombos uma vez que não há paredes, com um mobiliário de época e representa um certo excesso, pois a ideia de interiores pelados e sem tapete era visto como um sinal de pobreza.

A quarta obra analisada, de 1988, é um projeto arquitetônico de Acácio Gil Borsoi com ambientação de Janete Costa e conta com obras de arte contemporâneas de Tomie Ohtake, Francisco Brennand, Weissman, Emanuel Araujo, Burle Marx, Joaquim Tenreiro, Flávio Marinho Rego e Ascanio MM e desenhos de Portinari em harmonia com antiguidades, sobretudo art déco. Além disso, cita-se a abundância de arte popular e artesanato de vários países.

A quinta obra analisada foi o apartamento em que Jorge Hue morou entre os anos 1998 e 2017, no Edifício Bristol no Parque Guinle. Esse empreendimento foi projetado por Lucio Costa e construído em 1950. As pequenas varandas, uma ligada aos ambientes sociais e outra aos quartos e à cozinha, ilustraram o que Lucio Costa mais defendia: retomar a casa brasileira tradicional com soluções modernas com base na arquitetura colonial. Foi nessa configuração de planta que Comas (2004) fez referência à casa esparramada, uma tradição da residência rural brasileira. Devido à distribuição dos

pilotis, criou-se um novo conceito, no qual o corte é a fachada (referindo-se à fachada como um resultado do edifício em corte). A ambientação de Jorge Hue foi estruturada por móveis soltos e no centro dos ambientes pré-determinado pelos pilotis. Quando fora necessário dividir os espaços de estar, optou-se por utilizar um móvel que não isolasse o ambiente como um todo.

A sexta obra analisada foi um apartamento à beira mar na cidade de Fortaleza/CE. O *living* exemplifica a preferência por uma Arquitetura de Interiores mais limpa, deixando o rebuscamento para obras, peças e objetos. Ali se encontram algumas marcas da profissional Janete Costa, com espaços integrados, pinceladas de cor e móveis desenhados especialmente para o local. Como a armação em ferro que segura o reposteiro das cortinas e o aparador do jantar no mesmo material da armação. Janete utilizou o artesanato como forma de embelezar e aquecer o ambiente. Apesar de ser uma alternativa barata, o espaço conta, de forma proposital, com peças de arte consagradas, que interagem lado a lado. Além disso, é importante destacar o uso de uma escultura em formato de cactos que faz referência ao almejado selo de brasilidade de Burle Marx.

As últimas obras, isto é, a sétima de Jorge Hue e a oitava de Janete Costa, são apartamentos cuja ambientação foi inaugurada em 2005. A distância entre sofás e poltronas facilita a conversa, além disso, optou-se pelo uso de mesas e luminárias que atendessem à função a elas atribuída. Em uma forma de viver extremamente contemporânea, o uso de materiais como o vidro, na maior parte das mesas, evidencia o interesse dos arquitetos pela transparência.

Com isso, verifica-se que Hue revela, em seus projetos, a mesma compreensão de Janete nas ambientações, pois ambos apresentam o uso de objetos das mais variadas procedências. Podemos perceber na estratégia metodológica por eles empregada o uso adequado dos espaços, permitindo a incorporação de objetos que fazem sentido no ambiente, ambos avessos a modismos e enfeites.

Durante a entrevista realizada com Jorge Hue, foi possível identificar o domínio que o arquiteto tem pela arquitetura ocidental. É possível perceber ao longo da pesquisa e dos estudos de caso que Hue teve uma habilidade em conectar seus estudos teóricos com a prática da arquitetura. Seus conhecimentos sobre arquitetura francesa, inglesa, portuguesa, italiana, russa e brasileira são decifrados a partir de treliças, elementos vazados, painéis, meias paredes e múltiplas separações. Já nas artes plásticas, ele cria relações interativas em elementos que, para muitos, são apenas contemplativos, mas em seus interiores criam função.

Outro fato importante que devemos considerar são as duas faculdades que Hue se graduou. O escritor e advogado Joaquim Falcão reflete sobre isso, em 2010, ao afirmar que na sociologia é possível interpretar as relações sociais, compreendendo-a a partir de figuras como Gilberto Freyre, Sergio Buarque e Caio Prado; na arquitetura, Hue explica essas atividades humanas na escala do gesto, indo além da técnica. Segundo ele, Hue integra a elite profissional estreada por importantes profissionais:

Lucio Costa na arquitetura, Raymundo Faoro na ciência política, Aloísio Magalhães no design, Tom Jobim e Chico Buarque na música e Guel Arraes e Dias Gomes no folhetim. Tais influências foram decisivas para o sociólogo que se fez arquiteto, ao decifrar o enigma do Brasil e do brasileiro. Seus projetos representam a produção de um conhecimento extremamente contemporâneo, uma vez que não faltam os azulejos de ontem e as cerâmicas de hoje. Seus projetos são no fundo uma reconstrução do passado e presente, através da arquitetura de convivência, ao alcance da mão, do falar e ouvir (HUE, 2010, p. 97).

Hue e Janete utilizam, em seus projetos, peças de murano antigas, móveis D. João V, porcelanas Macau e painéis de muxarabi, além de explorar o uso de cores como azul petróleo, branco, preto, amarelo e o laranja do tijolo cru.

Vale lembrar que a atuação profissional de Janete Ferreira da Costa e Jorge de Souza Hue busca atender às necessidades da elite. O uso do artesanato em projetos residenciais e a atuação em curadorias e exposições foram utilizados como estratégias de Janete para divulgar artesãos brasileiros no país e no exterior. No caso residencial, trata-se de uma forma de treinar o olhar das classes mais favorecidas, que conhecem outras culturas.

Outro ponto importante é o interesse de Janete por *design* de produto. Quando não havia uma peça disponível que completasse o ambiente, ela mesma criava, aproximando-se da arquitetura orgânica idealizada por Frank Lloyd Wright. Janete reinterpretou a arte, propiciando usuários modernos a consumi-la, além do artesanato e a indústria da Bauhaus, sem privar o público das deliciosas piratarias formais pós-ideologia. Em Falcão (2013), Gilberto Freyre reconhece o gesto brasileiro nos interiores de Janete ao afirmar que "o que o Brasil fez com as raças — misturar-se para sermos melhores — Janete faz com a arquitetura". Janete trouxe o popular para o erudito, o barroco para o *design* e o barro para o aço.

Segundo Adélia Borges, em uma publicação dos anos 2000, o Brasil estava suficientemente maduro para mostrar sua *cara* na mescla cultural vinda não só dos nativos indígenas, dos africanos e dos portugueses, mas também de levadas significativas

de imigrantes vindos da Europa e da Ásia, ou seja, não há uma única cara para mostrar. Essas múltiplas facetas estão prontas para encontrar o seu lugar no mundo, tal como as nossas múltiplas vozes, que já se fazem ouvir desde a Bossa Nova.

Dessa forma, considerando o período de formação de Jorge Hue e Janete Costa, podemos identificar que ambos apresentam a influência de diversos estilos, passando desde a fase eclética da arquitetura (de grande expressão no século XIX) até a fase nacionalista, que foi muito difundida na região de atuação dos arquitetos por meio de uma decoração brasileira com influências indígenas, europeias e caboclas. Esses arquitetos englobam desde a adequação a um clima tropical até os projetos de ambientes modernos, momento em que o mobiliário interior começa a ser desenvolvido pela indústria.

Janete Costa e Jorge Hue podem ser considerados fundamentais para a continuidade do trabalho dos interiores de importantes arquitetos modernos, como Lucio Costa, presente nos projetos de Hue, e Lina, presente nos projetos de Janete. Isso tudo graças à capacidade de compreender as necessidades contemporâneas de seus clientes e proporcionar-lhes um ambiente moderno para viver.

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 – Jorge Hue em entrevista concedida à autora	21
Figura 2 – Interior do Jockey Club	24
Figura 3 – Dedicatória de Lucio Costa para Jorge Hue	25
Figura 4 – Desenho de cadeiras: curso sobre a Revolução Francesa ministrado por Jorge Hue	25
Figura 5 – Croqui de Jorge Hue para uma sala de estar em 1951	25
Figura 6 – Janete Costa em entrevista à edição especial da revista Claudia	26
Figura 7 – Catálogo Ardecora – Lado A	29
Figura 8 - Catálogo Ardecora – Lado B	29
Figura 9 – Acácio Gil Borsoi e Janete Costa	29
Figura 10 – Acácio Gil Borsoi, Burle Marx e Janete Costa	31
Figura 11 – Ambientação do ateliê de Burle Marx	31
Figura 12 – Propaganda para a loja Probjeto	31
Figura 13 – Propaganda para a loja Forma	31
Figura 14 – Janete na propaganda para a loja Probjeto	32
Figura 15 – Móveis em vidro na mostra Casa Cor RJ em 1995	32
Figura 16 – Jantar na mostra Casa Cor RJ em 1995	32
Figura 17 – Croqui do ambiente na mostra Casa Cor Pernambuco em 1997	33
Figura 18 – Ambiente na mostra Casa Cor Pernambuco em 1997	33
Figura 19 – Palácio dos Leões em São Luís do Maranhão	34
Figura 20 – Interiores do salão principal	34
Figura 21 – Fachada da Galeria no Parque Dona Lindu	34
Figura 22 – Interior da Galeria Janete Costa	34
Figura 23 – Fachada do Museu Janete Costa de Arte Popular	35
Figura 24 – Interior do Museu	35
Figura 25 – Instituto Ricardo Brennand em Recife PE	35
Figura 26 – Exposição permanente de Janete Costa e Acácio Gil Borsoi	35
Figura 27 – Inventário de Janete Costa e Acácio Gil Borsoi	36
Figura 28 – Escritório atual de Roberta Borsoi	36
Figura 29 – Exemplo de título dos projetos de ambientação	39
Figura 30 – Planta de localização	40
Figura 31 – Fachada Leste	40
Figura 32 – Fachada norte e oeste	40
Figura 33 – Planta baixa	41
Figura 34 – Planta de ambientação dos sobrados 1 e 2 em 1972	42
Figura 35 – Sala de Estar 1 em 1970	42
Figura 36 – Sala de Estar 1 em 1970	42
Figura 37 – Sala de Estar 2 em 1972	43
Figura 38 – Portas de uma igreja do período colonial	43
Figura 39 – Sala de Estar 2 em 1972	44
Figura 40 – Sala de Jantar em 1972	44
Figura 41 – Planta de ambientação dos sobrados 1 e 2 em 2019	45
Figura 42 – Sala de Jantar em 2019	45
Figura 43 – Sala de Estar 2 em 2019	46
Figura 44 – Sala de Estar 2 em 2019	46
Figura 45 – Detalhe do suporte em ferro para expor cabeças de santos	46
Figura 46 – Sala de Estar 3 em 2019	47
Figura 47 – Planta de localização	48
Figura 48 – Planta baixa	48
Figura 49 – Planta de ambientação	49
Figura 50 – Fachada lateral	49
Figura 51 – Entrada	49
Figura 52 – Entrada	50
Figura 53 – Hall de entrada	50
Figura 54 – Pátio interno	50
Figura 55 – Estar 1	51

Figura 56 – Hall de entrada	52
Figura 57 – Planta de ambientação	52
Figura 58 – Estar 1	53
Figura 59 – Estar 1	53
Figura 60 – Planta de ambientação	54
Figura 61 – Jantar	54
Figura 62 – Planta de localização	55
Figura 63 – Fachada principal	55
Figura 64 – Corte	55
Figura 65 – Planta de ambientação	56
Figura 66 – Entrada	57
Figura 67 – Portas de uma igreja do período colonial	57
Figura 68 – Hall de entrada	58
Figura 69 – Escultura de São Miguel de Arcanjo	58
Figura 70 – Estar 1	59
Figura 71 – Escultura luminosa	59
Figura 72 – Jantar	59
Figura 73 – Bar	59
Figura 74 – Estar 2	60
Figura 75 – Escada	60
Figura 76 – Estar 2	61
Figura 77 – Mesa lateral Émile Gallé	61
Figura 78 – Vasos Fauré e Daum-Majorelle	61
Figura 79 – Luminária Tiffany e vidros Lalique	62
Figura 80 – Estar 3	62
Figura 81 – Paisagem de Olinda de Burle Marx	62
Figura 82 – Estar 3	63
Figura 83 – Estar 3	63
Figura 84 – Terraço	63
Figura 85 – Paisagismo de Burle Marx	64
Figura 86 – Planta de localização	65
Figura 87 – Planta baixa	66
Figura 88 – Planta de ambientação	66
Figura 89 – Estar 1	67
Figura 90 – Hall	68
Figura 91 – Santo de roca e peça racho de José Alves	68
Figura 92 – Estar 2	68
Figura 93 – Estar 2	69
Figura 94 – Poltrona projetada por Jorge Hue	69
Figura 95 – Mesa de cancela em madeira maciça	69
Figura 96 – Estar 3	70
Figura 97 – Jantar	70
Figura 98 – Painele no jantar	70
Figura 99 – Planta de localização	71
Figura 100 – Planta baixa	71
Figura 101 – Planta de ambientação	72
Figura 102 – Estar 1	72
Figura 103 – Jantar 1	73
Figura 104 – Estar 2	74
Figura 105 – Estar 2	74
Figura 106 – Varanda	74
Figura 107 – Planta de localização	75
Figura 108 – Planta de ambientação	76
Figura 109 – Estar 1	76
Figura 110 – Estar 1	76
Figura 111 – Estar 2	77
Figura 112 – Escada	77
Figura 113 – Estar 2	77

Figura 114 – Planta de localização	78
Figura 115 – Planta baixa	78
Figura 116 – Planta de ambientação	79
Figura 117 – Estar 1	80
Figura 118 – Móvel da tv no Estar 1	80
Figura 119 – Estrutura para expor objetos decorativos	80
Figura 120 – Jantar e Estar 2	81
Figura 121 – Jantar	81
Figura 122 – Aparador projetado por Janete	81
Figura 123 – Varanda	101
Figura 124 – Croqui feito por Hue da autora	98
Figura 125 – Croqui da cadeira número 14 de Michael Thonet	101
Figura 126 – Croqui das poltronas confidente	101
Figura 127 – Croqui cadeira estilo Art Nouveau	101
Figura 128 – Croqui da torre Eiffel	101
Figura 129 – Croqui de poltrona que serviu de inspiração para a poltrona assinada pelo arquiteto	102
Figura 130 – poltrona assinada pelo arquiteto Jorge Hue. Fonte: Acervo da Autora	102
Figura 131 – São Miguel Mineiro, do artista Farnese de Andrade. Fonte: acervo da autora.	102

REFERÊNCIAS

ABOLÁFIO, Beto. Marca de um estilo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, abr. 2009. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/casa-e-decoracao,marca-de-um-estilo,353566>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ALCÂNTARA, Denise. Projeto, desempenho urbano e construção do lugar: avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle. 2002. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BANHAM, Reyner. **Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BARBOSA, Maria Ignez. Salve Jorge. **Casa Vogue**, São Paulo: Globo, v. 266, out. 2007.

BARDI, Pietro Maria. **Mobiliário brasileiro, premissas e realidade**. São Paulo: Masp, nov./dez. 1971,

BEZERRA, Eugênia. História da Amparo 60 começou em Olinda: galeria começou com uma loja no sítio histórico da cidade. **Jornal do Commercio**, 2013. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2013/08/08/historia-da-amparo-60-comecou-em-olinda-92910.php>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BORGES, Adélia L. Janete Costa, a arquiteta dos interiores brasileiros. **Design Interiores**, São Paulo, v. 23, p. 91-106, 1991.

BORGES, Adélia. Mil Faces: Generosa e Cheia de Luz. **KAZA**, São Paulo, p. 84-89, 1996.

BROWNE, E. et al. **Casas latinoamericanas: Latin American Houses**. Barcelona: Gustavo Gili, 1994. 144 p.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CALS, Soraia In: COSTA, Janete. **Interiores: Janete Costa**. Rio de Janeiro: Index, 1993.

CARDERARI, Zizi. **Casa Roberta Borsoi**. Disponível em: <<http://www.casadosoutros.com.br/casa-roberta-borsoi/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CARVALHO, Bruno Carvalho. Imagens 33, 34, 35 e 36 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <flavia@arqmestra.com.br> em 2018.

CASA & JARDIM. A Casa do ano. São Paulo, v. 408, jan. 1989.

CASA & JARDIM. Decoração de Norte a Sul: os melhores interiores do Brasil. São Paulo, p. 35-98, 1970.

CASA & JARDIM. Os profissionais: Janete Costa — arquiteta, designer, interiores, arte popular. São Paulo, v. 450, 1992.

CASA & JARDIM. Um duplex e seus muitos espaços. São Paulo: Efecê, v. 463, 1993. Mensal.

CASA COR. Pernambuco'97. In: **CASA CLAUDIA**, ano 21, n. 11, nov. 1997.

- CASA VOGUE: Edição de aniversário. São Paulo: Globo, maio 1990.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. O encanto da contradição: conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer. **Vitruvius**: Arqtextos, São Paulo, ano 1, n. 00406, p.1-2, set. 2000.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Protótipo, Monumento, Um Ministério, O ministério. Projeto (São Paulo), São Paulo, v. 102, 1987.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Três variações sobre a domesticidade e a transparência no pós-guerra. **ArqTexto**, p. 12-19, 2006.
- CONTE, Mariana. Mulheres na arquitetura: a pernambucana Janete Costa. **Casa Claudia**, set. 2017. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/arquitetura/mulheres-na-arquitetura-a-pernambucana-janete-costa/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.
- COSTA, Geraldo Ferreira da. **Uma Vida**: Janete Costa. Niterói: Fernando Jordão, 2009.
- COSTA, Janete. Ambiente, vestíbulo e living. **Casa Cor Pernambuco**, Recife, p. 54-55, 1997.
- COSTA, Janete; BORSOI, Roberta. Hall com escada principal. **Casa Cor Pernambuco**, Recife, 2003.
- COSTA, Janete. Contemporânea e Acolhedora. **Casa Vogue**, São Paulo, ano 2, n. 4, p.11-16, 1998.
- COSTA, Lucio. **Biblioteca Educação é cultura**: arquitetura. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1980.
- DANTAS, Cristina. **Brasil porta adentro: uma visão histórica do design de interiores**. São Paulo: C4, 2015.
- FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.
- FUNCULTURA: Introdução ao Funcultura. Introdução ao Funcultura. s/d. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/funcultura/sobre/introducao-ao-funcultura/>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- GÁTI, Andréa. **Arte e Artesanato na Arquitetura de Interiores Moderna de Janete Costa**. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- GÁTI, Andrea. Simples e fiel às raízes culturais. **Viver Bem**, São Paulo, 86-92, maio 2013.
- GRILLI, Sílvia. **Signos da brasilidade no design de móveis**. São Paulo: SENAI-SP, 2015.
- GUERRA, Abílio. **Lucio Costa: modernidade e tradição: montagem discursiva da arquitetura moderna brasileira**. 2002. 293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- GUERRA, Carla. Janete Costa Pra sempre viva. Pernambuco: Carla Guerra, **ClassCasa**, ano 3, n. 14, dez. 2008.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2000.

GUIMARAENS, Cêça. **O patrimônio cultural no campo museográfico modernista brasileiro.** Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, v. 2, p. 47-63, 2010. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8184.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

HUE, Jorge de Souza. **Cadernos de desenhos.** Rio de Janeiro: Muad, 2010.

HUE, Jorge de Souza. Entrevista concedida à Flávia Petersen. Rio de Janeiro, 2018. A entrevista na íntegra se encontra disponível no Apêndice A desta Dissertação.

HUE, Jorge de Souza. **Uma visão da arquitetura colonial no Brasil.** Rio de Janeiro: Agir, 1999.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. Inventário de Janete Costa é exposto em Pernambuco. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/noticias/inventario-de-janete-costa-e-exposto-em-pernambuco>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

IPHAN, INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx, s/d. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/399/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

LOPES, Fernanda Guimarães. Raízes do Brasil. **A&D Arte e Decoração**, São Paulo, n. 146, p. 14-22, 1988.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de interiores e decoração:** a arte de viver bem. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno:** arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MOURA, Éride. História Reconstruída. **AU: Arquitetura e urbanismo**, São Paulo, ano 19, n. 118, jan. 2004.

MOUTINHO, Stella; PRADO, Rúbia Bueno do; LONRES, Ruth. **Dicionário de artes decorativas & decoração de interiores:** nova edição revista e ampliada. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Catálogo de Exposição. **Uma vida: coleção Janete Costa e Acácio Borsoi.** Pernambuco: Museu do Estado de Pernambuco, 2007.

NITERÓI ARTES. Janete Ferreira da Costa. **Arquitetura, urbanismo:** banco de artistas. Disponível em: <<http://www.niteroiartes.com.br/banco/?p=753#>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

PEIXOTO, Ana Clara Fernandes et al. Demarcação do domínio privado: o interior da casa. Disponível em: <<https://karenbortoli.files.wordpress.com/2012/09/demarcac3a7c3a3o-do-domc3adnio-privado-o-interior-da-casa-2.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2020.

PEIXOTO, Marta Silveira. **A sala bem temperada: interior moderno e sensibilidade eclética**. 2006. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PEIXOTO, Marta. Lugares de vilegiatura, caminhos sul-americanos, **ArqTexto**, maio 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_14/03_MP_PARKHOTEL_040210.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

PUPPI, Marcelo. **A Arquitetura Acadêmica no Rio de Janeiro (1890-1930): uma Revisão Historiográfica**. 1994. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

RABELO, Frederico André. **Arquitetura e Música: Interseções Polifônicas**. 2007. 130 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Goiânia, 2007.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

REVISTA SIM! É DIFERENTE. **A história da casa de Roberta Borsoi**. Disponível em: <<https://www.revistasim.com.br/sim-104-arquitetura-historia-da-casa-de-roberta-borsoi/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

REVISTA SIM! É DIFERENTE. **Roberta Borsoi homenageia os pais**. Recife: Patrícia Marinho, Mensal. Disponível em: <<https://www.revistasim.com.br/roberta-borsoi-homenageia-os-pais/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

REVISTA SIM! É DIFERENTE. **Arquitetura Decoração Design Arte**, Recife, n. 104, 2018.

REZENDE, Ivan. **Interiores residenciais**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.

RODRIGUES, Phelipe. Casas Pernambucanas. **Revista Eixo**, Pernambuco, v. 2, n. 3, p. 48-54, 2004.

SANTOS, Maria Amélia O. jogo e cores e texturas num projeto ousado. **Arquitetura & Construção**: a revista para construir ou reformar a sua casa, São Paulo, ano 5, n. 5, p. 48-57, maio 1989.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Olhares, 2017.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SOUZA, Pedro Mello e. Perfil: Janete Costa. **Magazine Casa Shopping**, Rio de Janeiro, n. 64, p. 30-36, jan. 2018.

TENREIRO, Joaquim. **Madeira**: Arte e Design. Rio de Janeiro: João Fortes, 1985.

THORNTON, Peter. **Autentic Decor-the domestic interior 1620-1920**. Londres: Seven, Dials, Cassel & Co, 2000.

VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOLF, José. Acácio Gil Borsoi: um mestre ainda aprendiz. **AU: Arquitetura e urbanismo**, São Paulo, n. 84, p. 35-41, jun/jul. 99.

ZEIN, Ruth Verde. Outras arquitecturas de Brasil. In: 2G, IV 98, p.14-23.

ZOBARAN, Sergio. Decoração à brasileira e a 4 mãos: a casa de Janete Costa e Acácio Borsoi, em Olinda. **Casa Vogue**, 2012. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/noticia/2013/01/casa-janete-costa-acacio-gil-borsoi.html>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

APÊNDICE — ENTREVISTA FEITA POR FLÁVIA PETERSEN COM JORGE HUE

Abaixo está transcrita a entrevista realizada com Jorge Hue em 20 de Julho de 2018. Algumas das imagens aqui apresentadas fazem parte de um material intitulado: “*Duzentos anos de aventura e estética*”, que tinha como objetivo contar a história do desenho de cadeiras a partir de desenhos elaborados por Hue.

A: Conheci os seus projetos através do seu Livro: Vetores de uma vocação. Como surgiu a ideia de reunir estas obras?

J: Fui muito incentivado a organizar o livro, as imagens que eu tinha das obras não puderam ser usadas, pois não eram digitais.

Jorge Hue pede que a Autora leia o seguinte trecho do livro: “O nosso espaço é sempre menor, é claro, mas cabe-nos compreendê-lo, dele devemos extrair o máximo sumo, todo o recheio, todo o seu aproveitamento interior deve almejar o máximo de flexibilidade, inter-cambialidade e função”.

A: O senhor vendeu o apartamento do Parque Guinle?

J: Sim, há dois anos e 6 meses não moro mais no Parque Guinle.

A: Você tem filhos arquitetos?

J: Sim, tenho 2 filhos arquitetos que às vezes pedem minha opinião sobre seus projetos.

A: Conte-me um pouco sobre a sua história.

J: Eu nasci em 1923, pouquíssimo depois da Primeira Guerra terminada, e faltando bastante para a segunda. Neste *turn over* desta época, houve uma coisa muito interessante, porque não existia o que chamamos hoje de *decoração de interiores*, existia enfeitar alguma coisa, ou (mais trágico) transferir de um lugar para outro, de um lugar maior para um menor. E com isso sobravam-se coisas, porque o que se tinha eram as chamadas mobílias. Estas mobílias tinham que encontrar o seu lugar, de uma maneira ou de outra, de forma inadequada onde não existia proporção. Não se fala em bom senso aí, porque não era uma questão de bom senso, você levava o que tinha ou coisas com funções determinadas. Foram nestes 10 anos que aconteceram muitas coisas que mudaram o panorama do que chamamos de interior.

A: É possível perceber, em sua atuação profissional, múltiplas vocações na área da arquitetura, arte, sociologia. Como surgiu cada uma destas vocações?

J: Surgiu de maneira natural, eu tinha uma noção de desenho razoavelmente grande da disciplina arquitetura naval, pois minha família está muito ligada à navegação. Desde a primeira vez que fui ao EUA, eu trabalhei em um estaleiro e fiquei muito próximo. A vida me fez, por razões muito especiais, me dado uma série de experiência neste sentido. Até de fazer, em um belo dia, a reforma de um iate que tinha sido de Elizabeth Taylor, era

todo de madeira, uma beleza. Um barco de equipamento muito bom, de Oceano, já tinha atravessado 2 ou 3 vezes o Atlântico.

A: Explicando minha atuação profissional, também de interiores, comentei sobre um trabalho que apareceu no Casa & Cia, em que fiz um painel de copinhos para minha sala de TV.

J: Tentei escrever este livro, *Vetores de uma vocação*, e mesmo assim, você que leu razoavelmente sabe que a vida vai empurrando você para determinados alvéolos que são abertos. Esta noção de alvéolo, para completar ou encher, quer dizer virar o seu painel de copinhos ao contrário, e surgiu uma quantidade enorme de bocas, como se os copinhos estivessem cheios, mas, à medida que você vai vivendo, você vai enchendo.

A: Como você resumiria o legado que Lucio Costa te deixou?

J: O Lucio Costa tem uma passagem muito bonita, que diz que quando realmente um profissional trabalha e trabalha por amor, ele está trabalhando para o outro, mas na verdade está trabalhando para ele mesmo. Cada trabalho é um desafio seu. Você é o único juiz deste trabalho. Cada trabalho é uma fórmula. Assim como você inventou o copinho, você vai inventar muitos copos na sua vida. Você vende a pele. Eu penso que morrer é uma maravilha, pois você não tem papel e nem números. Pois repare a quantidade de números que lidamos, quando você está trabalhando em algo, sabemos as cotas todas de cor. A ordem de grandeza, a lógica.

J: Houve um teórico francês extraordinário, Blondel, que dizia o seguinte: "qualquer coisa que vai e que fica do seu trabalho onde há qualquer esforço humano, de qualquer maneira, tem três qualidades embutidas: a *contensão*, aquilo que significou o seu próprio juízo; a *lógica*, que seria a medida da nossa racionalidade, não tê-la é terrível, tê-la só os loucos tem, louco é aquele que tem a lógica em excesso; e o *bom senso*, que pode ser uma coisa, como uma mesinha, que pode estar no meio de tudo, na adoração dos objetos, na escolha dos materiais, na preocupação com o envelhecimento daqueles objetos, para que eles possam envelhecer com dignidade, na humildade de saber que você não está fazendo uma coisa para sempre. Nada é eterno, e sobretudo hoje em dia, as coisas têm uma descartabilidade total. E saber que, tanto em arquitetura com letra maiúscula, ou Arquitetura de Interiores, que tendem a uma situação pessoal, raros arquitetos, mesmo assim no Brasil, tiveram a oportunidade de fazer palácios. A única que eu conheço foi o Oscar.

A: E o de Oscar Niemeyer?

J: Uma vez o Oscar estava em Argélia, e a ditadura ia começar, e eu fui convidado em Brasília para reformular o Palácio do Planalto na área da presidência da República, e até foi muito engraçado porque o Oscar, gênio incontestável, a parte orgânica dele é toda

perfeita, mas a parte plástica é extraordinária. Quando a pessoa até hoje, no que significa praça dos 3 poderes, a catedral é uma maravilha, eu a conheci ainda com vidro fosco.

J: Quando você vê aquele prédio que são as duas câmaras do senado e os dois auditórios, um em um sentido, e outro em outro, é uma coisa incrível, aquilo poderia ter envelhecido de forma feia, em pedaços, porque tudo foi construído rapidamente, e a dificuldade de construir no planalto era incrível, pois era feita só de helicóptero e avião. Quando você imagina essas coisas, a durabilidade é outra.

J: Um prédio comercial ou residencial raramente você pensa que ele possa durar mais de 20 anos. É quase impossível que ele possa durar. Por exemplo: a avenida Rio Branco foi inaugurada em 1903, o grosso dos prédios deles não duraram 50 anos. Um prédio, [este atrás de você] que é o Hotel Nacional do Oscar, ele ficou obsoleto em menos de 30 anos porque você não tinha a demanda que temos hoje, as instalações não estavam preparadas para a grande revolução da internet. Você não tinha terminais, os elevadores não tinham a velocidade certa para a altura do prédio, a parte elétrica não atendia às necessidades de agora. Hoje em dia, cada quarto tem que atender às necessidades dos usuários. Então as coisas ficavam defasadas, deixando aquele tipo de conforto, eu não estou falando da qualidade do hóspede, mas o que ele quer.

J: Pensa um pouco, eu acabei lendo um pouco sobre o Steve Jobs, logo depois que estas máquinas surgiram [apontando para seu Ipad], isso é muito jovem, tem menos de 30 anos.

A: Nossa, eu não tenho 30 anos.

J: E eu 95. [Risos]

J: Mas pense nisso, minha querida, 28 anos, estas máquinas que eu uso, e faço desenhos, com uma canetinha, que é fantástica. Ela é tão mercenária, pois só funciona do aparelho pro em diante. Tem uma outra caneta, que é esta aqui, não é da Apple, mas funciona.

A: O senhor chegou a usar o Autocad para desenhar seus projetos?

J: Muito pouco.

[Nesse momento ele inicia um croqui no Ipad e faz um retrato da autora, Figura 124].



Figura 124 – Croqui feito por Hue da autora

Autora: Quando eu fiz faculdade, não tive a disciplina de interiores. Como foi para o senhor aprender sobre este assunto?

J: Eu não sei como estão as escolas do sul, mas eu acho que por mais que você se esforce, o ensino nunca é totalmente satisfatório. Pensa um pouco o que era o artista do Renascimento, ele trabalhava em uma academia que era só dele, com autonomia, conversavam entre si, muitas vezes autodidatas pelo fato de procurar pela perfeição. Exemplos são: Michelangelo, Da Vinci, mas isso é uma coisa diferente, tem muito de retrato, né, o interior.

J: Eu não conto no livro, mas tem uma história fantástica que foi a seguinte: Havia um Clube chamado **Clube dos Cafajestes** que eram sujeitos riquíssimos que faziam cafajestagens das mais inacreditáveis. Então um deles tinha dois carros muito parecidos. Um que o cardeal tinha e outro que meu avô tinha. Eram cadillac conversíveis, este [apontando para o croqui no livro (Hue, 2010)] era fechado. Então veio a Guerra, estes carros tiveram que parar por falta de gasolina. O modelo era V12, consumia muita gasolina, e ele foi ficando velho, o do meu avô acabou sendo usado em uma lancha, e este do cardinal foi vendido por um dos membros do clube dos Cafajestes. Então o que ele fez: pôs roupa vermelha de cardinal, cercou-se de mulheres e desfilou na avenida dando a benção.

Jorge Hue pede que a Autora leia o seguinte trecho do livro: "O arquiteto é fundamentalmente um visionário, tem que ser também um pouco mágico para transmitir suas ideias, deve utilizar todos os recursos que dispõem. Tanto os intelectuais, como sua habilidade de conversar graficamente. Nunca consegui conversar com ninguém sem ao mesmo tempo desenhar. Muitas vezes nesta hora surgem coisas novas".

J: Veja bem, com todas as diferenças, com todas as situações consideradas neste Brasil, que tem toneladas de coisas no solo, de materiais extrativos, que um dia vão acabar, mas se não tomarmos cuidado, como se não tivermos cuidado com a cultura, nossa pobreza é cada vez maior. Se tivermos água, esgoto e lixo resolvido, pensa assim, a 200 anos atrás.

Jorge Hue pede que a Autora leia o seguinte trecho do livro: "Cabe, porém, uma análise profunda para que não nos acomodem as propostas que na verdade são ditas por nossa sociedade de consumo, o que vem melhorando é a percepção do homem. Sua dignidade, consciência e liberdade, nisso sou totalmente otimista. Pela primeira vez uso o tempo de outra maneira, dou-me ao luxo de ler algumas horas por dia, ouvir mais músicas e pensar continuamente. Na manipulação do meu tempo sou um diletante por definição, não é pejorativo, tenho um equipamento razoável de informação que me

permite navegar pelo tempo ligando uma coisa a outra, sem obrigações do corpo a corpo, que não poderia suportar mais fisicamente".

A: Na área de ambientação de interiores acabamos concorrendo com os chamados decoradores. Eu procuro estudar e divulgar esse segmento de atuação. O que mais poderia ser feito neste sentido?

J: Para isso você teria que ter o que não dão em faculdade e nenhum outro tipo de escola auxiliares, que é uma espécie de um desfilar de todas as coisas, do que se procura atualmente, o que vale a pena fazer é você lidar com uma possibilidade, na verdade nós temos que lidar, antes de mais nada, com a proporção, o equilíbrio e composição. Isso é importante. E o espaço na medida do possível. E nesta ambientação, que é uma coisa muito complicada, você lida com coisas que o mercado produz, e você lida com coisas afetivas, que são lembranças de cada um, que você tem que respeitar. Por exemplo: quanta coisa a gente guarda por questão de sentimento, de preservação de memória, de pessoas queridas que já faleceram e nos antecederam. E você colocar isso tudo junto do outro em um sentido harmônico e funcional no sentido de que tenha função. Porque quanta coisa que, se você pensar, logo depois da Guerra, a situação de iluminação mudou de maneira absurda. Hoje em dia, lâmpadas incandescentes não existem mais. E as pessoas confundem a economia da lâmpada incandescente com a lâmpada LED. Aquela luz fria, horrível, de cozinha de matadouro, mas, enfim, isso tudo tem que ter bom senso. Mas o problema é conhecer as coisas. Você tem milhares de livros que conduzem a isso.

[A Graça é minha secretária a 30 e poucos anos, e ela é mais de minha mulher do que minha. A minha mulher tem que fazer fisioterapia diária. Neste momento está fazendo. Graça, sabe aquele livro, que tem as imagens daquele meu curso de cadeiras. Aquele do Guilherme, que foi feito a partir daqueles rolos, está na sua sala. Aquele livro do IPP].

Essa é a obra do Jockey Club, que no momento está fechada. Por exemplo, neste trecho é todo com móveis do Sérgio (Rodrigues), que era muito meu amigo.

Eu vou mandar para você, depois você me deixa seu endereço, pois eu só tinha esse livro logo que saiu. Depois eu fui presidente da chamada Casa Lucio Costa e o primeiro livro que fizemos foi este aqui que eu vou mandar para você. É difícil de encontrar, eu vou dar um jeito de encontrar e mandar para você. Esse é a apresentação que eu faço e tem aqui uma coisa muito interessante. Você conhece o livro dele *Registro de uma vivência?*

A: Sim, conheço.

A: Quais foram as premissas do projeto do Jockey?

J: O projeto era de Lucio Costa e a obra estava parada.

A: Em edificações tombadas pelo patrimônio histórico, o que o senhor tem a dizer sobre as interferências dos proprietários, como as que ocorreram no Parque Guinle?

J: Isso é bastante vigiado. O Iphan não tem oportunidade econômica de intervir, mas tem a função policial de poder denunciar as coisas erradas.

[Este livro que tem a citação de Lucio Costa se referindo a Jorge Hue, na página 18 está esgotado, mas você pode encontrar em bibliotecas].

Este aqui é um trabalho, mais que uma tese, é algo que nunca publiquei que chama *Duzentos anos de aventura e estética*. É a história da cadeira contada por ela própria. Os desenhos são meus, são 56 desenhos que pegam as coisas mais variadas, desde a arquitetura de ferro, desde Torre Eiffel, a evolução de todas as coisas, de aventuras pela descoberta da Torre de Nápoles, Pompéia, Herculano. As originais estão todas comigo. Começa com a morte de Luís XIV, em 1715, até os primeiros tiros da primeira Guerra. Pedro Oswaldo Cruz quem fez as fotos. Este *[apontando para a figura 124]*, por exemplo, é a cadeira 14 de Thonet, que tem 6 peças. Algo genial. O mobiliário, antes de mais nada, é algo natural, quanto mais orgânico, é uma forma pura. Daqui a 200 anos é um clássico.

Só para mostrar a você o exercício. Estes *[apontando para a figura 125]* são móveis de Napoleão III, uma novidade, você tem o du Confident, que são cadeiras colocadas uma do lado da outra, e o Indiscret, que ouve a conversa das duas pessoas. Este *[apontando para a figura 126]*, já é o princípio do *art nouveau*. Agora sobre a Torre Eiffel *[figura 127]*, que é algo tão genial. Uma vez eu estive em um hotel em Paris, e cada andar era um ano da Torre Eiffel, isso é uma coisa muito engraçado, pois se você fizer uma circunferência e inscrever um quadrado nos quatro pés da torre, e considerar a altura, esse cilindro obtido tem o mesmo peso de ar que o ferro empregado nela.



Figura 125 – Croqui da cadeira número 14 de Michael Thonet

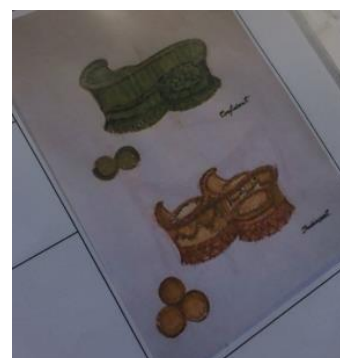


Figura 126 – Croqui das poltronas confidente



Figura 127 – Croqui cadeira estilo Art Nouveau

Isso foi mera coincidência, mas é extraordinário. Esta cadeira é muito inspirada [*Jorge Hue pede que a Autora experimente a cadeira desenhada por ele, figura 129*] nesta cadeira [*conforme figura 128*]. A cadeira que me inspirei não girava nem balançava, mas o todo é inspirado nisso.

Isso representa uma vida toda de muito estudo quando se chega a este resultado de saber o porquê das coisas.

[*Jorge Hue esclarece algumas dúvidas da autora sobre as obras do livro, (Hue,2010)]* **Casa de Hue** (página 36):

J: decomposição de um corrimão brasileiro mineiro, vem de Portugal, e coleção de azulejos que o arquiteto colecionou durante 30 anos. A casa já estava alugada no dia das fotos, eu não pude fotografá-la por completo.

Apartamento de Hue no Parque Guinle (página 38):

J: aqui destaco a Loggia, algo completamente brasileiro. Isso tudo [*apontando para os móveis*] eu tinha de outra casa, então, antes de mais nada, usei o bom senso. Página 45: este era o salão, tinha 12,5m. A Loggia era para chover à vontade lá fora e você abrir as portas e ficar completamente confortável com o ar circulando. Estes móveis grandes eu dei, são móveis brasileiros.

Casa dos Gouvêa Vieira (página 47):

J: obra que herdei no tijolo após a morte de Jacques Pillon, em 1962, então eu assumi e fiz três reformas nesta casa. Na idade dela eu fiz diversas adequações.

Enquanto eu trabalhei, tive fornecedores muito bons para os jardins, Roberto Burle Marx.

Página 53:

J: agora quando o João Pedro fez 80 anos, ele estava com problema sério de perna, e era um homem riquíssimo que podia se dar qualquer presente, ele deu-se a si próprio uma piscina térmica em que ele pudesse andar [*João Pedro Gouvêa Vieira faleceu em 2003, com 91 anos, então quando ele tinha 80 anos era 1992*].

Página 54:



Figura 128 – Croqui da torre



Figura 129 – croqui de poltrona que serviu de inspiração para a poltrona assinada pelo arquiteto



Figura 130 – poltrona assinada pelo arquiteto Jorge Hue. | Fonte: Acervo da Autora

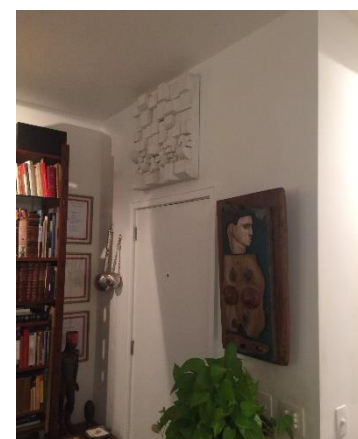


Figura 131 – São Miguel Mineiro, do artista Farnese de Andrade. | Fonte: acervo da autora.

J: corredor com capas de discos que são difíceis de armazenar.

Álbuns de discos e livros misturados.

Página 55:

J: aqui é a biblioteca onde fazem reuniões de interesse da família, em casa.

Página 57:

J: isso era uma espécie de uma garagem que utilizamos para fazer um pavilhão de diversas finalidades, que inicialmente foi utilizado para crianças. Então tem um toldo que corre em cima, uma tela que desce.

Casa do Jardim Botânico (página 59):

J: uma casa feita com o andar superior com pátio principal, você tem isso que é outra ponte, e uma entrada. Os clientes eram meus amigos e tinham coisas admiravelmente boas que você tinha azulejos do século XVIII da Fábrica Rato de Lisboa, que incendiou no incêndio de 1750, então são azulejos raríssimos. Eu nunca consegui projetar nada sem projetar o interior, você tem que ter uma ideia de como as pessoas vão viver. Tem uma fonte de caráter ibérico e muito nacional.

Página 65:

J: a estante foi projetada por mim, mas os móveis soltos são antigos.

Residência Rio de Janeiro (página 67):

J: é nesta mesma praia, os clientes tinham livros em quantidades muito grandes, com vista para o mar.

Residência Rio de Janeiro (página 72):

J: eu criei este tipo de divisória, que na verdade é um armário, pois isso corresponde a um lado um biombo e do outro um armário. Cada coisa que você abre dessas corresponde a uma folha de biombo, mas cada folha é um armário de louças. No jantar, um lustre de opalina antigo é usado apenas como um objeto.

Página 73:

J: os quadros são extremamente atuais, peças chinesas da melhor qualidade, cadeiras XVIII, enfim.

Casa Rio de Janeiro (página 75 a 79):

J: casa que fiz atrás da Pedra da Gávea, com venezianas móveis. Prefiro uma escada de verdade do que uma rampa mais ou menos.

Casa Residencial com pé direito duplo (página 83 a 85):

J: aqui só o salão tem pé direito duplo, ambiente com quadros que contêm figuras dos primeiros prédios da Av. Rio Branco.

Página 86:

J: quadros com pássaros pintados pelo Albert Eckhout, que veio na expedição de Maurício de Nassau, mesa de Ethel e cadeiras Philippe Starck forradas.

Apartamento Rio de Janeiro (página 89 a 90):

J: quadros José Pancetti (mesmo cliente da página 65). Aqui o mesmo banco da página 62. Quando as coisas estouram a proporção, atrapalham a composição ou extrapola a função, vale a pena não utilizar, pois se torna um estranho no ninho, do contrário, há móveis que merecem.

Obra de 1971 (mesmos móveis do apartamento de 1995)

A: As fotos dos projetos foram registradas no ano da publicação do livro?

J: Sim, eu fiz uma lista, entrei em contato com os clientes e fizemos esse registro dos trabalhos entre Rio de Janeiro e São Paulo. A única ressalva é que não aparecesse o nome de ninguém.

Casa com escada: Projeto com filho Jorge Eduardo Hue (página 96): projeto que foi uma aula de escada. Feito com o filho de Hue, Jorge Eduardo Hue, já falecido. A escada foi feita na marcenaria que ele tinha. Utilizamos documentos portugueses para resolver o problema dos degraus. À medida que você sobe a escada, você vai tendo situações que podem ser de uma forma ou de outra.

A: O senhor fotografava seus projetos?

J: Sim, tenho caixas e caixas, mas houve uma incompatibilidade das imagens que eu tinha com o sistema digital atual.

(Página 98 a 100):

J: estas prateleiras são de um material chamado Fico, que é uma coisa italiana, um tipo de ferragem muito forte, durável e resistente. Estas poltronas foi eu quem desenhei, ficam em frente a duas cadeiras Le Corbusier L6. Aqui uma coleção daqueles materiais de caça de patos, inclusive a cliente era americana, em que você colocava para caçar patos. Os cantos da esquadria são de vidro.

Área de piscina RJ (página 102 a 105):

J: piscina com raia completa, com uma prainha e uma cozinha gourmet.

A: O piso Brennand foi muito usado em seus projetos?

J: Sim, o Brennand é um pouco mais jovem que eu, fomos muito amigos. O Francisco está vivo ainda. É um piso cerâmico.

[Ricardo Coimbra de Almeida Brennand faleceu após essa entrevista, em 25 de abril de 2020].

Casa recorte na laje para zenital RJ (página 106):

J: a iluminação do tipo zenital acontece porque eu rompi a laje, e neste trecho eu fiz telhas de vidro, de maneira que dê uma iluminação perfeita para estes ambientes. Tive que respeitar as vigas.

Casa bicicleta RJ (página 110 e 113):

J: nesta casa não existia esta parte coberta, o teto da cobertura é retrátil. Poltronas assinadas por mim, mas que não são comercializadas. O estofador quem fez ainda está vivo. Ela balança e gira. No centro, um apoio feito por um banco em couro ocre. A esquadria é totalmente livre, tem partes fixas e móveis.

Apartamento Escada RJ (página 114 a 118):

J: galeria de um amigo meu que faleceu. Um dos maiores colecionadores brasileiros. Ele uniu dois apartamentos e colocou a coleção dele lá. A escada tem uma série de apoios, pois o proprietário teve um acidente vascular cerebral e necessitou disso. A escada tem apoios para se segurar em tudo. Independente do corrimão, há apoios. Aqui uma mesa do Mies Van Der Rohe. Ao invés do vidro se manter quadrado, eu troquei por um vidro redondo. Esta ambientação é destinada a um super colecionador, está um pouco entupido, mas há circulação em tudo. O teto era todo em vigas, então eu fiz abobadilhas, em que você ganhou o pé direito. Estas abóbadas foram feitas em gesso.

Casa na Barra RJ (página 121 e 125):

J: casa na Barra com 3 pátios, ela tem o pátio do serviço, depois um *hall*. Isso é uma coisa que eu projetei uma vez, que é o seguinte: é muito comum no Brasil que nós herdamos dos antepassados você ter a situação de haver um prédio e uma varanda, então por mais que você use colunas leves, a luz natural perde muito, então eu transferi esta varanda para cá. A varanda só tem duas águas, uma para cá e outra para lá.

A: Você tem a planta destes projetos?

J: Quando eu fechei o meu escritório, algumas coisas eu guardei, outras me desfiz. Algumas coisas eu dei.

Apartamento Rio de Janeiro (página 126 a 129):

J: aqui é a casa de um sobrinho meu que faleceu, e que tinha uma galeria, que eu fiz um teto em abóboda. Este é um piano histórico da vó do meu sobrinho.

Casa em SP (página 130 a 137):

J: esta foi uma casa que eu fiz a partir do projeto de Claudinho Bernardes, que veio a falecer. Painel feito pelo meu amigo, João Carlos Galvão, com o mesmo princípio deste que tenho em cima da porta. O do projeto da página 132 é enorme e todo em mármore. Aqui é uma piscina que entra e continua. O tecido das cadeiras é um tecido que eu encontrei, muito bonito, brasileiro, que é um espécie de Toile de Jouy, com imagens brasileiras de senzala. Aqui é um Baurum, Emile Baurum, um dos grandes pintores

viajantes do período de dona Tereza Cristina. Os sofás brancos são de Paschoal Ambrósio, estofador de SP. No centro, um grande banco de couro em que você pode colocar bandeja. Aqui a área subterrânea da casa. Aqui é possível ver o a iluminação oriunda da piscina, mesmo assim tem iluminação artificial.

Palácio em SP (página 139 a 153):

J: eu conto a história deste dia no livro, peço que assista o filme **Laura** (Otto Preminger 1944). Gazebo com estrutura em ferro. Cadeiras forradas para preservar o tecido enquanto os moradores estavam fora. Essa cadeira é uma cadeira Bruno do **[inaudível]**. Mobiliário de Goua, que era escuro, para depois pintar da cor das treliças que eu fiz do biombo. O piso é todo em mármore inspirado em coisas do Renascimento. A poltrona Ghost, de Cini Boeri, em vidro, é completamente moderna, e eles têm luminárias Galé. Estes biombos são os mesmos da treliça, aliás, a fórmula eu tenho e presenteei alguém em escala verdadeira. Aqui detalhe da treliça. Esta é uma sala de jantar, que na época eu conheci um professor da Universidade de Mackenzi, que era um engenheiro elétrico, e como ela era completamente fresca, essas cadeiras são Chippendale verdadeiro. Também estão com capa, pois estavam viajando. Então este lustre, que é de velas, você aperta o botão, o lustre desce, você acende todas as velas e sobe o lustre. Isso é uma coleção verdadeira de Gallés. Em algumas delas, alguns elefantes, em obras que representam diversas obras do dia, que chegam ao crepúsculo. Então essa parede do fundo, que tinha 25cm de profundidade, eu pude fazer esses dois nichos. Aqui é uma biblioteca em que você tem uma tela que desce, isso é um Bandeira, isso é uma lareira verdadeira. Isso são esculturas verdadeiras Chiparus em bronze e marfim, que separadas eu não gosto, mas juntas são um espetáculo, com luz certa e nichos proporcionais a elas, com a estante em verde celadon, que se liga com os vasos Companhia das Índias em branco e azul **[Escultura criselefantina do escultor art-deco, Demétre Chiparus (1886-1947)]**.

Casa em Búzios (página 154 a 157):

J: casa em Búzios em uma baía chamada *Ferradurinha*. Um tijolar foi instalado em todo o térreo. Na sala de bilhar, algumas partes do teto em vidro.

Casa em Cabo Frio/RJ (página 162):

J: parede de salga, de pedra, do século XVIII, que era de uma casa abandonada. Estas paredes tinham buracos, eu aproveitei a parede e fiz a casa.

Casa Nogueira/RJ (página 165):

J: esta casa eu fiz com outro filho meu. A casa foi toda baseada em **[inaudível]** Provence.

Casa em Teresópolis/RJ (página 175):

J: esta escada fica embutida no gramado.

Casa em Itaipava/RJ (página 180 a 188):

J: fizemos um pavilhão todo de vidro, que só tem apoios laterais, para coleção de Orquídeas. Isso é uma tela, que cada folha gira no próprio eixo, que cria proteção para bixos. No fundo, sala só para o casal com livros. Aqui é a sala citada acima. Aqui o quarto dos proprietários. Olhando agora por dentro do chapéu, é uma espécie de ombrelone gigante, que tem 8 e pouco por 8 e pouco, só com apoios laterais mínimos. Piso Brennand.

Casa em Araras/RJ (página 190 a 198):

J: esta é uma casa que está enterrada. Você enxerga de baixo para cima e de cima para baixo. Embaixo tem aquele pátio da sala de jantar, eu aproveitei esta pedra linda que tem água correndo todo o momento. Lido o seguinte trecho do livro: "Há uma curiosa alegria de ver as coisas de cima para baixo, como também de baixo para cima. Isso é um privilégio, porque afinal a Alice só conheceu a entrada da toca, jamais a volta pelo túnel em que caiu, perseguindo o coelho".

J: este é todo um trecho com teto de grama. Trelças em carretéis de fios de aço. A linha é tracionada, então se movimenta pouco. Esta sala de jantar dá para a cozinha, que pode ficar aberta. O deck encosta na pedra e a água passa por aqui.

Casa Rio Claro/SP (página 210):

J: fazenda Centenário em São Paulo, escadaria com azulejos portugueses.

Casa Passa Três/RJ (página 225 a 226):

Página 225: garagem em que eu aproveitei a ideia das tesouras. Telhado com telha avan, mas com uma situação muito usada em Recife, que é essa estrutura com espaço de 1cm para ventilação do telhado.

Escritório RJ (página 244):

J: isso é um móbile e não uma luminária com cores da Bauhaus.

Sala Egípcia do Museu Nacional (página 249):

J: deu um trabalho incrível, além da responsabilidade inacreditável.